



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E CULTURA

PAULO HENRIQUE TROCOLI DA SILVA

**SEIS MÃOS E UM ROTEIRO: O ESTUDO DO PROCESSO DE CRIAÇÃO DO
ROTEIRO DA MICROSSÉRIE A *PEDRA DO REINO***

Salvador

2013

PAULO HENRIQUE TROCOLI DA SILVA

SEIS MÃOS E O ROTEIRO: O ESTUDO DO PROCESSO DE CRIAÇÃO DO ROTEIRO
DA MICROSSÉRIE A *PEDRA DO REINO*

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia – UFBA, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Silvia Anastásio.

Salvador

2013

Sistema de Bibliotecas da UFBA

Silva, Paulo Henrique Trocoli da.

Seis mãos e o roteiro : o estudo do processo de criação do roteiro da microssérie *A pedra do reino* / Paulo Henrique Trocoli da Silva. - 2013.

144 f.: il.

Inclui apêndices e anexos.

Orientadora: Profª. Drª. Silvia Anastásio.

PAULO HENRIQUE TROCOLI DA SILVA

**SEIS MÃOS E UM ROTEIRO: O ESTUDO DO PROCESSO DE CRIAÇÃO DO ROTEIRO DA MICROSSÉRIE A
*PEDRA DO REINO***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Letras.

Local e data de aprovação:
Salvador, 13 de junho de 2013.

Componentes da Banca Examinadora:

Profa. Dra. Sílvia Maria Guerra Anastácio (UFBA)
(Orientadora)

Profa. Dra. Cleise Furtado Mendes (UFBA)
(Membro)

Profa. Dra. Sílvia La Regina (UFBA)
(Membro)

*Aos sonhos, essa mágica de Deus que,
diariamente, alimenta as nossas almas.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço aos meus pais, Eduardo Damasio e Ana Maria, por terem colocado em minha alma o mundo de fantasias; peça-chave da minha trajetória profissional e de vida.

Agradeço a professora Sílvia Anastácio pela gentileza de aceitar ser a minha orientadora, que embarcou na minha ideia de fazer uma dissertação no formato de roteiro. Mulher de Guerra, mas nunca desleal.

Agradeço a dupla de geneticistas que deram apoio em todas as horas: Sirlene Goés e Sandra Correa. Gentileza, amizade e companheirismo nas horas genéticas mais difíceis e desestimulantes.

Ao colega de mestrado, e maluco, Ivo Falcão, agradeço a liberdade de dizer piadas infames e desnecessárias, quando tudo parecia dar errado.

Aos meus irmãos, Eduardo e Ana Paula, agradeço o apoio e as horas de conversa.

Por fim, agradeço a ela, Adriane Minho, pacotinho de alegria, amor e sonhos...

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo levantar hipóteses sobre o processo de criação do roteiro da microssérie *A Pedra do Reino*, programa levado ao ar pela Rede Globo em 2007, tendo como ponto de partida a obra literária de Ariano Suassuna: *O Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vi-e-Volta*. A partir dos documentos de trabalho dos roteiristas Luis Alberto de Abreu, Bráulio Tavares e Luiz Fernando Carvalho, fundamentamos a análise nas cenas de implantação da história. Para atingir nossos objetivos, optou-se pelo diálogo dos procedimentos teórico-metodológicos da crítica genética com textos sobre criação de roteiros. Visando aproximar o presente estudo do objeto analisado, a parte central da dissertação foi escrita em formato de roteiro, a fim de articular a forma e o conteúdo da pesquisa realizada. O grupo alvo desta dissertação são estudiosos de crítica genética, de tradução audiovisual e criação de roteiros.

Palavras-chave: Microssérie. *A Pedra do reino*. Roteiro. Crítica genética. Audiovisual.

ABSTRACT

The purpose of the present study is to raise hypotheses about the process of creation of the micro series script of *A Pedra do Reino*, program aired by Rede Globo in 2007 and that payed homage to Ariano Suassuna's *O Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vi-e-Volta*. By investigating Luis Alberto de Abreu's, Bráulio Tavares's e Luiz Fernando Carvalho's working documents of the referred micro series script, we based our analysis on scenes related to the implantation of the story. To fulfill our aim, we used the methodological and theoretical procedures of genetic criticism, together with texts on audiovisual translation. This dissertation was written in screenplay format, so as to approach the form and content of the research. The target group of this dissertation are people interested in genetic criticism, in audiovisual translation and also script creation

Keywords: *A Pedra do Reino* micro series. Script. Genetic criticism. Audiovisual.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Cena 1 do documento “CENA-A-CENA - 02 – ABREU – Livro 1.rtf.docx”.....	38
Figura 2 - Cena 1 do documento “CENA-A-CENA - 17 – ABREU – DTRA – Novo capítulo 1 (2).docx”.....	38
Figura 3 - Nomenclatura específica dos documentos de processo enviados pelos autores	40
Figura 4 - Tabela cronológica dos <i>emails</i>	41
Figura 5 - Tabela cronologica dos <i>emails</i> , recorte 17/03.....	42
Figura 6 - 04 – ABREU + BT – Livro 1.rtf, página 2.....	54
Figura 7 - “04 – ABREU + BT – Livro 1.rtf”, página 59, grifo nosso.	55
Figura 8 - " 18 - ABREU + BT - Capilütulo 1 revisado.doc", página 2.”.....	56
Figura 9 - " 18 - ABREU + BT - Capilütulo 1 revisado.doc", páginas 17 – 18.	57
Figura 10 - “23 - ABREU + LFC - Pedra do Reino Cap 1 Versão Final-I.doc”, página 2.....	58
Figura 11 - “23 - ABREU + LFC - Pedra do Reino Cap 1 Versão Final-I.doc”, páginas 5-6.....	59
Figura 12 - @1.....	62
Figura 13 - @49.....	63
Figura 14 - Roteiro no formato A/V	68
Figura 15 - “02 – ABREU – Livro 1.rtf, página 6”	69
Figura 16 - Cabeçalho da cena 1 do roteiro do filme “Cidade de Deus”	71
Figura 17 - “07 – ABREU – Livro 1.rtf, página 6, cena 9”.	72
Figura 18 - “02 – ABREU – Livro 1.rtf, página 16”.	74
Figura 19 - 02 – ABREU – Livro 1.rtf, página 6.....	74
Figura 20 - “04 – ABREU + BT – Livro 1.rtf”	92
Figura 21 - “04 – ABREU + BT – Livro 1.rtf”, cabeçalho da cena 1.....	93
Figura 22 - 04 – “04 – ABREU + BT – Livro 1.rtf”, rubrica da cena 1.	94
Figura 23 - “04 – ABREU + BT – DTRA – Livro 1.rtf”, página 5, cena 6.	97
Figura 24 - Fala de Quaderna	98
Figura 25 - “04 – ABREU + BT – DTRA – Livro 1.rtf”, página 7.....	99
Figura 26 - “04 – ABREU + BT – DTRA – Livro 1.rtf”, página 15.....	100
Figura 27 - “18 - ABREU + BT - Capilütulo 1 revisado.doc”, página 2	104
Figura 28 - “18 - ABREU + BT - Capilütulo 1 revisado.doc”, página 3.....	105
Figura 29 - “18 - ABREU + BT - Capilütulo 1 revisado.doc”, cabeçalho.....	105
Figura 30 - “18 - ABREU + BT - Capilütulo 1 revisado.doc”, rubricas	106

Figura 31 - “18 - ABREU + BT - Capitulo 1 revisado.doc”, diálogos	107
Figura 32 - “18 - ABREU + BT - Capitulo 1 revisado.doc”, página 20, cena 18.	109
Figura 33 - “18 - ABREU + BT - Capitulo 1 revisado.doc”, página 20, cena 18, rubrica. .	110
Figura 34 - “18 - ABREU + BT - Capitulo 1 revisado.doc”, página 55 – 56 (trecho)	111
Figura 35 - “23 - ABREU + LFC - Pedra do Reino Cap 1 Versão Final-I.doc”	124
Figura 36 - “23 - ABREU + LFC - Pedra do Reino Cap 1 Versão Final-I.doc”, cabeçalho de cena.	124
Figura 37 - “23 - ABREU + LFC - Pedra do Reino Cap 1 Versão Final-I.doc”, rubrica da cena de Abertura.	125
Figura 38 - “23 - ABREU + LFC - Pedra do Reino Cap 1 Versão Final-I.doc”	126
Figura 39 - “23 - ABREU + LFC - Pedra do Reino Cap 1 Versão Final-I.doc”, cabeçalho de cena.	126
Figura 40 - “23 - ABREU + LFC - Pedra do Reino Cap 1 Versão Final-I.doc”, rubrica.	127
Figura 41 - “23 - ABREU + LFC - Pedra do Reino Cap 1 Versão Final-I.doc”, rubrica.	129

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Comparativo de cabeçalho de cena I	112
Tabela 2 - Comparativo de rubricas I.....	116
Tabela 3 - Comparativo de rubricas II	119
Tabela 4 - Comparativo de diálogos I.....	122
Tabela 5 - Comparativo de rubricas III.....	130
Tabela 6 - Comparativo de rubricas IV.....	131
Tabela 7 - Comparativo de cabeçalho de cena II.....	133
Tabela 8 - Comparativo de cabeçalho de rubrica V.....	134

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	12
2.	A CHEGADA DA "ESTRANHA CAVALGADA"	19
2.1	A CHEGADA DOS DOCUMENTOS DE TRABALHO	25
2.2	O PROCESSO DE CRIAÇÃO DO ROTEIRO DA MICROSSÉRIE	27
2.3	ORGANIZAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DOS DOCUMENTOS DO DOSSIÊ GENÉTICO	34
3	O DOSSIÊ GENÉTICO	46
3.1	PROTOTEXTO	46
3.2	OS DOCUMENTOS DO PROTOTEXTO	53
3.3	RECORTE	60
3.4	ROTEIRO	64
3.5	FUNÇÃO DO ROTEIRISTA ROTEIRO	75
3.6	MÉTODO DE TRABALHO DOS ROTEIRISTAS PROFISSIONAIS	77
3.7	MÉTODO DE TRABALHO DOS ROTEIRISTAS PROFISSIONAIS	77
4	ANÁLISE E MOVIMENTOS GENÉTICOS	90
4.1	ANÁLISE TEXTUAL DO PRIMEIRO DOCUMENTO DO PROTEXTO	92
4.2	ANÁLISE TEXTUAL DO SEGUNDO DOCUMENTO DO TROTEXTO	103
4.3	MOVIMENTOS GENÉTICOS ENTRE OS DOIS PRIMEIROS DOCUMENTOS DO PROTEXTO	112
4.4	ANÁLISE TEXTUAL DO TERCEIRO DOCUMENTO DO PROTEXTO	123
4.5	COTEJO DE MOVIMENTOS GENÉTICOS ENTRE O SEGUNDO E TERCEIRO DOCUMENTOS	129
4.6	COTEJO DE MOVIMENTOS GENÉTICOS ENTRE O TERCEIRO E O PRIMEIRO DOCUMENTOS	132
4.7	O PAPEL DE LUIZ FERNANDO CARVALHO	136
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	140
	REFERÊNCIAS	143
	APENDICE A - Documentos do protexto (em CD-ROM)	144
	APÊNDICE B - Tabela com a cronologia dos <i>emails</i> (em CD-ROM)	144

1. INTRODUÇÃO

Atualmente existem diversas formas de se compreender o processo de criação de uma determinada obra. Pode-se fazer por meio de cursos, da leitura de relatos de criadores, por meio de vídeos do site *Youtube* que são capazes de ensinar a como realizar modificações de fotos através do uso do *software* de tratamento de imagens *Photoshop* e até por meio do próprio ato de criar utilizando como referência o próprio repertório acumulado pelo criador. Diante desta profusão de possibilidades de se compreender o processo de criação de uma obra artística, uma, em particular, rapidamente despertou o meu interesse e me absorveu ao longo destes últimos três anos. Estou falando do eixo teórico-metodológico conhecido como Crítica Genética.

Mas o que seria Crítica Genética?

Primeiramente é importante dizer: Crítica Genética não tem nada a ver com biologia - o estudo do DNA humano ou qualquer coisa do tipo. Crítica Genética compõe-se como um ramo de estudo que busca compreender o processo de criação de obras – sejam elas artísticas ou não –, tomando como base os seus “documentos de processo” de criação; o que Cecília Almeida Salles (SALLES, 2008, p.38) define como “registros materiais do processo criador. São retratos temporais de uma gênese que agem como índices do percurso criativo”. Ou seja: sabe aqueles rascunhos que você escreve e reescreve que são importantes para se chegar ao produto final de sua dissertação? Pois é. A Crítica Genética se baseia nele para compreender o processo de criação de uma determinada obra. É a parte dos indícios físicos deixados sobre tais documentos que a Crítica Genética vai tentar levantar hipóteses sobre como se operou o processo de criação de uma determinada obra. Mas é importante dizer o seguinte: a Crítica Genética não estuda apenas obras literárias, mas, sim, qualquer tipo de obra, seja ela de caráter artístico ou não. As diversas versões desta dissertação, por exemplo, poderia muito bem ser objeto de estudo da Crítica Genética – isto, é claro, se alguém desejar tomá-la como objeto de estudos.

Uma coisa, entretanto, é importante de ser dita. Esta concepção da Crítica Genética e do seu objeto de análise data de um período mais recente, especificamente dos anos 90 do século passado. Afinal, o que a história da Crítica Genética nos apresenta é que o seu propósito e seu objeto de estudo nasceram de maneira mais demarcada – mais voltada para um determinado

tipo de obra -, mas isto, é claro, devido às próprias necessidades do momento. Considere o que Grésillon diz a respeito sobre o objeto e a finalidade da Crítica Genética:

Oponde-se à fixidez e ao fechamento textual do estruturalismo, do qual herdou, entretanto, os métodos de análise e as reflexões sobre a textualidade, respondendo à estética da *recepção* ao definir os eixos do ato de *produção*, a crítica genética instaura um novo olhar sobre a literatura. Seu objeto: os manuscritos literários, na medida em que portam o traço de uma dinâmica, a do texto em criação. Seu método: o desnudamento do corpo e do processo da escrita, acompanhado da construção de uma série de hipóteses sobre as operações escriturais. Sua intenção: a literatura como um *fazer*, como atividade, como movimento (GRÉSILLON, 2007, p.19.).

Ora, o surgimento da Crítica Genética se deu no ano de 1968, num instituto de pesquisa francês, o *Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS)*, a partir de problemas metodológicos que alguns pesquisadores - liderados por Almuth Grésillion e Louis Hay -, enfrentaram ao se depararem com os manuscritos literários do poeta alemão Heinrich Heine, que tinham acabado de chegar à Biblioteca Nacional da França (BNF). A Crítica Genética nasceu, portanto, como uma metodologia de análise do processo de criação de obras literárias, tendo como objeto de estudo os manuscritos de um determinado escritor.

De uma metodologia de análise do processo de criação de obras literárias, os pesquisadores da Crítica Genética – também chamados de geneticistas -, foram, pouco a pouco, vislumbrando a possibilidade de estudar processos criativos realizados em outros meios e suportes. Salles (2008), por exemplo, demonstra que a possibilidade de estudar outros processos criativos já estava inserida na Crítica Genética como potência:

“A Crítica Genética, que vinha se dedicando ao estudo dos manuscritos literários, já trazia consigo, desde seu surgimento, a possibilidade de explorar um campo mais extenso, que nos levaria a poder discutir o processo criador em outras manifestações artísticas” (SALLES, p.15)

Foi a partir dos anos 90 que os estudos em Crítica Genética expandiram o seu horizonte de pesquisa e passaram a abarcar outros processos de criação, incluindo os das belas artes e dos meios de comunicação de massa, tais como: a pintura, escultura, teatro, cinema, televisão, rádio, dentre outros.

“A partir de meados dos anos 90, os estudos genéticos estão vivendo uma época de exploração e alargamento de horizontes. O tempo de reflexões sobre os princípios fundamentais e a legitimidade da disciplina abriu espaço para a ação transdisciplinar da crítica genética. Essa transdisciplinaridade, no início do desenvolvimento dessa abordagem, estava limitada à diversidade de teorias que eram acionadas, por diferentes pesquisadores, para a abordagem dos manuscritos estudados e, assim, diferentes ângulos da criação literária eram explicados” (SALLES, 2008, p.13).

É dentro desse contexto que o pesquisador do processo de criação da microssérie *A Pedra do Reino* (2007), proponente da presente dissertação, se insere. Tomando como objeto principal os documentos de preparação e as diferentes versões do roteiro literário da referida microssérie, buscou-se levantar hipóteses sobre o seu processo de criação. Para tanto, tal análise utilizou-se do eixo teórico-metodológico da Crítica Genética (BIASI, 2010; GRÉSILON, 2007; SALLES, 2008) aliada a estudos sobre o processo de criação de roteiros audiovisuais (FIELD, 2001; MACIEL, 2003; GUIMARÃES, 2009; COMPARATO, 2009).

Só é importante dizer que o roteiro da microssérie *A Pedra do Reino* foi escrito pelos roteiristas-autores Luiz Fernando Carvalho, Bráulio Tavares e Luis Alberto de Abreu, tendo como ponto de partida a obra literária *Romance d'A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta* (1971), do autor paraibano Ariano Suassuna.

Uma observação:

Antes de se avançar as páginas deste trabalho é importante que se diga algo sobre a forma escolhida para expor os resultados obtidos nesta pesquisa: como a Crítica Genética busca, a partir das diferentes versões dos documentos de processo de criação, levantar hipóteses sobre o processo de criação de uma determinada obra, é fundamental salientar algumas palavras da autora Cecília Almeida Salles, que apresentam a escolha, no que tange à forma, aplicada a esta dissertação. Salles (2008), ao fazer a demarcação da Crítica Genética sob a perspectiva do seu objetivo, diz que tal eixo teórico-metodológico, ao tentar compreender o processo de criação de uma determinada obra, não tem “a pretensão de encontrar fórmulas explicativas para esse fenômeno de grande complexidade, mas a tentativa de se aproximar, por diferentes ângulos, desse processo responsável pela geração de uma obra de arte.” (SALLES, 2008, p.26). Dessa maneira, ao buscarmos nos aproximar do processo de criação do roteiro da microssérie *A Pedra do Reino* não poderíamos deixar de pensar em escrever os resultados obtidos na sua análise, sob a sua forma peculiar, ou seja: a forma de um roteiro. E, para isso, o pesquisador teve que rememorar dois estágios de sua vida acadêmica, que respectivamente deram margem à construção da personagem do roteiro aqui apresentado, a saber: O DISSERTADOR.

Contudo, para tecer a apresentação da presente dissertação sob tal forma foi necessário adotar certos critérios balizadores que, agora, apresentamos:

1. Quanto à forma roteiro:

Seguiram-se as características adotadas pelos roteiristas da microssérie *A Pedra do Reino*, ou seja, o formato americano - que será explicado no seu devido tempo -, com algumas adaptações:

1.1 Como se trata de uma dissertação de mestrado - portanto, para fins acadêmicos -, decidiu-se inserir, no corpo do roteiro, imagens que ajudassem a apresentar ao leitor as características físicas dos documentos investigados e que permitissem a visualização dos movimentos de gênese efetuados pelos roteiristas-autores da microssérie no momento da elaboração do objeto de estudo.

1.2 Para ressaltar a diferença das falas criadas pelo pesquisador das falas correspondentes às citações retiradas dos teóricos e roteiristas da microssérie em estudo, colocamos as últimas em *itálico*. Tal procedimento foi necessário uma vez que os teóricos que embasaram tal análise, assim como os próprios roteiros do objeto de estudo, se transformaram em personagens integrantes da narrativa, interagindo com os protagonistas da história. Entretanto, nenhuma fala foi criada para esses personagens que não tivessem a ver com o conteúdo de suas obras.

2. Quanto às citações:

2.1 Foram reproduzidas *ipsis litteris*, sem qualquer modificação em seu conteúdo, ainda que vissemos algum erro; sendo assim, optamos por não usar o termo (sic), uma vez que a presença de tal termo, na fala de um personagem, seria estranho;

2.2 Foram colocadas em **negrito** quaisquer palavras, que na obra citada, estivessem em *itálico*, já que os personagens e suas respectivas falas foram apresentados em *itálico*;

2.3 Para introduzir referências relativas às citações do texto, como (autor, ano de publicação da citação e sua página) foram utilizados recursos do meio audiovisual, dentre eles um chamado “legenda” ou *lettering*. Em determinados casos, por se tratar de um trabalho que se presume também artístico, optou-se por soluções criativas que, ao final, também foram capazes de trazer semelhantes dados de referência ao seu leitor;

3. Quanto às regras da ABNT para citações:

Após um teste realizado no qual modificamos a formatação padrão de uma citação com até três linhas (*Times New Roman*, tamanho 12) para a formatação do modelo de roteiro aqui adotado (*Courier New*, 12) percebemos que houve uma expansão da quantidade de linhas ocupadas, aumentando para 7. Dessa maneira, as citações que aparecerem aqui, neste trabalho, com até 7 linhas, deverão ser consideradas como citações simples.

3.1 Com mais de três linhas, definiu-se:

- a) Para não termos que alterar a estrutura do roteiro em função das regras da ABNT que dizem que nas citações com mais de três linhas deve-se fazer o recuo de margem, a redução no tamanho da fonte e o uso do espaçamento simples, optamos por utilizar recursos próprios do meio audiovisual para evitar fazer esse tipo de citação.

3.2 Quanto às imagens que aparecem no corpo do texto e que devem vir com a sinalização de “IMAGEM”, em sua parte superior, também foram apresentadas em forma de legenda/*lettering*, de tal forma que, se o roteiro fosse produzido, o espectador veria na tela a norma da ABNT.

4. Quanto ao uso de alguns termos técnicos:

4.1 CENA – É toda a ação que acontece num determinado espaço e num determinado tempo. Alterada uma dessas condições, altera-se a cena.

4.2 CORTA PARA – Sinalização para o diretor e equipe de produção que, naquele momento, aquela cena corta e, logo após, começa outra.

4.3 FADE - Transição gradual entre uma cena e um fundo neutro: *fade in* ‘o aparecimento’ gradual da cena; *fade out* o ‘desaparecimento’ gradual da cena” (WATTS, 1999).

4.4 LETTERING – Termo também conhecido como Legenda ou GC que indica informações a serem inseridas sobre uma determinada imagem audiovisual. Seu posicionamento na imagem pode ser escolhido no momento da escrita do roteiro/programa. É muito comum no meio audiovisual.

4.5 *OFF* – Termo também conhecido como *voice over (V.O)*: é uma narração ou um comentário feito sobre a imagem em que o emissor da voz não é visto, só ouvido.

5. Quanto aos roteiristas/personagens:

5.1 ABREU – Seu nome é Luis Alberto de Abreu. De pele parda, tem em torno de 60 anos e possui cabelos grisalhos. É dramaturgo e roteirista, tendo escrito diversas peças, filmes e programas de televisão, tais como: *Maria* (1985); *Lila Rapper* (1997), *Kenoma* (1998), *Narradores do Vale de Javé* (2000), *Andar às Vozes* (2005), *Hoje é Dia de Maria* (2005) e *A Pedra do Reino* (2007). Já recebeu diversos prêmios, tais como: *Associação Paulista de Críticos de Arte* (APCA – 1980, 1982, 1985, 1996), *Prêmio Mambembe do Instituto Nacional de Artes Cênicas* (1982), *Prêmio Mambembe* (1995), *Prêmio Panamco* (2002) e *Prêmio Shell* (2004).

5.2 BT - Seu nome é Bráulio Tavares. De pele clara, tem por volta de 60 anos. Usa óculos do tipo semi-flutuante. Seu cabelo é liso - pretos na parte de cima da cabeça e brancos na parte lateral, próximos da orelha. É escritor, poeta, compositor e roteirista. Estudou cinema na Escola Superior de Cinema da Universidade Católica, de Minas Gerais. É pesquisador de literatura fantástica e ficção científica, compilou a primeira bibliografia do gênero de ficção científica na literatura brasileira, o *Fantastic, Fantasy and Science Fiction Literature Catalog* (Fundação Biblioteca Nacional, Rio, 1992), Possui uma coluna diária no jornal da Paraíba, de Campina Grande. Seus artigos também são publicados em seu blog: www.mundofantasma.blogspot.com.br. Foi co-roteirista do filme *Ojuara: O homem que desafiou o diabo* (2007), juntamente com Nei Leandro de Castro e o diretor Moacyr Goes. da microssérie *A Pedra do Reino* (REDE GLOBO, 2007), juntamente com Luis Alberto de Abreu e Luiz Fernando Carvalho.

5.3 LFC - Luiz Fernando Carvalho de Almeida, nas artes Luiz Fernando Carvalho. Nascido no Rio de Janeiro, tem 53 anos. Possui cabelos negros e pele parda. Atua como cineasta, roteirista e diretor. Estudou arquitetura e letras, começando no audiovisual como estagiário. Já foi diretor assistente de

diversas minisséries, como *O Tempo e o Vento e Grande Sertão: Veredas*. Escreveu e dirigiu o curta metragem *A Espera* (1986). Alguns dos seus trabalhos são: *Riacho Doce* (1990), *Pedra sobre Pedra* (1992), *Renascer* (1993), *A Farsa da Boa Preguiça* (1995), *O Rei do Gado* (1996), *Os Homens Querem Paz* (1991), *Uma Mulher Vestida de Sol* (1994), *Os Maias* (2001) e *Hoje é Dia de Maria* (2005). Em 2001 dirigiu se primeiro longa metragem, *Lavoura Arcaica* (2001), sendo bastante elogiado pela crítica.

1. INT. SALA DE REUNIÕES/UFBA – FIM DA TARDE

Sala pequena, apertada. Apenas uma mesa circular de reunião com quatro cadeiras à sua volta.

Uma das cadeiras está vazia. Nas outras, TRÊS MULHERES, com mais de 45 anos, do tipo acadêmicas, estão sentadas. Não vemos quem são.

A porta da sala se abre e O DISSERTADOR, um jovem de 26 anos, com camisa de tecido azul, entra em silêncio e senta na cadeira vazia.

Ele mal se ajeita na cadeira, e então o diálogo começa, com a MULHER TRÊS, a mais velha do grupo, fazendo perguntas sem parar.

MULHER TRÊS

Os documentos do processo de criação que você se refere no seu projeto, você os tem?

O Dissertador olha para a Mulher Um, que abaixa a cabeça.

O DISSERTADOR (ASSUSTADO)

Não...

MULHER TRÊS

Então, como você pretende fazer esta sua pesquisa?

O DISSERTADOR

Eu vou consegui-los.

MULHER TRÊS

Quando?

O DISSERTADOR

Em breve. Já entrei em contato com os autores.

MULHER TRÊS

Sua resposta é genérica demais. Além do que, e se você não conseguir? O mestrado dura apenas dois anos. O tempo passa rápido para apostarmos num projeto que não se tem os documentos para análise.

Mulher Dois toca no braço da Mulher Três como que pedindo a palavra.

MULHER DOIS

Como você pretende estudar tais documentos?
Pretende fazer uma edição?

O DISSERTADOR

Eu não sei se farei uma edição.

Mulher Três bate fortemente com a mão na mesa, assustando a todos.

MULHER TRÊS

Você não sabe?!

O DISSERTADOR

Não.

As mulheres se entreolham. Mulher Três se reencosta na cadeira.

MULHER TRÊS

Eu não tenho mais nada a dizer. Para mim este projeto é apenas uma ideia genericamente formulada. Se vocês quiserem falar alguma coisa, fiquem à vontade.

As duas mulheres balançam a cabeça, sem nada para dizer.

MULHER UM

Obrigado por sua presença. Nós vamos agora conversar para chegar a um consenso. Em breve, o resultado será divulgado.
Obrigado.

O Dissertador se levanta da cadeira e anda em direção à porta, completamente em silêncio.

CORTA PARA:

2. INT. CORREDOR/UFBA – FIM DA TARDE

O DISSERTADOR anda pelos corredores, cabisbaixo.

O DISSERTADOR

(OFF)

Não sei se foram estas as palavras usadas. Só sei que naquele dia me senti completamente perdido. Como se todas as minhas palavras estivessem erradas ou que ainda não tivesse tempo para dúvidas. Só

sei que foi naquele dia que eu decidi que faria de tudo para realizar meu estudo sobre o processo de criação da microssérie *A Pedra do Reino*. E quando eu digo TUDO, estou dizendo isso, de verdade.

FADE OUT.
SOBEM CRÉDITOS.

3. INT. QUARTO/CASA DE O DISSERTADOR/SALVADOR - DIA

FADE IN:

LEGENDA: 2 anos depois...

Um pequeno quarto, silencioso, com um pequeno ventilador portátil no chão, que se movimenta de um lado para outro.

Espalhados pelo chão, numa organização caótica, estão dezenas de roupas, folhas de papel e livros, dentre os quais pode-se ver a capa de: *Elementos de Crítica Genética: Ler os manuscritos modernos* (GRÉSILLON, 2010), *Romance d'A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta* (SUASSUNA, 2007), *Crítica Genética: fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística* (SALLES, 2008), *A genética dos textos* (BIASI, 2010), *Manual do Roteiro* (FIELD, 2001) e *Da criação ao roteiro: teoria e prática* (COMPARATO, 2007). Na capa de cada um desses livros está a folha de um pequeno bloco de *post-it*, na cor amarela, em que foram registradas algumas notas sobre os princípios teórico-metodológicos a serem seguidos por O Dissertador.

O TELEFONE TOCA, fazendo com que O DISSERTADOR acorde num pulo.

Cambaleante, ele anda até o celular que está no chão e o pega. Olha para o visor, que mostra "Orientadora" e, em seguida, de maneira relutante, o atende.

O DISSERTADOR
(DISFARÇANDO A VOZ DE SONO)

Alô? (T) Oi professora, tudo bem?

ORIENTADORA
(OFF)

Você tem uma hora para estar aqui na minha sala. Não se atrase.

O Dissertador tira o telefone do ouvido.

O DISSERTADOR
Vixe! É hoje que eu me ferro.

CORTA PARA:

4. INT. SALA DA ORIENTADOR/UFBA - DIA

Sala pequena, iluminada, com escrivaninhas e armários embutidos nas paredes. Acima da janela, pode-se ver um ar condicionado do tipo *split*. Ele está ligado. O frio na sala é grande.

A porta da sala se abre, O DISSERTADOR entra e vê a ORIENTADORA sentada numa das cadeiras, séria. Ela veste uma camiseta regata, típica do verão.

O DISSERTADOR

Bom dia, professora.

Ela aponta para uma cadeira e O Dissertador rapidamente senta nela.

O DISSERTADOR

(OLHA AO REDOR DA SALA)

Que frio! A senhora não está sentindo?

ORIENTADORA

(RÍSPIDA)

Daqui a pouco, aqui vai ficar quente pro diabo. Mas, me diga, o que você andou aprontando, hein?

O DISSERTADOR

Eu?!

ORIENTADORA

Existe mais alguém aqui?

O Dissertador dá de ombros.

O DISSERTADOR

Não sei do que a senhora está falando.

ORIENTADORA

Você sabe que eu sou que nem uma advogada, né? Só posso te ajudar se você me contar toda a verdade.

O DISSERTADOR

Mas eu não sei do que a senhora está falando.

ORIENTADORA

Se você prefere assim.

Orientadora olha na direção da porta.

ORIENTADORA
(GRITANDO)

Pode entrar!

A porta se abre e conforme vai se abrindo, a sala vai ficando cada vez mais quente. Então, o aspecto da sala muda: fica parecendo um ambiente sertanejo.

O Dissertador começa a suar demasiadamente. Do seu rosto começa a escorrer "litros" de suor.

Quando a porta se abre completamente, O Dissertador vê a figura de Quaderna, alguns anos mais velho.

ORIENTADORA

Por favor, fique à vontade. Pode se sentar.

QUADERNA

Obrigado. Mas nessas situações, eu prefiro ficar de pé.

O Dissertador se remexe na cadeira. Quaderna anda até a janela e abre. Ela fica olhando a paisagem lá fora.

O DISSERTADOR

E então... o que está acontecendo?

ORIENTADORA

Alguns pesquisadores e autores-roteiristas foram raptados há alguns dias atrás.

QUADERNA

(SEM SE VIRAR)

Além disso, alguns documentos de criação e *emails* foram roubados.

O DISSERTADOR

E o que eu tenho a ver com isso?

Quaderna se vira na direção de O Dissertador.

ORIENTADORA

São os pesquisadores e autores-roteiristas que você utiliza em sua

pesquisa de mestrado. Luiz Fernando Carvalho, Bráulio Tavares, Luiz Alberto de Abreu, Almuth Grésillon, Doc Comparato, Syd Field, Cecília Almeida Salles. Todos desapareceram.

QUADERNA

E você é o principal suspeito do sequestro deles.

O Dissertador se levanta e começa a andar pela sala.

**O DISSERTADOR
(IRÔNICO)**

Êpa. Peraí. Como é que esses autores desapareceram, hein, se ontem mesmo eu vi que Luiz Fernando Carvalho estava no programa da Marília Gabriela?!

ORIENTADORA

Olha a ironia... O assunto é sério!

O DISSERTADOR

Tudo bem, foi mal.

Quaderna anda novamente em direção à janela e fica olhando a paisagem lá fora.

QUADERNA

Então você não sabe nada do desaparecimento deles?

O DISSERTADOR

Claro que não!

QUADERNA

E sobre os *emails* e documentos do processo de criação da microssérie *A Pedra do Reino*? Como você conseguiu os oitenta documentos?

**O DISSERTADOR
(SORRINDO)**

Não foram oitenta documentos, mas sim oitenta e oito. Bráulio Tavares e Luiz Alberto de Abreu me enviaram treze arquivos sobre a preparação da microssérie. Oitenta e seis documentos de trabalho dos capítulos, sendo que: vinte e quatro pertencem ao capítulo um; vinte e três

pertencem ao capítulo dois; nove pertencem ao capítulo três; dez pertencem ao capítulo quatro; nove pertencem ao capítulo cinco.

Quaderna olha para a Orientadora que balança a cabeça, confirmando as informações.

O DISSERTADOR

Além de tudo isso, eles me enviaram cinquenta *emails*.

QUADERNA

E como eles chegaram?

O DISSERTADOR

Surfando nas ondas da *internet*.

O Dissertador olha para frente como se estivesse lembrando deste acontecimento.

CORTA PARA:

5. EXT. TAPEROÁ/ PARAÍBA – DIA (FLASHBACK)

O DISSERTADOR está sentado num banco, em cima de um tablado instalado no meio do sertão. Ele olha fixamente para a tela do *notebook* que tem em mãos. De tempos em tempos, na tela da página do *GMAIL* – serviço de *email* do *Google* –, mostra uma linha em negrito, sinalizando que uma nova mensagem de *email* chegou. O Dissertador vibra à cada *email* que chega.

O DISSERTADOR

(*OFF*)

Nos meses seguintes à seleção do mestrado do Programa de Literatura e Cultura do Instituto de Letras – dia 11 de Março de 2011 –, chegou uma “estranha cavalgada” de documentos de processo de criação, que ampliou a compreensão deste analista sobre o processo de criação dos roteiros para programas de televisão. E tudo mudou após a chegada desses documentos enviados por Braulio Tavares e Luiz Alberto de Abreu.

Um apito TRILA longamente.

O Dissertador olha para baixo e, com um sorriso no rosto, vê um texto começar a surgir, esculpido nas areias do sertão. Ao mesmo tempo em que o texto é esculpido na areia, ouve-se uma voz que o lê.

LUIS ALBERTO DE ABREU

(OFF)

Envio, anexo, os arquivos que tenho sobre o processo de construção da minissérie "A Pedra do Reino". Com você verá foram muitas revisões até texto final. Não tenho mais os e-mails trocados, mas creio que não foram muitos. Talvez o Bráulio os tenha.

Embaixo do texto, ainda esculpido nas areais do sertão, aparece uma outra frase, posicionada mais à direita. É a referência do texto no formato das regras da ABNT. O Dissertador olha a frase com atenção e vê escrito: "Fonte: caixa de email do pesquisador, 2013".

O texto rapidamente some, como por encanto, dando espaço para outro, que é lido - agora por outra voz -, enquanto vai sendo esculpido na areia.

BRÁULIO TAVARES

(OFF)

Eu não guardei todos os arquivos do roteiro, não pensei que fosse interessar a alguém. Acho que mantive apenas cópias de algumas versões que, por alguma razão, talvez voltassem a ser úteis mais adiante.

Assim como no primeiro, embaixo desse texto, aparece uma frase, posicionada mais a direita. É a referência do texto no formato das regras da ABNT: "Fonte: caixa de email do pesquisador, 2013".

O Dissertador olha para o céu, como se tivesse agradecendo pelo que vê.

QUADERNA

(OFF)

E qual é o conteúdo destes documentos de criação?

CORTA PARA:

6. INT. SALA DA ORIENTADORA/UFBA - DIA

O DISSERTADOR está de pé, com alguns livros na mãos.

O DISSERTADOR

O senhor sabe. Já que se referiu a tais documentos como documentos do processo

de criação do roteiro da microssérie *A Pedra do Reino*.

Ele anda até a mochila que estava no chão e pega um livro de dentro dela.

O DISSERTADOR

São as testemunhas de todo o ato criador em ação.

Ele oferece o livro a Quaderna, que o pega.

Quaderna abre o livro na primeira página e, como num passe de mágica, as letras do texto se transformam no rosto de Bráulio Tavares.

Quaderna ao ver isso, sorri. O Dissertador fica constrangido.

O DISSERTADOR

Por favor, leia!

Embaixo do rosto de Bráulio Tavares aparece um texto, no canto inferior direito, escrito: "Fonte: caixa de *email* do pesquisador, 2013".

QUADERNA

E então, Bráulio, me conte. Como foi que se iniciou o processo de criação?

Bráulio Tavares olha constrangido para O Dissertador e, em seguida, começa a fazer o seu relato.

BRÁULIO TAVARES

...começamos a trabalhar em janeiro de 2006, basicamente levantando o material(enredo, personagens, cronologia interna dos fatos, locações, etc.). A partir de março Luís Alberto Abreu se juntou a nós.

Orientadora olha para O Dissertador, assustada.

QUADERNA

Continue...

BRÁULIO TAVARES

No início do trabalho fomos ver Ariano no Recife, para aquele papo preliminar. Depois, ficamos os três durante umas duas semanas na Fazenda Carnaúba, em Taperoá.

BT para, como se tentasse recordar de algo.

CORTA PARA:

7. CLIPE DE IMAGENS/RECIFE/TAPEROÁ - DIA

Diversas imagens de BT, ABREU e LFC, sozinhos, conversando; andando ao redor de uma fazenda; e, conversando com SUASSUNA – devemos misturar imagens de Suassuna conversando com o grupo tanto no Recife, quanto em Taperoá.

LETTERING: Caixa de email do pesquisador, 2013.

BRÁULIO TAVARES

(OFF)

Na primeira semana andamos em torno, conhecemos a fazenda, conhecemos Taperoá. Na segunda semana era a Semana Santa e Ariano veio do Recife com a família, aí ficamos esses dias conversando o dia inteiro com ele...

CORTA PARA:

8. INT. SALA DA ORIENTADORA/UFBA - DIA

O DISSERTADOR se aproxima de QUADERNA, que continua olhando atento para Bráulio Tavares.

Orientadora permanece apenas observando.

LETTERING: "Fonte: caixa de email do pesquisador, 2013".

BRÁULIO TAVARES

Daí em diante ficamos trabalhando por email. Por volta de setembro Luiz Fernando e Abreu foram juntos para Taperoá e lá fizeram a versão final do roteiro, da qual não participei diretamente.

O Dissertador pega o livro das mãos de Quaderna e o fecha. Quaderna ri.

O DISSERTADOR

(OLHANDO PARA QUADERNA)

Veja, o senhor. Essa fala de Bráulio Tavares é muito interessante para compreendermos, em linhas gerais, como foi o processo de criação do roteiro da microssérie *A Pedra do Reino*. Ele deixa

claro a importância da fase pré-redacional no processo de criação do roteiro da microssérie. Ele destaca que primeiramente houve a análise da obra em recriação - feita por ele próprio -, e um momento de diálogo com Suassuna. Em seguida, revela que a fase redacional teve dois momentos: um realizado à distância pelos roteiristas por meio da troca de arquivos através da internet, e o outro que ocorreu de forma presencial, em Taperoá, e que contou com a participação de apenas Abreu e Lfc.

Quaderna anda pela sala.

QUADERNA

Fase pré-redacional... Fase redacional...
Acho que o senhor não está sendo muito claro, para um suspeito de sequestro.

Orientador se levanta e vai até a mesa onde pega uma garrafa de água, que abre e bebe.

ORIENTADORA

(OLHANDO PARA O DISSERTADOR)

Porque você não explica isso para ele?

O DISSERTADOR

Claro! Me perdoe, senhor... Inspetor? O que eu chamei de Fase Redacional é o conjunto de documentos que os autores geralmente fazem antes da escrita propriamente dita do seu trabalho. Corresponde aos documentos que vão orientar a execução de um determinado projeto. No nosso caso, os roteiros da microssérie *A Pedra do Reino*.

Quaderna anda até a cadeira e se senta.

O DISSERTADOR

Já o que eu chamei de Fase Redacional corresponde ao documentos da fase da escrita ou realização em si de um projeto. Trata-se do momento no qual os autores buscam colocar em prática o projeto que haviam planejado.

QUADERNA

O senhor pode provar isso?

O DISSERTADOR

Absolutamente sim. Só preciso encontrar o meu *pen drive*. Onde será que eu o deixei?

O Dissertador anda de um lado a outro da sala, procurando pelo *pen drive*. Quaderna o acompanha com o olhar.

Orientadora apenas balança a cabeça.

QUADERNA

Acho que o *pen drive* está nesse cordão pendurado em seu pescoço, não?

O DISSERTADOR

(CÍNICO. PEGANDO O CORDÃO NO PESCOÇO)

Ô! Muito bem observado! Que cabeça essa minha cabeça, viu? Minha mãe diz que eu não a esqueço porque ela está presa no corpo.

ORIENTADORA

Dissertador?!

O DISSERTADOR

Claro, claro. Mostrar a definição da Fase pré-redacional e redacional.

O Dissertador anda até o computador que está ligado na sala e coloca o *pen drive*. Em seguida, abre um arquivo de vídeo. Nele pode-se ver BIASI ao lado de O Dissertador mais jovem.

CORTA PARA:

9. INT. LUGAR INDETERMINADO/PARIS - DIA

BIASI está sentado numa cadeira. Ao seu lado, também sentado, está O DISSERTADOR. Ele tem em mãos um gravador de áudio.

O Dissertador se arruma na cadeira.

O DISSERTADOR

Biasi, o que você entende por Fase pré-redacional é quando...

LETTERING: (BIASI, 2010, p.44)

BIASI

...há um trabalho de concepção preliminar que precede a escritura, sob a forma de planos, roteiros, anotações, esboços, pesquisas documentais, que tem como função preparar e organizar uma redação que poderá

*depois ser realizada parte por parte,
capítulo por capítulo.*

O DISSERTADOR

E essa fase é igual para todos os
escritores e todas as obras?

LETTERING: (BIASI, 2010, p.47)

BIASI

*Essa fase inicial, que precede o trabalho
de redação propriamente dito, pode, em
função dos escritores e das obras, variar
de maneira considerável.*

O DISSERTADOR

Então, como você traduz o processo dos
escritores com esse tipo de "programação
roteirizada"?

Biasi se ajeita na cadeira, se aproximando do gravador.

BIASI

*Pela mobilização e realização de vários
tipos de documentos ligados a dois momentos
distintos: o momento da pesquisa
preliminar, ao mesmo tempo provisional e
exploratório, e o momento da inicialização,
ao mesmo tempo preparatório e programático.*

CORTA PARA:

10. INT. SALA DA ORIENTADOR/UFBA - DIA

QUADERNA, ORIENTADORA e O DISSERTADOR estão sentados, olhando
para a tela do computador, na qual ainda se pode ver a imagem
de Biasi e O Dissertador, anos atrás.

De repente, a imagem para.

O DISSERTADOR

Ficou claro para o senhor?

QUADERNA

Perfeitamente.

O DISSERTADOR

Me diga uma coisa... E Biasi foi
sequestrado também?

Orientadora balança a cabeça.

ORIENTADORA

Dissertador?!

QUADERNA

Não.

O DISSERTADOR

Estranho, né?

QUADERNA

Talvez sim, talvez não. Talvez ele não tenha sido sequestrado porque você não o utiliza tanto na sua análise.

O DISSERTADOR

(SEM GRAÇA)

É... Vai que tem um fundo de verdade nisso. Sabe que eu não tinha reparado?

Orientadora levanta e anda até a porta.

ORIENTADORA

Se o senhor não tiver mais nenhuma pergunta, eu gostaria de te pedir licença. Preciso trabalhar.

QUADERNA

Para mim, por enquanto basta. Com licença.

Quaderna anda até a porta olhando fixamente para O Dissertador. Em seguida, sai da sala, levando com ele o calor escaldante.

A sala volta a ficar fria.

O DISSERTADOR

(OLHANDO PARA ORIENTADORA)

Sinistro esse cara, hein?

ORIENTADORA

Quer dizer que você sequestrou os autores do seu objeto de pesquisa?

O DISSERTADOR

Segundo Quaderna, foram eles e mais os pesquisadores que embasam o meu estudo.

ORIENTADORA

Então ele não mentiu.

O DISSERTADOR

Discordo. E se fosse um sequestro, diria que foi um sequestro simbólico.

Orientadora olha fixamente para O Dissertador.

O DISSERTADOR

Professora... Apenas me apropriei das falas dos autores-roteiristas da microssérie *A Pedra do Reino* e dos pesquisadores que embasam a minha pesquisa para construir a minha dissertação em forma de roteiro. Nada demais. Ela continuam a existir lá fora. Apenas na minha dissertação, eles foram apropriados.

ORIENTADORA

E o que você vai fazer com Quaderna?

O DISSERTADOR

Encará-lo, né? Tem outro jeito?! O homem é a corporificação de todos os problemas que um pesquisador enfrenta no momento da sua pesquisa.

ORIENTADORA

É isso que me preocupa. Quaderna vai tentar te surpreender e te prender dentro das dificuldades que ele propõe.

O DISSERTADOR

Relaxe. Vou domar a fera. Agora, me diga, já que como pesquisadora a senhora tem que ser tratada igual a uma advogada... e saber toda a verdade. Agora que eu te disse a verdade sobre a apropriação do meu objeto de estudo, a senhora ainda continuará me apoiando?

Orientadora balança a cabeça para cima e para baixo.

ORIENTADORA

O que você precisa fazer?

O DISSERTADOR

Seguir os passos que Grésillon determinou em *Elementos de Crítica Genética: ler os manuscritos modernos*.

ORIENTADORA

Faça logo isso. E lembre: cuidado com Quaderna.

FADE OUT:

11.INT. CASA DE O DISSERTADOR - NOITE

Ainda na tela preta.

O DISSERTADOR

(OFF)

E o primeiro passo, aparentemente era simples. Consistia de quatro etapas: localizar e datar os documentos do processo de criação e, em seguida, classificar e decifrar. Mas o que parecia simples, revelou-se algo de grande complexidade.

FADE IN:

O quarto está ainda mais bagunçado. Sentado no chão, completamente rodeado de papeis, O Dissertador olha assustado para eles, sem saber por onde começar o seu processo.

Num dos cantos do quarto é possível ver um relógio digital mostrando: "3:00".

Ele olha para frente e GRÉSILLON, como que adivinhando as suas angústias, sai da penumbra do quarto e se aproxima.

GRÉSILLON

*Quando se escolhe trabalhar sobre um **corpus** preciso, todas as situações são possíveis. Em alguns casos, idealmente simples, um rápido exame mostra que o trabalho todo preparatório de coleta e classificação dos manuscritos já estão feito.*

Ela olha em redor e aponta para os papeis espalhados pelo chão do quarto.

GRÉSILLON

Acontece, em contrapartida, de nos interessarmos por uma gênese cujos elementos são ignorados por completo.

O Dissertador pega uma caneta que estava no chão e anota rapidamente algo sobre o papel. Trata-se da referência dessas falas acima. Ele escreve: (GRÉSILLON, 2010, p. 150).

Grésillon anda para trás, como se quisesse voltar para a penumbra, mas O Dissertador rapidamente age.

O DISSERTADOR

Por favor, não vá agora Grésillon.
Preciso da sua ajuda.

Grésillon assente com a cabeça, concordando, e fica olhando para O Dissertador.

O DISSERTADOR

Localizar os documentos da gênese da microssérie *A Pedra do Reino* não está sendo um problema pra mim, já que os roteiristas me enviaram tudo. Também não estou tendo que decifrar nada, já que os meus documentos são datiloscritos. O que está complicado é a etapa classificação dos documentos, de por tudo em ordem cronológica.

Grésillon sorri amigavelmente para O Dissertador.

O DISSERTADOR

(APONTANDO PARA OS DOCUMENTOS NO CHÃO)
Como eu vou por tudo isso em ordem?

Ela dá um passo em direção a O Dissertador e o olha com atenção.

GRÉSILLON

*Essa busca recorre ao ato da **leitura**, pois como compreender a lógica inerente a um calhamaço de manuscritos senão começando por lê-los?*

O Dissertador balança a cabeça e novamente anota sobre o papel as referência dessa fala acima. Ele escreve: (GRÉSILLON, 2010, p. 155).

O DISSERTADOR

É isso! Preciso encontrar nos documentos que tenho em mãos os indícios que mostrem a ordem cronológica do processo de criação da microssérie.

Ele para e olha para os documentos espalhados pelo chão.

O DISSERTADOR

Mas eu não posso fazer isso com todos.
Preciso fazer um recorte.

O Dissertador procura algo sob os papéis e encontra um celular. Ele olha para o relógio digital e dá de ombros. Em seguida, rapidamente disca um número.

O DISSERTADOR

Alô, professora?

ORIENTADORA
(V.O.; COM SONO)

Quem está falando?

O DISSERTADOR

É Dissertador... Professora, são oitenta e oito documentos! Treze arquivos da fase pré-redacional e oitenta e cinco da fase redacional. Sendo que desses documentos da fase redacional vinte e quatro pertencem ao capítulo um; vinte e três pertencem ao capítulo dois; nove pertencem ao capítulo três; dez pertencem ao capítulo quatro; e nove pertencem ao capítulo 5.

ORIENTADORA
(V.O.; COM SONO)

Sim...

O DISSERTADOR

O que estou querendo te dizer é que eu não sei por onde começar.

ORIENTADORA
(V.O.; COM SONO)

Você já começou... Dividiu os documentos por capítulo. A questão agora é escolher um destes como recorte e pronto.

O Dissertador fica em silêncio.

ORIENTADORA
(V.O.; COM SONO)

Dissertador?

O DISSERTADOR

A senhora é um gênio! Até amanhã!

O Dissertador desliga o telefone.

Ele organiza os conjunto de papeis em cinco pilhas - que representam os cinco roteiros -, e as fica olhando. Após um tempo, afasta três pilhas, deixando apenas duas.

CORTA PARA:

12. INT. SALA DA ORIENTADOR/UFBA - DIA

O DISSERTADOR e ORIENTADORA estão sentados à mesa, na qual se pode ver uma dezena de papeis espalhados.

O DISSERTADOR

Fiz o que a senhora falou. Fiz uma escolha dos capítulos. Na verdade, escolhi dois.

ORIENTADORA

Dois? Tem certeza? Quais foram?

O DISSERTADOR

Eu não gostaria de te revelar agora, porque antes eu teria que justificar a minha escolha e acho que não é o momento adequado. Preciso apresentar para a senhora o percurso que tive que percorrer para colocar os meus documentos em ordem.

ORIENTADORA

Okay.

O Dissertador levanta e anda pela sala.

O DISSERTADOR

(SEM OLHAR PARA ORIENTADORA)

Colocar os documentos do meu recorte na sua ordem cronológica foi muito mais difícil do que eu pensava. Exigiu de mim a realização de um resumo de cada versão do roteiro - cena-a-cena -, para então compreender a ordem de sucessão no processo de criação dos capítulos.

ORIENTADORA

E cada estes resumos?

O Dissertador se aproxima da mesa e abre um volumoso caderno.

O DISSERTADOR

Eis aqui um trecho de um dos resumos cena-a-cena. Veja.

Ele entrega o caderno aberto na página onde se pode ver um trecho da versão chamada "CENA-A-CENA - 02 - ABREU - Livro 1.rtf.docx". Orientadora olha com atenção.

Lettering: FIGURA 1 - Cena 1 do documento "CENA-A-CENA - 02 - ABREU - Livro 1.rtf.docx"

1. ABERTURA. SERTÃO/ AMANHECER

Transformação da mulher em Onça Caetana.

Essa Onça Caetana voa até as Pedras do Reino e pouso.

Fonte: Computador do pesquisador, 2013.

O DISSERTADOR

(OFF)

Aqui você vê apenas o resumo da primeira cena do documento de trabalho número dois, do roteiro da microssérie *A Pedra do Reino*.

Ele olha para Orientadora.

O DISSERTADOR

Agora, por favor, passe a página.

Orientadora muda a página e olha.

Lettering: FIGURA 2 - Cena 1 do documento "CENA-A-CENA - 17 - ABREU - DTRA - Novo capítulo1 (2).docx"

1.EXT. DIA. POVOADO

O povoado está vazio no final da tarde. De repente, vindo de longe, começa a chegar sons de diversos instrumentos. Um MENINO grita, avisando que o circo chegou.

Um palhaço velho, montado ao contrário. VELHO PALHAÇO, chega rodeado de crianças. Ele rege os tocadores dos instrumentos.

Fonte: Computador do pesquisador, 2013.

O DISSERTADOR

(OFF)

Aqui você vê apenas um TRECHO do resumo da primeira cena do documento de trabalho número dezessete do roteiro da microssérie

A *Pedra do Reino*. Perceba como este é completamente diferente do primeiro.

O Dissertador pega o livro da mão da Orientadora, que passa a fitá-lo com atenção.

O DISSERTADOR

Ou seja: o processo de ler e resumir cada documento de trabalho da microssérie foi essencial para que pudéssemos acompanhar as modificações pelas quais os roteiros passaram e, assim, colocar tais documentos em ordem.

ORIENTADORA

Uma pergunta. Nestes dois resumos cada documento que você me apresentou aparece uma referência ao nome do arquivo, tais como "CENA-A-CENA - 02 - ABREU - Livro 1.rtf.docx" e "CENA-A-CENA - 17 - ABREU - DTRA - Novo capítulo1 (2).docx". Essa nomenclatura que começa com o numeral pertence ao arquivo como foi te enviado... ou trata-se de uma atribuição sua?

O Dissertador senta e olha a Orientadora nos olhos.

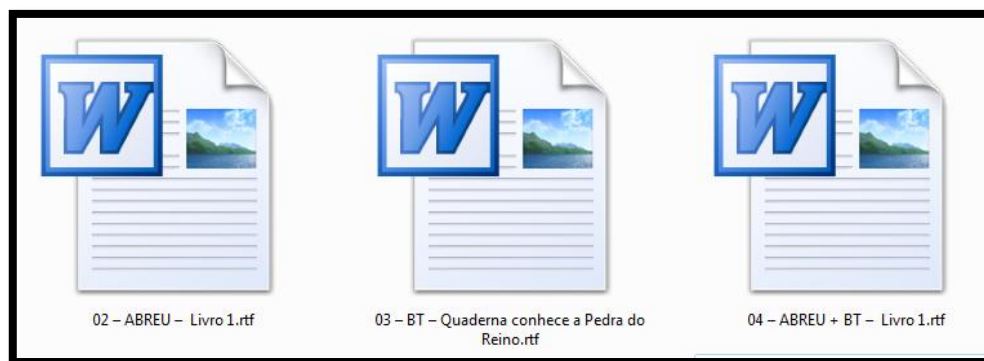
O DISSERTADOR

No processo de colocar os documentos na sua cronologia devida, senti a necessidade de atribuir-lhes uma nomenclatura específica. Todos os documentos do meu recorte receberam nomes de acordo com a ordem cronológica de sua escritura - começa com um numeral, portanto -, seguido do nome do autor responsável pelo documento de trabalho e, por fim, com o nome do arquivo da maneira como me foi enviado. Veja!

O Dissertador pega uma folha de papel que estava em cima da mesa e mostra a Orientadora. Trata-se de uma *printscreen* da tela do computador do Dissertador.

Orientadora o olha com atenção.

Lettering: FIGURA 3 - Nomenclatura específica dos documentos de processo enviados pelos autores



Fonte: Computador do pesquisador, 2013.

O DISSERTADOR

(OFF)

Nesta imagem você os três primeiros documentos, com a sua nomenclatura específica. Dúvidas?

ORIENTADORA

(OFF)

Nenhuma.

O Dissertador afasta o papel do rosto de Orientadora e o coloca em cima da mesa.

O DISSERTADOR

Detalhe importante. Com o avanço dos arquivos e devido ao próprio modo de trabalho dos roteiristas - um alterava o documento enviado pelo outro -, a partir de um determinado documento de trabalho já não foi mais possível distinguir o autor de cada roteiro. Assim, os documentos passaram a ganhar, em sua nomenclatura, o título de ABREU + BT.

ORIENTADORA

Okay.

Orientadora se levanta e anda em direção a porta. Ela a abre por alguns instantes. O suficiente para entrar na sala uma onda de calor terrível, que transforma o aspecto da sala.

ORIENTADORA

Algo mais?

O Dissertador olha para os lados, sem entender o que está acontecendo.

O DISSERTADOR

Ainda neste percurso, paralelamente, tive que organizar os *emails*, criando uma tabela. Como se tratava de um extenso conjunto de materiais, tive que destacar aquilo que considerava mais interessante para o estudo do processo de criação do roteiro da microssérie *A Pedra do Reino*.

Orientadora anda até a mesa e estende a mão para O Dissertador, como se estivesse pedindo para ver um exemplo. Ele, de maneira apressada, afasta um conjunto de papeis da mesa e pega um outro caderno.

O DISSERTADOR

Aqui está. Veja.

Orientadora olha-o com atenção.

LETTERING: FIGURA 4 - Tabela cronológica dos *emails*

DATA	17/03	22/03	23/03
RESUMO	<p>@01 BT se apresenta e envia resumos da obra "A Pedra do Reino"</p> <p>No email reencaminhado por BT para mim, não vieram os anexos do qual trata neste email. Contudo, pode estar na leva de arquivos enviados por BT de maneira separada.</p> <p>Entretanto, através dos materiais enviados por BT para mim, pude reconstituí-los, chegando à conclusão que os arquivos são: "01 - BT - Resumo A Pedra do Reino .docx" (40KB) e "01 - BT - Resumo A Pedra do Reino 2 .docx" (72 KB). - Tais nomes dos arquivos foram atribuídos por mim, em função do que BT disse no email.</p>	<p>@03 ABREU diz que está começando o roteiro do primeiro capítulo. Envia o arquivo "Capítulo1.rtf" (139KB) com a proposta dele de enredo, argumento e escaleta.</p> <p>@04 BT responde que acha que a emboscada da família Vila não deveria ser incluída no roteiro porque não influi na aventura de Quaderna. Sinaliza que haverá outra emboscada, a que é feita a "estranha cavalgada".</p> <p>@05 10:26 PM ABREU diz que concorda com os comentários de Bráulio, mas que, ainda acha importante inserir as cenas que apresentam a emboscada a família Vila. Sinaliza, nesse email, o poder de decisão de LFC.</p>	<p>@06 BT diz para Abreu que gostaria de escrever o roteiro das cenas 10 até até a 14, da escaleta feita por Abreu. Ele diz que essas são cenas independentes do que virá antes ou depois.</p> <p>@07 ABREU concorda.</p>

Fonte: Computador do pesquisador, 2013.

O DISSERTADOR

(OFF)

Como você vê, professora, nesta tabela os *emails* foram organizados por data de envio. Eles receberam uma nomenclatura específica, constituída por uma arroba e o número de

cada *email*, na sua ordem de sucessão. Além disso, defini uma cor para cada roteirista da microssérie para que pudessemos ter uma visão mais clara de quem enviou qual *email*. E, por fim, é importante dizer que sinalizamos na cor azul os arquivos anexos enviados pelos roteiristas.

Orientadora olha para um trecho da tabela.

LETTERING: FIGURA 5 - Tabela cronologica dos *emails*, recorte 17/03

17/03
@01 BT se apresenta e envia resumos da obra "A Pedra do Reino"

Fonte: Computador do pesquisador, 2013.

Orientadora tira os olhos da tabela e olha fixamente para O Dissertador.

O DISSERTADOR

Colocar os *emails* em ordem cronológica foi importante para me ajudar a colocar em ordem os documentos do processo de criação; para avaliar se nessas trocas de *email* existiam referências sobre o processo de criação do roteiro da microssérie; e, até para saber se todos os documentos do processo de criação que me foram enviados, correspondiam a todos os realizados pelos roteiristas autores da microssérie.

ORIENTADORA

E os documentos que você possui corresponde a todos os realizados pelos roteiristas da microssérie?

O DISSERTADOR

Não.

Uma gargalha ecoa por toda a sala. É QUADERNA que, sem que ninguém o tivesse percebido, aparece num dos cantos da sala - em cima de uma escrivaninha-, com um rifle nas mãos.

Orientadora e O Dissertador se entreolham, assustados.

QUADERNA

Projeto de mestrando, eu vou aparecer na sua aflição, mas não é para ajudar. É para atrapalhar. Que eu me chamo Quaderna, nasci problemático e só quero pegar a ideia dos outros para atrapalhar.

Ele dá um relincho e começa a disparar suas balas de interrogações para cima de O Dissertador, que o olha surpreso.

QUADERNA

Os documentos do processo de criação que estão em suas mãos... são lacunares. Não compõem a totalidade dos arquivos trabalhados por Luiz Fernando Carvalho, Luis Alberto de Abreu e Bráulio Tavares.

Ele aponta para a pilha de papéis que está em cima da mesa.

QUADERNA

Até mesmo esses *emails* não são todos os trocados pelos roteiristas.

Orientadora anda até o meio da sala senta-se à mesa.

O DISSERTADOR

Isso não chega a ser um problema. Nós, geneticistas, devemos ter consciência de que não somos capazes de recompor, na totalidade, o processo de criação de uma obra, já que parte da criação sempre acontece na cabeça do criador. Cabe a nós levantar hipóteses sobre o processo de criação a partir dos registros materiais deixados pelos autores. Sobre isso, Grésillon, ao abordar os objetivos do trabalho do geneticista, disse que um processo de criação não pode ser irredutível ao texto, mas que...

Para a surpresa de O Dissertador e Orientador, Grésillon aparece na sala.

GRÉSILLON

...Em contrapartida, a leitura do texto pode estrelar-se com as constelações cintilantes da gênese. Trabalhando nessa direção, conseguiremos substituir os mitos e mistérios da criação por um saber sutil e convincente da escritura.

Quaderna ri. Em seguida, salta da escrivaninha e vai sentar-se à mesa, junto com O Dissertador e Orientadora.

QUADERNA

Em que página ela disse isso?

O DISSERTADOR

Na página 37 do livro *Elementos de Crítica Genética: Ler os manuscritos modernos*.

O Dissertador pega um papel da mesa e mostra para Quaderna, que o lê: (GRÉSILLON, 2007).

O DISSERTADOR

Ou seja: por mais que o geneticista tenha em mãos todos os registros do processo de criação de uma obra, por mais que o autor da obra em análise esteja vivo e que possa falar sobre ela, o geneticista nunca será capaz de dominar a gênese de qualquer criação. Haverá sempre um fragmento que estará no campo do intangível.

Quaderna bate palmas.

Orientadora olha para O Dissertador, preocupada.

QUADERNA

Muito bem. Vejo que você fez a sua parte direitinho.

O DISSERTADOR

Obrigado.

Quaderna anda pela sala.

QUADERNA

Você está fazendo direitinho a sua parte... que vai ser preso.

O DISSERTADOR

(RINDO)

Que piada, né professora? Um personagem da literatura dando voz ao seu pesquisador.

Orientadora olha para O Dissertador e não diz nada.

QUADERNA

Preso por cárcere privado. Estive ontem em sua casa e vi você conversando com Grésillon. Você está mantendo os autores-roteiristas da microssérie *A Pedra do Reino* e os pesquisadores que embasam o seu projetos presos em sua casa.

Quaderna aponta a sua arma na direção de O Dissertador.

QUADERNA

Por favor, me acompanhe.

O Dissertador olha para Orientadora que, mais uma vez, não diz nada.

ORIENTADORA

É melhor você ir.

QUADERNA

Veja pelo lado bom. Você ficará preso assim como eu, Quaderna, o líder do seu objeto de estudo. Quem sabe você não cria a sua obra magna, tal qual eu fiz? (E RI)

O DISSERTADOR

(OLHANDO PARA ORIENTADORA)

E como vou continuar a minha pesquisa?

ORIENTADORA

Num trabalho acadêmico, sempre estamos pertos do nosso objeto de estudo.

Quaderna dá um relincho e sai da sala, acompanhado de O Dissertador.

FADE OUT:
SOBEM OS CRÉDITOS.

1. INT. PRISÃO EM TAPEROÁ/PARAÍBA - DIA

FADE IN:

Sala escura, as luzes estão completamente apagadas. Não se pode ver nada.

Aos poucos começa-se a ouvir SOM de PASSOS, em volume crescente, indicando que alguém se aproxima.

O DISSERTADOR

(OFF)

Quem está aí?

Os passos cessam.

O DISSERTADOR

(OFF)

Quem está aí?! Eu não tenho medo de você!

As luzes são acessas. O Dissertador leva às mãos ao rosto e fecha os olhos, como se não tivesse mais acostumado com àquela claridade.

QUADERNA está sentado numa cadeira, em frente à cela em que O Dissertador se encontra.

QUADERNA

E realmente você não precisa ter medo de mim. Só te trouxe aqui, porque você cometeu um crime.

O Dissertador, agora acostumado com a luz, tira as mãos do rosto e se lança à grade da prisão com fúria, tentando agarrar Quaderna, que nem se move.

O DISSERTADOR

Mentira!

QUADERNA

(RINDO)

Você está certo. Não foi apenas por isso que te trouxe aqui. Quero te provar uma coisa.

O DISSERTADOR

E o que seria essa "coisa"? Posso saber?

QUADERNA

Que os questionamentos que você se faz como pesquisador, são maiores do que você.

O Dissertador se afasta das grades e anda até uma janela gradeada que se encontra atrás dele.

Pela janela ele vê um vilarejo sertanejo formado por dezenas de casas simples, pregadas umas às outras, e cujo centro é um grande vazio.

O DISSERTADOR

Onde eu estou?

QUADERNA

Taperoá, na Paraíba. Mas você já sabia disso.

O DISSERTADOR

E porque você me trouxe para cá?

Quaderna levanta da cadeira e se aproxima da grade. Ele coloca o rosto dele, entre as fendas da grade.

QUADERNA

Você não quer se aproximar do seu objeto de estudo? Então, agora você está próximo dele. E está tão próximo que vai sentir as dificuldades que o seu objeto lhe impõe.

O Dissertador se afasta da janela e senta no pequeno colchonete colocado no chão. Ele passa a fitar o chão em silêncio.

Quaderna se afasta da grade e volta a sentar na cadeira.

QUADERNA

Tenho uma curiosidade. Antes de você ser preso, você falou uma palavra que me fascinou. Qual foi a palavra mesmo? Deixe-me ver... Proto...

O DISSERTADOR

Prototexto.

QUADERNA

Isso! (RECEOSO DE PERGUNTAR) Essa palavra significa o que, hein?

O DISSERTADOR

É o recorte que nós geneticistas fazemos à partir do dossiê genético visando escolher as versões dos documentos do processo de criação que serão analisadas.

QUADERNA (AINDA RECEOSO)

E você tem testemunhas que podem provar isso?

O Dissertador levanta o rosto e olha para Quaderna. Sua atitude agora é cheia de energia, viva.

O DISSERTADOR

Claro! Você tem algum *notebook* que possa me emprestar?

Quaderna olha para O Dissertador, desconfiado.

O DISSERTADOR

Você não precisa me dar o *notebook* se não quiser. Você mesmo pode manipulá-lo.

Quaderna sorri. Ele se abaixa e pega de dentro de uma mochila o *notebook* de O Dissertador.

QUADERNA

Aqui está. O seu *notebook*.

O Dissertador pega o *notebook* e o liga. Ele abre um vídeo - no qual se pode ver Biasi sentado numa cadeira -, e o mostra para Quaderna.

Quaderna olha para a tela do computador.

O DISSERTADOR

(OFF)

Agora eu vou te mostrar, qual é a definição de Biasi para prototexto. Está pronto?

Quaderna balança a cabeça, fazendo com que O Dissertador aperte o botão *play* no teclado.

Neste momento, a imagem de Biasi toma conta da tela.

LETTERING: (BIASI, 2010, p.41)

BIASI

O prototexto é uma produção crítica: ele corresponde à transformação de um conjunto empírico de documentos em um dossiê de peças ordenadas e significativas.

O DISSERTADOR

(OFF)

O que significa dizer que...

LETTERING: (BIASI, 2010, p.41)

BIASI

De estatuto indeterminado de "manuscrito de obra", o dossiê de gênese passa ao estatuto científico de prototexto quando todos os seus elementos foram redistribuídos de forma inteligível conforme a diacronia que os fez nascer:

Ele faz uma pausa e depois continua.

BIASI

...planos, esboços, rascunhos, passagem a limpo, documentação, manuscrito definitivo, entre outros, decifrados, transcritos e reclassificados na ordem de sua aparição cronológica e segundo a lógica de suas interações.

A tela do computador não ocupa mais toda a tela.

Quaderna olha para O Dissertador com uma expressão de dúvida.

O Dissertador se aproxima ainda mais das grades que o separam de Quaderna.

O DISSERTADOR

O que Biasi está querendo dizer é que o Prototexto é o resultado do gesto de recorte do pesquisador e que, por isso, deve ser entendido como um gesto científico.

Quaderna abre um sorriso e olha para a direção do *notebook*, como se estivesse pedindo para O Dissertador provar o que ele diz.

O DISSERTADOR

E aqui está a prova do que estou te dizendo. Observe como Biasi define prototexto.

Quaderna e O Dissertador voltam a olhar para a tela na qual se vê Biasi - agora, dessa vez, sentado.

LETTERING: (BIASI, 2010, p.42)

BIASI

É uma entidade que não existe fora do gesto científico que o constitui, mas ainda não se trata, de fato, de uma "interpretação" da gênese: não se classificam nem se decifram os documentos em função de pressupostos interpretativos (seja ele sociológico ou psicanalista, o geneticista, nesse estágio, deve chegar ao mesmo resultado). Logo, o prototexto da obra distingue-se do "estudo da gênese" que ele possibilita: o prototexto é o dossiê genético que se tornou interpretável, enquanto o estudo genético é o discurso crítico pelo qual o geneticista dá a sua interpretação e a sua avaliação dos processos por intermédio dos pressupostos de um método específico: poético, sociológico, psicanalítico, etc.

Os dois param de olhar para o notebook.

O DISSERTADOR

E aí, você entendeu?

Quaderna balança a cabeça para cima e para baixo, mostrando que sim, e num gesto rápido toma o notebook das mãos de O Dissertador.

O Dissertador se afasta das grades e passa a andar pelo espaço minúsculo da cela.

O DISSERTADOR

O prototexto é, portanto, a seleção de documentos que o geneticista faz à partir do conjunto de documentos presentes no dossiê genético. É uma escolha orientada a partir daquilo que se quer investigar. Afinal, todo geneticista sabe que estudar o processo de criação de uma obra é um trabalho intenso, que requer tempo e dedicação. E, além disso, ele sabe que não

se pode abraçar o dossiê genético todo,
principalmente em casos como o meu caso...
no qual o dossiê genético é muito extenso.

O Dissertador se reencosta na grade e se deixa escorregar até o chão, sentando-se.

O DISSERTADOR

Agora, tem algo que você precisa saber.
Alguns autores como, por exemplo, Almuth Grésillon, não fazem distinção entre os termos dossiê genético e prototexto, encarando os dois como sinônimos.

O Dissertador coloca as mãos nas costas e tire de debaixo do colchão um livro. Ele e Quaderna se encaram.

O Dissertador sorri, abre o livro na página 331 e o mostra para Quaderna.

Nesse momento, as palavras do livro se misturam e se transformam no rosto de Almuth Grésillon. Ela olha para Quaderna.

ALMUTH GRÉSILLON

*Dossiê Genético: conjunto de todos
*testemunhos genéticos escritos, conservados
de uma obra ou de um projeto de escritura, e
classificado em função de sua cronologia das
etapas sucessivas. Sinônimo: *"prototexto".*

Após dizer isso, o rosto de Almuth Grésillon se desfaz e voltam a aparecer as letras do livro.

O Dissertador fecha os livros e o guarda dentro da blusa.

O DISSERTADOR

Tá vendo o que eu disse?

Quaderna balança a cabeça, impressionado.

O DISSERTADOR

E para provar, aqui estão as referências!

O Dissertador mostra o *post-it* que estava colado na página do livro. Nele pode se ver: (GRÉSILLON, 2007, p.331). A referência ao que Grésillon disse.

O DISSERTADOR

Eu, para melhor análise e apresentação do meu objeto de estudo, sigo a distinção entre os termos proposta por Biasi.

O Dissertador e Quaderna se olham. Há uma tensão no olhar.

QUADERNA

Vejo que você vem fazendo o seu trabalho direitinho...

Quaderna gargalha, ainda sentado em sua cadeira. E, subitamente, O Dissertador levanta e anda em direção a Quaderna.

O DISSERTADOR

O que é que eu preciso fazer para sair daqui?

Quaderna gargalha. Neste momento as luzes da prisão se apagam.

Som de PASSOS são ouvidos, desta vez, se distanciando.

O DISSERTADOR

(OFF)

Você precisa me dizer! Hey!

Som de PORTA sendo fechada com força.

O DISSERTADOR

(OFF)

Não! Não!

CORTE DESCONTÍNUO:

A luz da lua invade a cela por entre a janela gradadeada. Lentamente, saindo da escuridão, O Dissertador caminha até ela e passa a ver o silêncio do vilarejo lá embaixo.

O DISSERTADOR

Eu só queria entender o processo de criação do roteiro da microssérie *A Pedra do Reino*, mas os desafios que eram postos à mim, se mostravam cada vez mais intensos... E a sensação de isolamento que às vezes um pesquisador se encontra só faz aumentar o sofrimento.

O Dissertador vê um vulto de uma mulher andando apressadamente pelas ruas do vilarejo.

O DISSERTADOR

Foi quando eu vi o vulto daquela mulher andando com força pelas ruas do vilarejo que eu percebi que tinha que me manter firme em minha trajetória e enfrentar os problemas que o meu objeto de estudo me impunha!

CORTE DESCONTÍNUO:

O Dissertador está de braços no chão. Com uma caneta nas mãos ele vai rabiscando todo o chão da cela.

O DISSERTADOR

Após muito analisar e refletir, cheguei à conclusão que o meu prototexto seria composto por três documentos, também conhecidos como:

A câmera focaliza o chão, onde pode-se ver escrito os nomes dos três arquivos: "04 - ABREU + BT - Livro 1.rtf", "18 - ABREU + BT - Capi|ütulo 1 revisado.doc" e "23 - ABREU + LFC - Pedra do Reino Cap 1 Versão Final-I.doc"

O DISSERTADOR

(OFF)

Estas três versões foram escolhidas porque marcam três momentos distintos da elaboração do roteiro da microssérie *A Pedra do Reino*, tanto do ponto de vista da sua produção, como do seu conteúdo. Do ponto de vista da produção, os dois primeiros documentos foram escritos apenas por Luis Alberto de Abreu e Braúlio Tavares, e o terceiro e último documento, por Luiz Fernando Carvalho e Luis Alberto de Abreu. Do ponto de vista do conteúdo, o primeiro documento contém a tentativa de se adaptar mais de uma obra de Ariano Suassuna, o segundo, uma escrita linear - com certo didatismo - e, o terceiro, uma estrutura de roteiro baseada no vai-e-volta, marcante na obra de Ariano Suassuna.

O Dissertador passa a mão pelo três nomes, como se pudesse acariciá-los, até que pousa sua mão no primeiro nome: "04 - ABREU + BT - Livro 1.rtf". Neste instante, o chão da prisão se transforma: não é mais composto de cimento e tijolos, mas de letras escritas sobre um fundo branco, de papel.

LETTERING: FIGURA 6 - 04 - ABREU + BT - Livro 1.rtf, página 2.

O sol desponta sobre o sertão e logo fere o chão da caatinga produzindo reverberações que incendeiam o ar. Um esturro assustador de onça ecoa por toda a extensão solitária da caatinga. A origem do urro é uma furna sobre um lajedo de onde se ouve um rosnado feroz. Após um tempo, do fundo da caverna surge, à distância, uma figura feminina que caminha à frente. Está nua, mas a imagem de seu corpo é desfocada pelas emanções de calor que sobem do lajedo. A figura urra novamente e agacha-se como uma esfinge. No mesmo instante a figura começa a perder sua bela forma de mulher e assumir a da Onça malhado-vermelha. Em seu pescoço enreda-se uma cobra coral e três aves-de-rapina pousam em seu dorso e suas garras penetram-lhe as carnes fundindo-se a ela. É agora a Onça Caetana e nesta figura há "algo de belo e de infame, de reluzente e fascinador, mas repugnante." A Onça urra, as aves coladas a ela quincham e o estranho animal levanta vôo.

Fonte: Computador do pesquisador, 2013.

O DISSERTADOR
(OFF, ACARICIANDO O CHÃO)

Esse primeiro arquivo tem trezentos e sessenta *kbytes*, sessenta e duas páginas e onze mil e dezesseis palavras distribuídas por cenas numeradas de um a trinta e quatro.

O Dissertador olha o chão ao seu redor, até que para num ponto mais abaixo. Ele engatinha até lá.

O DISSERTADOR
(OFF, ACARICIANDO O CHÃO)

Mas, veja:

LETTERING: FIGURA 7 - "04 - ABREU + BT - Livro 1.rtf", página 59, grifo nosso.

33. DIA. ESTRADA.

A Estranha cavalgada segue a passo, solenemente, pela estrada, deixando para trás uma cova recém-cavada com um cruz em cima. Continua a voz em off de Quaderna.

QUADERNA

...que, de um lado, me fez vislumbrar meu futuro reinado sobre o povo e o território do Brasil e, de outro, me trouxe a essa prisão.

PRAÇA DE TAPEROÁ. DIA

60

A praça da cidade está em festa, com todo mundo reunido para ver o início da Cavalhada. Os cavaleiros do cordão Azul e Encarnado já estão perfilados. Uma banda de pífanos toca em frente a uma arquibancada de madeira

Fonte: Computador do pesquisador, 2013.

O DISSERTADOR

(OFF)

Há uma cena não numerada entre as denominadas pelos roteiristas como 33 e 34, o que é uma prova que a numeração deste documento não está correta. Fato que pode ser mais uma vez comprovado ainda pela existência de duas cenas com o número 21, duas com numeração 24 e duas com o número 28.

Um RUÍDO se ouve.

O Dissertador levanta a cabeça em direção ao ruído mas não enxerga nada. As letras e o fundo branco do chão sumiram, o que significa dizer que ele voltou a ser feito de cimento.

O DISSERTADOR

Ou seja: se Braúlio Tavares e Luiz Alberto de Abreu tivessem numerado corretamente este documento ele teria, de fato, 38 cenas, e não apenas 34!

O Dissertador se abaixa e com a caneta que tem em mãos começa a escrever no chão, as informações que acabou de dizer.

CORTE DESCONTÍNUO:

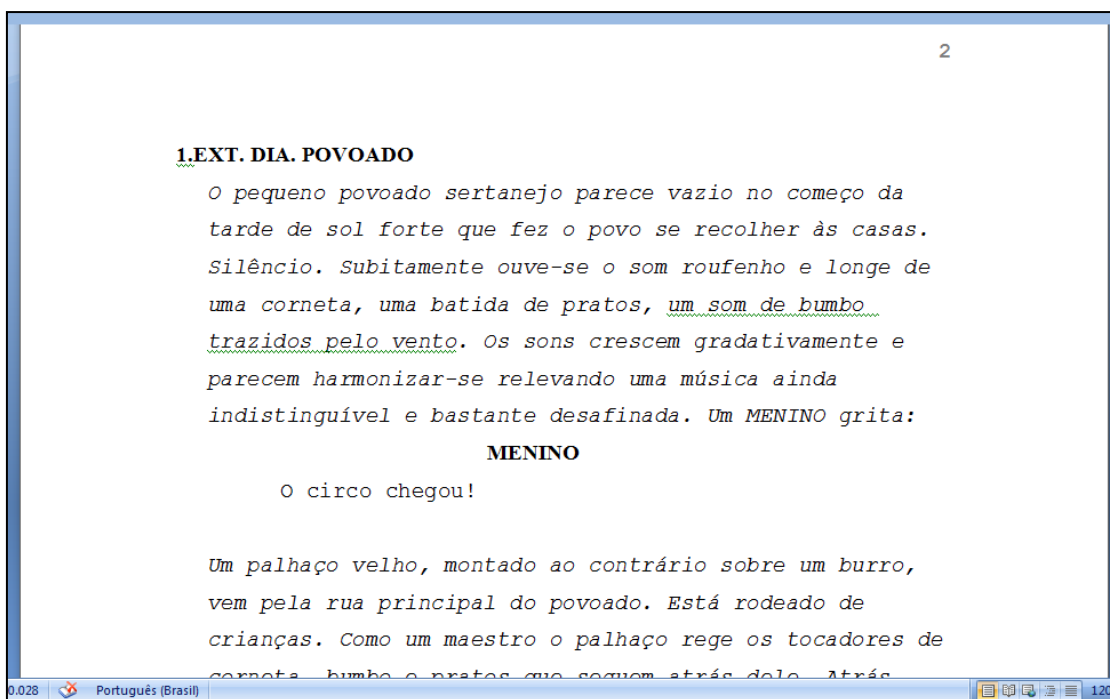
Novamente o chão da cela não é mais de cimento, mas de letras impressas num fundo branco.

O Dissertador olha-o fixamente e observa as características do documento ali impresso. As palavras compõem a versão "18 - ABREU + BT - Capi|ütulo 1 revisado.doc"

O DISSERTADOR

O segundo documento: "18 - ABREU + BT - Capi|ütulo 1 revisado.doc"

LETTERING: FIGURA 8 - "18 - ABREU + BT - Capi|ütulo 1 revisado.doc", página 2.



Fonte: Computador do pesquisador, 2013.

O DISSERTADOR

(OFF)

Este arquivo tem cento e trinta e seis *kbytes*, resultante de cinquenta e seis páginas com dez mil e vinte e oito palavras divididas em cenas numeradas pelos roteiristas de um a quarenta e três cenas.

A página que aparece no chão, rapidamente se altera.

LETTERING: FIGURA 9 - "18 - ABREU + BT - Capi|ütulo 1 revisado.doc", páginas 17 - 18.

11. INT. TARDE. TORRE.

Dom Pedro Sebastião, lenta e decididamente, atravessa a primeira porta que dá para a torre e a fecha e coloca a tranca. Sobe as escadas cruza a segunda porta, fecha-a a chave. Coloca a tranca de ferro também nesta segunda porta. Dentro da sala-forte aproxima-se de uma seteira e por ela olha a extensão da fazenda. Suspira

18

profundamente. Um silêncio pesado cai sobre a torre, a fazenda, o mundo.

13. EXT. DIA. FAZENDA ONÇA MALHADA/ARREDORES

Na fazenda e seus arredores parece que o tempo parou.

Fonte: Computador do pesquisador, 2013.

O DISSERTADOR

(OFF)

Mas... novamente não podemos confiar na numeração das cenas presente no documento. Já que inexistente cena de número 12, assim como as de número 23, 24 e 25. (T) E isso não é tudo. O documento possui duas cenas 27...

O Dissertador tira os olhos do documento e passa a observar a prisão à sua volta.

O DISSERTADOR

Se a numeração desta versão estivesse correta, ela teria como última cena a 40, ao invés da 43.

De repente, as letras do chão somem e aparecem o rosto de Luiz Fernando Carvalho. O Dissertador o observa com atenção.

O DISSERTADOR

Luiz Fernando Carvalho... Sua mão e seu poder de decisão estão muito presentes no último documento que compõe o nosso prototexto...

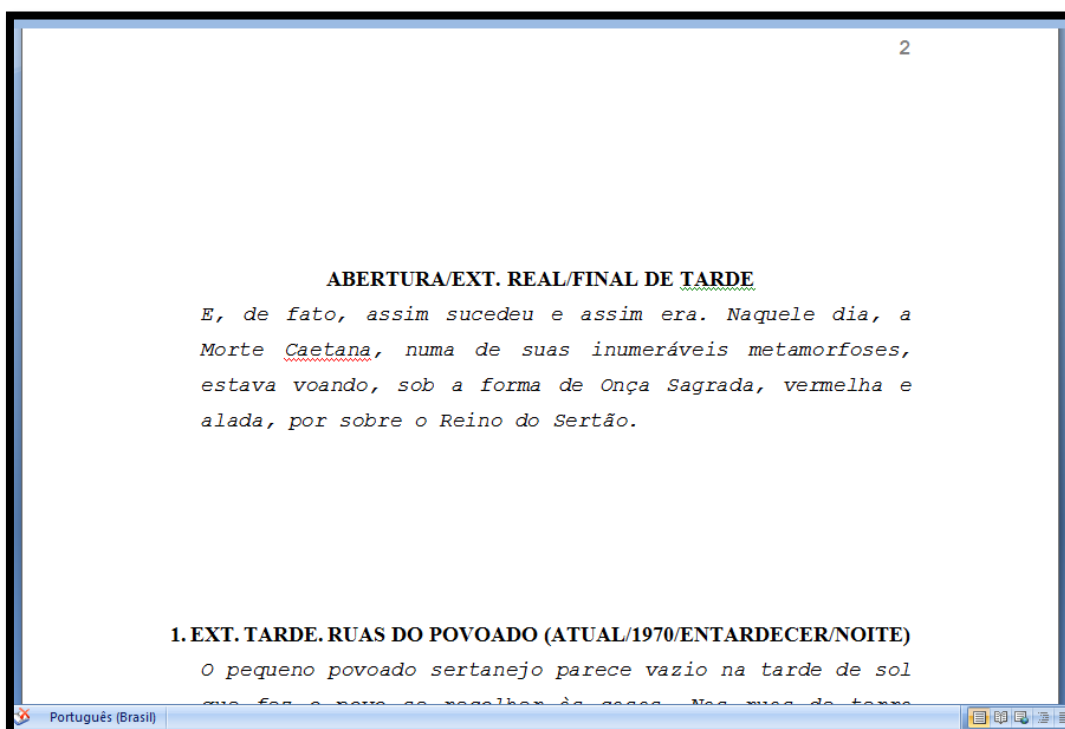
O rosto de Luiz Fernando Carvalho desaparece e voltam a aparecer, novamente, as letras de um documento.

O DISSERTADOR

O arquivo "23 - ABREU + LFC - Pedra do Reino Cap 1 Versão Final-I.doc "

O Dissertador olha as letras no chão fixamente.

LETTERING: FIGURA 10 - "23 - ABREU + LFC - Pedra do Reino Cap 1 Versão Final-I.doc", página 2.



Fonte: Computador do pesquisador, 2013.

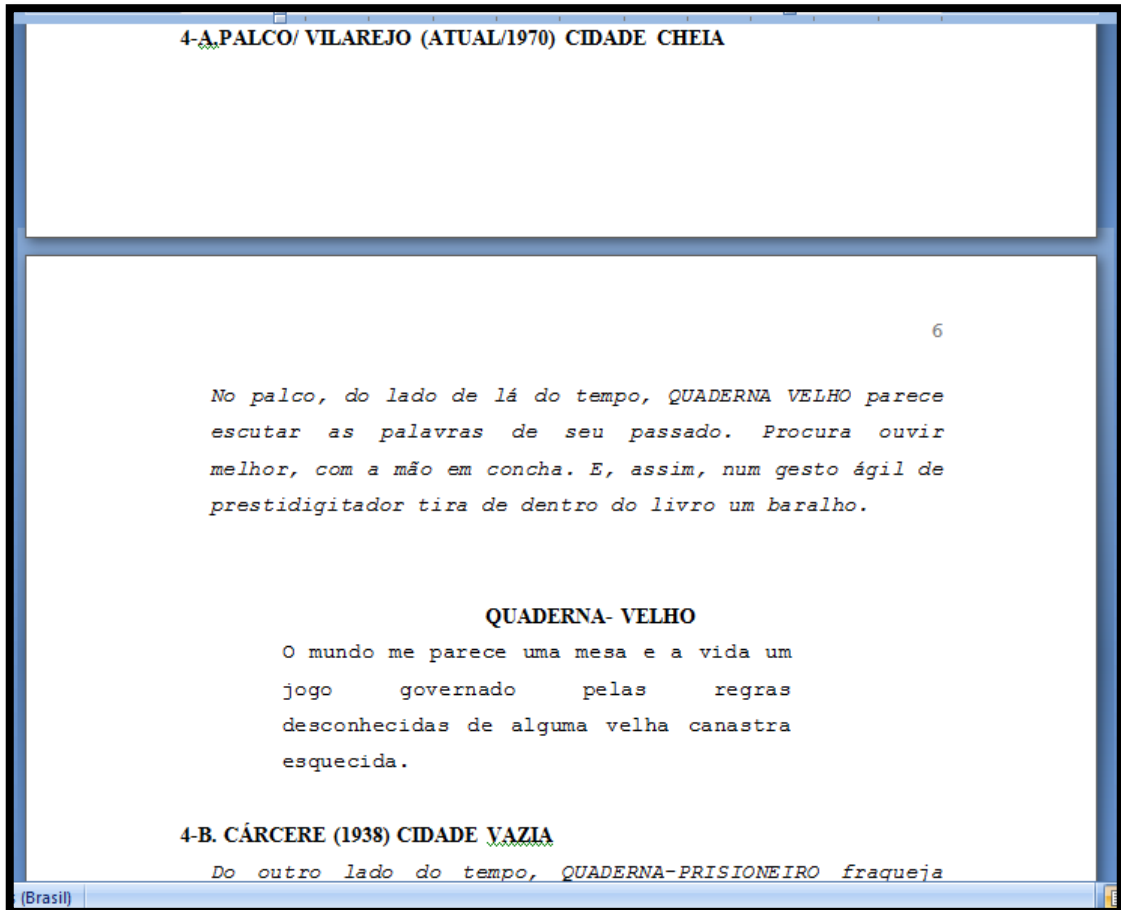
O DISSERTADOR

(OFF)

Este documento foi produzido por Luis Alberto de Abreu e Luiz Fernando Carvalho, na cidade de Taperoá. Braúlio Tavares apenas participou da sua confecção por meio de comentários enviados por *email*. Este documento tem cento e vinte e três *kbytes*, resultantes de quarenta e duas páginas com sete mil quinhentos e vinte e quatro palavras, distribuídas ao longo de sessenta e oito cenas. Mas, assim como nas outras versões, esta também tem as suas peculiaridades: ela não tem as cenas vinte e vinte e oito e outras cenas estão subdivididas. Como é o caso da 4, que é seguida da 4A, 4B e 4C.

As palavras formam um recorte da cena 4A e 4B.

LETTERING: FIGURA 11 - "23 - ABREU + LFC - Pedra do Reino Cap 1 Versão Final-I.doc", páginas 5-6.



Fonte: Computador do pesquisador, 2013.

O DISSERTADOR

(OFF)

Esta subdivisão se relaciona bastante com a presença de Luiz Fernando Carvalho em sua composição, já que traz o olhar do diretor pensando no processo de filmagem do roteiro.

Um novo RUÍDO pode ser ouvido. É o som de uma mala sendo arrastada.

O Dissertador tira os olhos do chão e passa a observar a imensa escuridão da cela à sua volta.

Inexplicavelmente, o dia amanhece. O Dissertador, não acostumado com a luz, cobre os olhos com a mão.

À sua frente, está ORIENTADORA, sentada numa cadeira de maneira elegante. Ao seu lado, a sua habitual mala com carrinho.

ORIENTADORA

Muito bem. Finalmente conheci o seu prototexto. Mas, ainda assim, eles me parecem grande demais. Você precisa recortá-lo.

O Dissertador olha para Orientadora, fixamente.

O DISSERTADOR

Se eu não estivesse aqui, certamente já teria encontrado numa solução para este problema.

ORIENTADORA

Mas, você está aqui. E se isso aconteceu, foi porque o seu objeto exigiu isso.

O Dissertador levanta do chão e senta-se no chão existente no canto da cela.

O DISSERTADOR

Alguma sugestão?

ORIENTADORA

E se você trabalhasse com a construção do personagem Quaderna?

O DISSERTADOR

O meu algoz? O que vem me mantendo aqui? Jamais. Pensei na implantação da história. Observar como ela foi construída pelos roteiristas.

Orientadora o olha com atenção. O Dissertador dá um pulo.

O DISSERTADOR

É isso! Vou trabalhar apenas com a primeira cena de cada versão, com exceção da última que nos pede a apresentação de duas, já que a primeira cena é muito curta. E esse conjunto será usado como metonímia de cada capítulo, o que me possibilitará apresentar muitas das transformações que ocorreram durante o processo de construção do roteiro da microssérie.

Orientadora tira o seu *notebook* da mala, o abre e começa a fazer uma série de anotações. De repente, ela faz uma pausa.

ORIENTADORA

E você pretende trabalhar apenas com os documentos do processo de criação.

O DISSERTADOR

Não. Farei uso do paratexto.

ORIENTADORA

Defina.

O Dissertador agora anda para lá e para cá.

O DISSERTADOR

Conjunto de documentos que não compõem os documentos de gênese propriamente, mas que estão ao redor dele, dialogando com o texto da obra em construção. No meu caso, estou falando dos quarenta e nove emails trocados entre os três roteiristas da microssérie.

O Dissertador para e olha para Orientadora.

O DISSERTADOR

O paratexto é importante porque, ao dialogar com o processo de criação, ajuda-nos a compreender algumas etapas e/ou transformações do processo que estamos estudando, já que, como já foi dito, os documentos que compõem o dossiê genético são lacunares. É importante dizer que os quarenta e nove *emails* também foram colocados em ordem e receberam uma nomenclatura específica. O seu nome foi constituído de uma arroba, que indica que são documentos que circularam na internet, e um número que diz a sua ordem de envio.

Orientadora olha para O Dissertador, que desvia o olhar para a parede. Nela, vemos surgir o primeiro *email* trocado entre Braúlio Tavares e Luiz Alberto de Abreu - também conhecido como: @01.

O DISSERTADOR

Este foi o primeiro *email*, que marcou o início dos diálogos entre Abreu, Bt e Lfc.

O Dissertador olha fixamente para a parede.

LETTERING: FIGURA 12 - @1

----- Original Message -----
From: [Braulio Tavares](#)
To: luabreu@uol.com.br
Sent: Friday, March 17, 2006 6:12 PM
Subject: Pedra do Reino

Abreu:

Estou enviando, a pedido de Luiz Fernando, os resumos e notas que fiz sobre a "Pedra do Reino".

Achei excelente esta oportunidade de trabalharmos juntos. Admiro há muito tempo teus roteiros, especificamente os dois filmes da Eliane Caffé. "Hoje é Dia de Maria", nas duas séries, foi uma confirmação.

Espero que possamos encarar com sucesso esta tarefa enorme, autêntica "pedreira", no melhor sentido possível, que é o livro de Ariano.

As notas que estou enviando são uma tentativa de dar uma ordem narrativa aos fatos do livro, que é todo narrado em flash-backs, ou, como Luiz observou muito bem, num sistema de "Vai-e-Volta" como o título do romance sugere.

As referências a páginas do romance são todas relativas à 4a. edição, que é o volume que sempre usei e onde se baseiam todas as minhas anotações. Acho que Luiz tem um exemplar. Se for necessário trabalharmos também com a edição nova, acho que é só trocar a indicação de página por indicação de capítulo, ou "folheto".

Por favor, dê um retorno, para eu ter certeza de que esta msg chegou.

Parece que temos uma reunião marcada para segunda, na casa de Luiz. Espero que este material te ajude!

Um grande abraço, e até lá.

BT

Fonte: Caixa de *emails* do pesquisador, 2013.

O Dissertador desvia o olha para outra parede, sendo acompanhado por Orientadora.

O DISSERTADOR

Já o último *email*, foi esse:

LETTERING: FIGURA 13 - @49



Fonte: Caixa de *emails* do pesquisador, 2013.

O Dissertador anda pela sala.

O DISSERTADOR

É importante dizer que os *emails* também são lacunares e, no momento em que foram nos enviados, alguns não vieram com informações importantes, como, por exemplo, um arquivo que no corpo do *email* dizia-se estar anexo. Além disso, foi feita uma seleção de quais *emails* seriam utilizados por nós, buscando sempre aqueles que dialogassem com o nosso objeto de estudo. Sendo assim: alguns foram dispensados, como estes: @07, @18, @19, @20, @21, @25, @27, @28, @31, @32, @33, @35, @37, @38, @39, @44 e @46.

O Dissertador para e olha fixamente para Orientadora.

ORIENTADORA

Agora que você já apresentou os objetivos do seu trabalho, o prototexto e o paratexto, porque não começa a sua análise?

O Dissertador e Orientadora se olham fixamente por alguns segundos até que O Dissertador para de olhá-la e anda até a janela.

O DISSERTADOR

Não.

ORIENTADORA

E porque não?

O DISSERTADOR

Eu preciso localizar o meu objeto de estudo dentro da prática da escrita de roteiro. Trata-se de um produto feito seguindo a lógica da escrita pré-roteirizada. Então, antes de fazer a análise do meu objeto de estudo é importante que eu o localize dentro da prática profissional de escrita de roteiros.

O Dissertador sai de frente da janela e anda até o canto da cela, onde se senta no colchão.

ORIENTADORA

O que você está esperando para fazer isso?

O DISSERTADOR

Precisaria dos meus livros, ou dos meus cadernos de anotações ou mesmo do meu *notebook*. O que, como a senhora pode ver, não tenho aqui.

Orientadora gargalha.

ORIENTADORA

Então, você está me dizendo que vai ficar esperando tudo isso cair do céu ou aparecer num passe de mágica. É isso?

Orientadora se arruma na cadeira.

O DISSERTADOR

Não é que só agora percebi o quanto a senhora é boa em fazer conclusões corretas?

Orientadora se arruma novamente na cadeira.

ORIENTADORA

Acho que você não está levando o problema a sério. Ou, então, não percebeu algo fundamental, que eu, inclusive, já te falei antes. (T) Quando se realiza um trabalho científico com rigor, nunca se está sozinho. O seu objeto de pesquisa, as falas dos roteiristas-autores da microssérie e as dos pesquisadores que embasam o seu estudo sempre estarão com você, independentemente

de você estar com os livros ou as falas deles nas mãos. Isso porque você já os leu e os estudou tanto, que eles fazem parte de você.

O Dissertador levanta, anda até as grades da cela e olha fixamente para Orientadora.

O DISSERTADOR

Mas o rigor científico pede sempre a comprovação dos fatos. Não adianta nada dizer o que entendeu, se você não chega e diz (MUDA DE VOZ) aqui estão as palavras de num sei o quem que comprova exatamente o que eu digo.

ORIENTADORA

Exatamente. Mas isso não é novidade, nem para mim e nem para você. Acho que você não entendeu o que eu quis dizer...

Orientadora levanta e se aproxima da grade da cela, ficando muito perto de O Dissertador.

ORIENTADORA

Onde nós estamos?

O DISSERTADOR

Não sei... Quando tudo isso começou, pensei que estávamos no mundo real. Mas, agora, diante de tudo isso, acho que estou num mundo paralelo. Numa espécie de viagem ficcional.

Orientadora gargalha. Anda até a sua cadeira e se senta. Ela olha fixamente para O Dissertador.

ORIENTADORA

E é exatamente isso. Estamos numa obra literária. Aliás, na sua obra literária. Você quis tanto se aproximar do seu objeto de estudo que aqui estamos: num mundo ficcional criado por você, para te permitir reconstruir a sua trajetória de pesquisador.

O Dissertador a olha, fascinado.

Orientadora se arruma na cadeira.

ORIENTADORA

E o que um autor é capaz de fazer numa obra literária?

O DISSERTADOR

Tudo! Escrever caminhos, alterar trajetórias...

Ele se aproxima ainda mais da grade.

O DISSERTADOR

Modificar cenários, fazer surgir personagens...

Orientadora balança a cabeça, concordando.

ORIENTADORA

Só não esqueça do que já dissemos aqui antes: este é um trabalho científico e exige o rigor científico. Além disso, você não pode esquecer que deve se aproximar do seu objeto de estudo, sem esquecer de guardar o distanciamento necessário da sua pesquisa.

O DISSERTADOR

Pode deixar, isso eu não esqueço.

ORIENTADORA

(SORRINDO)

O que está esperando?

O Dissertador olha para as coisas ao seu redor, fixamente. Como num passe de mágica, a paisagem da cela vai se transformando: as grades da prisão e as paredes começam a sumir. A roupa de O Dissertador e Orientadora se modificam, etc. Definitivamente, não estamos mais numa cela de prisão, mas, sim, em outro local.

CORTA PARA:

2. EXT. VILAREJO EM TAPEROÁ/PARAÍBA - DIA

Sentados no chão, com os olhos fixados no palco ali instalado, pode-se ver todos os personagens da microssérie *A Pedra do Reino*: Ludugero Cobra Preta, Maria Inonimata, Sinésio, Arésio, dentre outros. O único personagem da microssérie que ali não se encontra é Quaderna.

O Dissertador anda por todo o palco, seguro, olhando todos os personagens com bastante atenção.

O DISSERTADOR

Primeiramente é importante que se diga: o objeto do nosso estudo trata-se de um roteiro. Gênero literário, que é escrito tendo-se em vista a sua transformação em imagens. (T) Não existe uma única forma para a sua elaboração, podendo-ser escrito nos mais variados formatos.

O Dissertador anda até o *notebook* instalado ali no palco. Ele digita no teclado o endereço do site Roteiro de Cinema e depois ajusta o volume da caixa de som para que todos escutem.

O DISSERTADOR

Escutem!

É importante dizer que: enquanto as caixas de som emitem o texto do site Roteiro de Cinema, O Dissertador andar^á, de um lado a outro do palco, segurando um cartaz com as referências do que é dito. Ou seja: (ROTEIRO DE CINEMA, 2012).

ROTEIRO DE CINEMA

Roteiros são escritos em diversos formatos, dependendo da época em que foi escrito, da região e do estilo do autor. Em Hollywood, os produtores convencionaram um padrão de roteiro, que ficou conhecido como padrão americano...

O Dissertador olha a todos com atenção.

ROTEIRO DE CINEMA

Respeitadas as margens e tabulações, cada página equivale a um minuto de filme, pregam os produtores de Hollywood.

O Dissertador abaixa o cartaz que segura e vai até a caixa de som e a desliga.

O DISSERTADOR

Esse padrão americano, difere de outros, como o AV, por exemplo, devido a organização dos elementos que o compõe.

O Dissertador levanta o cartaz que segura. Mas agora o que se vê nele é uma imagem.

LETTERING: FIGURA 14 – Roteiro no formato A/V

VIDEO	AUDIO
<p>Dentro do quarto de dormir, deitada sobre a cama, heloísa pega o telefone e disca um número.</p> <p>Luís lê um livro, apoiado sobre a sua escrivaninha. Luís ouve o telefone tocar e o atende.</p> <p>Luís tampa o bocal do telefone e levanta a cabeça de lado, esticando o olho para olhar na direção do corredor da casa.</p>	<p><u>LUÍS</u> Alô?</p> <p><u>HELOÍSA</u> Oi. Você pode me atender?</p> <p><u>LUÍS</u> Sim. O que você quer?</p> <p><u>HELOÍSA</u> Estava morrendo de saudades de você.</p> <p><u>LUÍS</u> Eu também estou com saudades de você.</p> <p><u>HELOÍSA</u> Sabe... Eu estava pensando em como foi bom a última vez que a gente se viu.</p>

Fonte: http://dltempo.com/wiki/images/Roteiro_europeu_01.png

Todos olham fixamente para o cartaz.

O DISSERTADOR

(OFF)

O formato A/V – de áudio e vídeo –, como vocês podem ver, segue a estrutura de tabela. Na qual, de um lado, se vê as indicações do áudio e das falas dos “personagens” ou “apresentadores”, e, do outro, estão as rubricas, que são as indicações das imagens que o espectador verá.

O Dissertador volta a abaixar o cartaz.

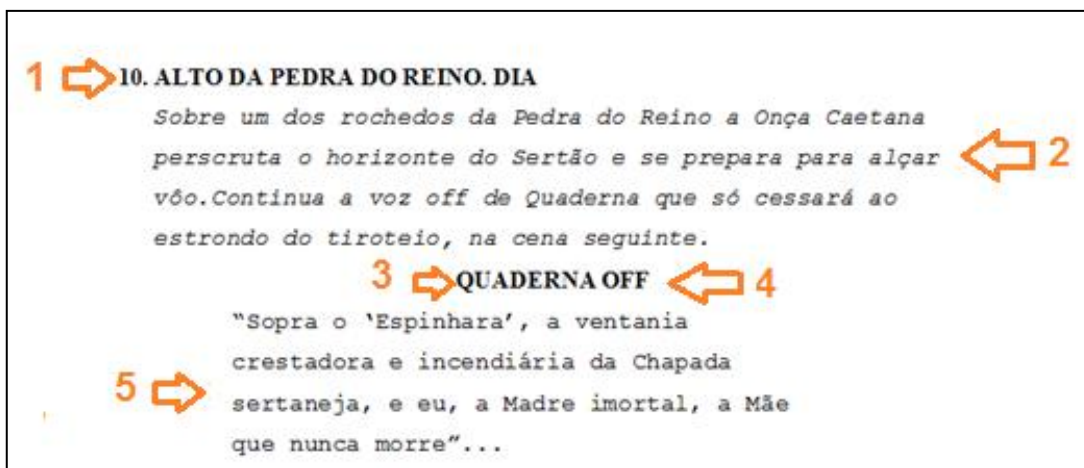
O DISSERTADOR

Estrutura que é bem diferente deste aqui!

Num rápido movimento, O Dissertador volta a levantar o cartaz e, mais uma vez, o que se vê é uma outra imagem.

Todos olham fixamente para ela.

LETTERING: FIGURA 15 – “02 – ABREU – Livro 1.rtf, página 6”



FONTE: Computador do pesquisador, 2013.

O DISSERTADOR

(OFF)

Esté é o formato americano. É composto, basicamente, por cinco elementos: o número 1, é cabeçalho de cena; o 2, a rubrica; o 3, o nome do personagem; o 4, a sugestão do modo de falar um texto por um personagem; e, 5, é a fala do personagem.

O Dissertador anda na direção de uma das extremidades do palco.

O DISSERTADOR

Gostaria de começar falando sobre a estrutura desse primeiro elemento da cena: o cabeçalho. E, para isso, trago para vocês, ele que é considerado um dos maiores gurus de roteiro do mundo, Syd Field!

O público aplaude.

O Dissertador abre os braços e os ergue lentamente. Atrás dele, surge um imenso telão, no qual se pode ver Syd Field.

Quando o telão se estabiliza, o público focaliza o seu olhar nele.

LETTERING: (FIELD, 2001, p.113).

SYD FIELD

Toda cena tem duas coisas: LUGAR e TEMPO.
Onde sua cena acontece? Num escritório? Num carro? Na praia?

O plano de focalização de Syd Field muda.

SYD FIELD

*O outro elemento é o **tempo**. A que horas do dia ou da noite sua acontece? De manhã? A tarde? Tarde da noite? Toda transcorre num lugar **específico** e num tempo **específico**. Tudo o que você tem que indicar, no entanto, é DIA ou NOITE.*

O Dissertador bate palmas e o público se volta na direção dele.

O DISSERTADOR

Prestem atenção, pois o exemplo que vem a seguir, é interessante.

O Dissertador aponta novamente para o telão. O público então se volta para ele.

Syd Field se arruma na cadeira.

LETTERING: (FIELD, 2001, p.113)

SYD FIELD

Se suas cenas se localizar numa casa, e você se movimenta do quarto para a cozinha e para a sala de estar, você tem três cenas individuais.

No telão não se exhibe mais a imagem de Syd Field, mas a de um HOMEM e MULHER que estão de pé, abraçados, em um momento de amor.

Os dois se beijam e, em seguida, deitam-se na cama.

Toda a plateia olha com atenção.

LETTERING: (FIELD, 2001, p.113)

SYD FIELD

(OFF)

Sua cena poderia se localizar no quarto entre um homem e uma mulher. Eles se beijam e deitam-se na cama. Quando a CÂMARA PANORAMIZA para a janela, em que o céu muda de dia...

Acontece um corte descontínuo. O Homem e Mulher estão deitados na cama. Ele acorda e, em seguida, ela também abre os olhos. Após um tempo, os dois levantam-se da cama.

LETTERING: (FIELD, 2001, p.113)

SYD FIELD

(OFF)

... para a noite, e PANORAMIZA de volta para mostrar o nosso casal levantando, é uma nova cena. Você mudou o **tempo** de sua cena.

O teão é desligado. O Dissertador anda pela sala, com um papel em mãos. Ele o ergue para todos, que olham com atenção.

LETTERING: FIGURA 16 - Cabeçalho da cena 1 do roteiro do filme "Cidade de Deus"

1 EXT. CASA DE ALMEIDINHA - DIA

Fonte: Computador do pesquisador, 2013.

O DISSERTADOR

(OFF)

O que vocês estão vendo é o padrão de cabeçalho de roteiro. Deve ser indicado o número da cena dentro do roteiro (1), se ela ocorre em ambiente externo (EXT) ou interno (INT). Seguido do local onde essa cena se passa (Casa de Almeidinha) e, por fim, se essa cena ocorre durante o dia ou a noite.

Ele abaixa o papel e anda para perto das pessoas.

O DISSERTADOR

E porque fazer o cabeçalho é importante? Por que nele se indicam as condições de produção para a equipe que vai rodar determinada cena. Por exemplo, os equipamentos de som utilizados numa cena em ambiente interno são diferentes dos utilizados no ambiente externo. Não é isso?

O telão volta a se acender, mas dessa vez vemos Syd Field, Luiz Carlos Maciel e Doc Comparato. Os três estão sentados. Todos balançam a cabeça.

O DISSERTADOR

Mas, reparem numa coisa. Veja o cabeçalho de cena a seguir.

O Dissertador volta a erguer um papel, chamando a atenção de todos.

LETTERING: FIGURA 17 - "07 - ABREU - Livro 1.rtf, página 6, cena 9".

9. CAMINHO NA CAATINGA. DIA

FONTE: Computador do pesquisador, 2013.

O DISSERTADOR

(OFF)

Neste caso, os roteiristas adaptaram o padrão de cabeçalho de cena para as necessidades e para a forma de trabalho deles. Aqui, não escreveram a sinalização de externa ou interna.

O Dissertador abaixa o papel e olha fixamente para a tela. A porta da sala onde estão os autores é aberta e nela entra ROBERTO LYRIO DUARTE GUIMARÃES, autor do livro *Primeiro traço: manual descomplicado de roteiro* (GUIMARÃES, 2009).

Ele senta junto aos outros roteiristas.

O Dissertador balança a cabeça para Roberto Lyrio Duarte Guimarães e continua a sua apresentação.

O DISSERTADOR

Agora vamos ao elemento 2: a rubrica!
Agora, para falar da rubrica, passamos a palavra a Roberto Duarte! E preste muita atenção por que a rubrica tem funções muito importantes!

Ele olha para a tela. Roberto Lyrio Duarte Guimarães se ajeita para falar.

Todos olham

LETTERING: (GUIMARÃES, 2009, p.39 - 40)

ROBERTO LYRIO DUARTE GUIMARÃES

As rubricas deverão introduzir o leitor na situação sem descrições extremamente detalhadas. Não será necessário descrever cada peça do cenário. Isso será um problema do cenógrafo, em acordo com o diretor.

O DISSERTADOR

Porém...

ROBERTO LYRIO DUARTE GUIMARÃES

Se houver uma ação que se passe sobre determinado tipo de móvel, como uma cama ou penteadeira, caberá ao roteirista explicar conceitualmente de que tipo de móvel se trata e descrever a ação.

O DISSERTADOR

Continue...

Roberto Lyrio Duartes Guimarães para por uns segundos, como se estivesse pensando.

LETTERING: (GUIMARÃES, 2009, p.39 - 40)

ROBERTO LYRIO DUARTE GUIMARÃES

As ações e personagens também são descritos nas rubricas, assim como as indicações sonoras. É muito importante conceituar claramente as pessoas e lugares, em suas primeiras aparições.

Ele respira fundo e continua.

ROBERTO LYRIO DUARTE GUIMARÃES

O nome do personagem, quando este entra em cena pela primeira vez deverá ser escrito em caixa alta. Isso valerá como indicação de entrada em cena de um problema novo: Atenção, figurino, maquiagem e contra-regra, RODRIGO entra em cena!

O Dissertador anda em meio as pessoas. Ele faz gestos com as mãos para que todos olhem-no.

O DISSERTADOR

O que Roberto quer dizer com isso? Que a rubrica tem algumas funções importantes: a de descrever os personagens, suas ações e ainda os cenários, além de apresentar algumas condições de produção para a equipe responsável pelo programa.

O Dissertador ergue outra folha de papel. Todos olham.

LETTERING: FIGURA 18 - "02 - ABREU - Livro 1.rtf, página 16".

A biblioteca é um pequeno cômodo térreo com portas que dão para a rua. Dentro, Quaderna escreve sentado à uma pequena e antiga escrivaninha. Está com dificuldades de criação. Escreve e risca várias vezes as palavras. À exceção de Quaderna, a Biblioteca está vazia. Sobre essa imagem a voz de Quaderna.

FONTE: Computador do pesquisador, 2013.

O DISSERTADOR

(OFF)

Como neste exemplo, que você está vendo agora. Os roteiristas descreveram a biblioteca. E, nada medida em que fizeram isso incluíram algumas especificações, como, por exemplo, a existência de uma escrivaninha com as características de "pequena e antiga".

O Dissertador abaixa a folha e ergue outra.

LETTERING: FIGURA 19 - 02 - ABREU - Livro 1.rtf, página 6.

QUADERNA OFF

Ouçõ o relincho dos cavalos, os gritos dos lutadores e os uivos de dor de mães, filhas e mulheres de tantos homens a serem mortos...

FONTE: Computador do pesquisador, 2013.

O DISSERTADOR

(OFF)

Agora, com esta imagem, vamos ver os elementos 3, 4 e 5 do roteiro: o nome do personagem, a sugestão para o ator/atriz e a fala do personagem.

O Dissertador fica em silêncio por alguns segundos, olhando para o telão.

Roberto Lyrio Duarte Guimarães toma a fala para si.

LETTERING: (GUIMARÃES, 2009, p.39 - 40)

ROBERTO LYRIO DUARTE GUIMARÃES

As falas são o que dizem os personagens. Além de uma separação de duas linhas do que vem antes e depois, elas devem conter uma claríssima identificação de quem fala, podendo vir acompanhada de uma indicação sucinta do modo como fala ou de sua atitude.

O DISSERTADOR

Elas são importantes porque, além de permitirem que o espectador conheça as motivações e o caráter de um determinado personagem, elas são capazes de descrever o personagem sobre quem se fala. Estruturalmente, as falas devem vir com um recuo, tanto da margem esquerda, como da margem direita.

O Dissertador para por alguns segundos, em tom dramático. Em seguida, olha para todos.

O DISSERTADOR

Você pode estar se perguntando: você não inseriu o posicionamento de câmera na estrutura do roteiro, por quê? Pois é, não falei mesmo. Foi proposital. Já dizia Syd Field em um dos seus manuais de roteiro: não cabe ao roteirista inserir posicionamento de câmera, esta é a função do diretor. Ao roteirista cabe o texto, ao diretor cabe como contar esse texto.

O Dissertador aponta para o telão na direção de Luiz Carlos Maciel, que olha atentamente para o público e começa a falar.

LETTERING: (MACIEL, 2003, p.15)

LUIZ CARLOS MACIEL

A maioria das pessoas, quando ouve falar em roteiro, pensa logo naquele formato tradicional, de roteiro decupado plano a plano, até com aquela divisão em duas colunas para som e imagem.

Ele para por uns segundos.

LUIZ CARLOS MACIEL

A linguagem indicada nos antigos roteiros é, agora, uma total responsabilidade do diretor... O roteirista tem de indicar o

que vai acontecer naquela cena, seu conteúdo, o que vai ser visto, mais do que como vai ser visto.

SYD FIELD se ajeita na cadeira, sendo observado pelos outros personagens.

LETTERING: (FIELD, 2001, p.155)

SYD FIELD

O roteirista não é responsável por escrever POSIÇÕES DE CÂMARA e terminologia detalhada de filmagem. Não é a tarefa do escritor. O trabalho do escritor é dizer ao diretor o que filmar, não como filmar.

Syd Field olha para Luiz Carlos Maciel, que balança a cabeça.

O Dissertador também concorda.

O DISSERTADOR

Mas é importante dizer uma coisa: às vezes, é permitido que o roteirista inclua posições de câmera no roteiro, mas desde que tais marcações sejam essenciais a história que está sendo contada. É comum ver esse posicionamento de câmera nos roteiros dos filmes de suspense, na qual pequenos detalhes são importantes para contar determinada história.

O DISSERTADOR anda apressadamente em meio a todos.

O DISSERTADOR

Algumas pessoas pensam que escrever roteiros é uma tarefa bastante simples. Acham que é só ter uma ideia e pronto, elas estão aptas a escrever. (T) O que elas esquecem é que para escrever roteiros é necessário, além de muita determinação, seguir um processo de trabalho importante, conhecido como *screenwriting*.

LETTERING: (MACIEL, 2003, p.18)

LUIZ CARLOS MACIEL

*O **screenwriting** é um produto típico do espírito pragmático norte-americano que se manifesta em sua habilidade espantosa de estabelecer o **know-how** de tudo.*

Ele para por uns instantes.

LUIZ CARLOS MACIEL

Seu objetivo não é a formação de grandes artistas - isso é uma coisa que não se ensina -, mas a preparação de profissionais competentes.

Syd Field balança a cabeça, concordando.

LETTERING: (MACIEL, 2003, p.18 - 19)

LUIZ CARLOS MACIEL

O **screenwriting** não foi feito para fazer desabrochar o gênio artístico, mas, simplesmente, para preparar mão-de-obra qualificada para a indústria do **show business**, em particular o cinema e a televisão.

O DISSERTADOR

O *screenwriting* é, portanto, um método de trabalho, baseado em cinco etapas consecutivas: *storyline*, argumento (ou sinopse), perfil de personagens, escaleta e o roteiro. Método de trabalho que, aliás, foi seguido por Braulio Tavares e Luis Alberto de Abreu na criação dos roteiros da microssérie *A Pedra do Reino*.

O Dissertador anda até o *notebook* e aperta um botão. No telão aparece a imagem de BIASI.

O DISSERTADOR

Se os roteiristas da microssérie *A Pedra do Reino* seguiram um método de trabalho que vai desde a concepção à fase de escrita propriamente dita, isso quer dizer uma coisa: que a escrita deles é do tipo "programação roteirizada", na qual...

BIASI

...há um trabalho de concepção preliminar que precede a escritura, sob a forma de planos, roteiros, anotações, esboços, pesquisas documentais, que tem como função preparar e organizar uma redação que poderá depois ser realizada parte por parte, capítulo por capítulo.

A imagem de Biasi some.

O Dissertador está de pé. À sua frente está um homem, também de pé, é Luis Alberto de Abreu.

O DISSERTADOR

É interessante observar como Luis Alberto de Abreu destaca a importância de seguir um método de trabalho no seu processo de criação. No *email @2*, que ele enviou para Bráulio Tavares, logo no início do processo de criação do roteiro da *microssérie*, ele fala sobre isso.

Luis Alberto de Abreu dá um passo a frente e fala para todos.

LETTERING: (ABREU, 2011).

LUIS ALBERTO DE ABREU

Alô, Bráulio, tudo bem? Estou aqui já começando o roteiro do primeiro capítulo. Estou enviando, anexo, minha proposta (enredo, argumento e escaleta).

Ele para alguns segundos.

LUIS ALBERTO DE ABREU

Como tenho sempre um viés estruturante (acho que é deformação de dramaturgo) tenho necessidade que visualizar o todo. Creio que, nesta semana, poderíamos pensar na estruturação dos cinco capítulos, pelo menos em argumento precário.

Ao terminar de dizer isso, Luis Alberto de Abreu some. O Dissertador olha para o público.

O DISSERTADOR

Agora você deve estar se perguntando: o que é *storyline*, argumento, escaleta e perfil de personagem? Isso nós vamos responder agora. Mas antes é preciso dizer que não existe uma fórmula específica para o processo de criação de roteiros. Isso depende muito do roteirista, do seu modo de trabalho.

O telão volta a surgir a imagem dos roteiristas. O Dissertador aponta para Doc Comparato.

O DISSERTADOR

Doc Comparato, por exemplo, em seu livro *Da criação ao roteiro: teoria e prática* diz

que são 6 etapas que compõem o processo de criação de um roteiro: *ideia, conflito, personagens, ação dramática, tempo dramático e unidade dramática*. Não é?

Doc Comparato balança a cabeça.

O DISSERTADOR

Ao falar sobre a *ideia*, Doc Comparato ressalta a necessidade do roteirista encontrar uma boa ideia ou mesmo deixar-se abater por ela; ou ainda, por um fato que seja dramaticamente interessante de se contar numa obra audiovisual.

Doc Comparato se ajeita na cadeira e toma a palavra.

LETTERING: (COMPARATO, 2009, p. 29-30)

DOC COMPARATO

Um roteiro parte sempre de uma ideia, um fato, um acontecimento que provoca no escritor a necessidade de relatar. A procura da ideia ou a sua descoberta são atividades nem sempre faceis de se abarcar. As ideias são por vezes sutis e difíceis de alcançar.

Ele para por alguns segundos.

DOC COMPARATO

No entanto, obrigatoriamente se convertem no fundamento do roteiro. Isso exige o maior cuidado para descobrir, isolar e definir ideias dramaticamente pertinentes.

O DISSERTADOR

Ou seja: ele enxerga que o processo de criação de um roteiro já se inicia na captação de uma ideia capaz de produzir uma obra audiovisual. É somente na sua segunda etapa, no conflito, que ele vai começar a adotar o método de trabalho do *screenwriting*. Não é isso, Doc Comparato?

Doc Comparato balança a cabeça, confirmando que sim.

LETTERING: (COMPARATO, 2009,p.30)

DOC COMPARATO

(OFF)

...a ideia audiovisual e dramática deve ser definida por um conflito essencial. A esse primeiro conflito, que será a base do trabalho do roteirista, chamaremos de conflito matriz.

O DISSERTADOR

É nesse momento que ele fala que deve ser formulada a *storyline*. Que nada mais é do que contar a história principal em, no máximo, 5 linhas.

Doc Comparato se levanta e anda pela sela entre os roteiristas, que o olham de maneira atenta.

LETTERING: (COMPARATO, 2009,p.30)

DOC COMPARATO

A story line é a condesação do nosso conflito básico cristalizado por em palavras.

Luiz Carlos Maciel também levanta e fica ao lado de Doc Comparato.

LETTERING: (MACIEL, 2003, p.24 - 25)

LUIZ CARLOS MACIEL

A story-line é um resumo, em poucas linhas, da ação principal da história; ela indica a essência do que se quer mostrar e, portanto, serve de bússola para a composição do argumento ou sinopse.

Os olhos da plateia agora se dirigem a Roberto Lyrio Duarte Guimarães, que explica o que é uma *storyline*.

ROBERTO LYRIO DUARTE GUIMARÃES

Nos diz sempre de onde partimos e onde queremos chegar. A story line é a forma mais objetiva que temos de começar a entrar concretamente na estrutura dramática.

LETTERING: (COMPARATO, 2009,p.30)

DOC COMPARATO

Uma story line deve ser breve, concisa e eficaz. Não deve ultrapassar cinco linhas e

por meio dela devemos ficar com a noção daquilo que vamos contar.

Luiz Carlos Maciel bate palmas, chamando a atenção de todos.

LETTERING: (MACIEL, 2003, p.24 - 25)

LUIZ CARLOS MACIEL

Atenção, entretanto: a story-line não é uma ideia geral da história, nem uma situação inicial a ser desenvolvida, nem mesmo uma trama na qual um dos elementos essenciais - começo, meio e fim - está faltando.

Ele para e olha para todos.

LUIZ CARLOS MACIEL

Enunciar uma story-line é indicar a espinha dramática da trama, a ação principal. Uma história dramática pode ter várias ações, mas uma delas é a principal, o tronco, e ela se refere a categoria dramática de unidade de ação.

A plateia bate palmas. Doc Comparato e Luiz Carlos Maciel voltam a se sentar.

O Dissertador, diante do olhar de todos, se arruma na cadeira.

O DISSERTADOR

A storyline é, portanto, uma ideia se materializando num projeto audiovisual. É o primeiro esboço de um roteiro que já está latente. Certa vez, não me lembro em qual curso foi, aprendi que para se fazer uma boa storyline precisamos responder três perguntas básicas. São elas: primeira: qual o fato que quebra a normalidade? Segunda: qual a consequência dessa quebra de normalidade? Terceira: qual o desfecho?

Os três roteiristas se entre-olham.

O DISSERTADOR

Respondidas essas três perguntas, você, certamente, poderá ter feito uma boa storyline.

O Dissertador faz uma pausa e fica pensativo.

O DISSERTADOR

Eu acho que o mais prudente agora seria mostrar a *storyline* feita por Luis Alberto de Abreu e Bráulio Tavares para a microssérie *A Pedra do Reino*.

Luis Alberto de Abreu e Bráulio Tavares voltam a aparecer no meio do povo. Eles estão sentado, lado a lado, em frente a um computador. Eles observam algo na tela do computador.

LETTERING: Fonte: *Email do pesquisador, 2013*.

LUIS ALBERTO DE ABREU e BRÁULIO TAVARES

(JUNTOS)

Um velho palhaço e rapsodo narra, num espetáculo de rua, a história de sua família, uma saga sangrenta que mistura reis, cangaceiros, místicos e poetas.

Eles param por alguns segundos.

LUIS ALBERTO DE ABREU e BRÁULIO TAVARES

(JUNTOS)

Narra também seu inquérito e sua prisão por suspeita pela morte de seu padrinho e por participação numa sublevação popular.

A plateia olha para o rosto dos dois.

LUIS ALBERTO DE ABREU e BRÁULIO TAVARES

(JUNTOS)

Na prisão, escreve essa rapsódia revelando seu desejo de instaurar uma monarquia popular e literária e sagrar-se gênio da raça brasileira.

O Dissertador bate palmas chamando a atenção de todos.

O DISSERTADOR

A terceira etapa apontada por Doc Comparato refere-se aos personagens. E, é claro, tem a ver com o processo de criação dos personagens da obra audiovisual que se pretende produzir.

O Dissertador aponta para Doc Comparato.

LETTERING: (COMPARATO, 2009, p.31)

DOC COMPARATO

Chegou o momento de pensar em quem vai viver esse conflito básico. Devemos criar as personagens. Há quem pense que são as personagens que dão origem a uma história.

O DISSERTADOR

E como você enxerga?

Ele para por alguns segundos.

LETTERING: (COMPARATO, 2009, p.31)

DOC COMPARATO

O desenvolvimento da personagem se faz por meio da elaboração do argumento ou sinopse. Nessa fase é que se começa a desenhar as personagens e a localizar a história no tempo e no espaço.

O Dissertador anda, pensativo.

O DISSERTADOR

Percebam como Doc Comparato coloca a sinopse como ponto de partida para a criação dos personagens, enquanto tem outros autores que relativizam isso. Luiz Carlos Maciel, por exemplo, diz que isso é relativo.

Luiz Carlos Maciel se levanta e anda em meio aos roteiristas.

LETTERING: (MACIEL, 2003, p.25 - 26)

LUIZ CARLOS MACIEL

História baseada em personagens, nas quais a experiência deles é o fator central, exigem a elaboração imediata do perfil dos personagens...

Ele observa a atenção da plateia, que copia o que ele diz.

LUIZ CARLOS MACIEL

...muitas vezes esse perfil deve inclusive anteceder a própria composição do argumento, visto que, nessas histórias, frequentemente os personagens geram a história.

O DISSERTADOR

Voltando agora ao argumento...

Luiz Carlos Maciel se senta.

LETTERING: (MACIEL, 2003, p. 26)

LUIZ CARLOS MACIEL

O trabalho de roteirizar supõe a existência prévia de uma história, com começo, meio e fim. Estabelecer essa história é uma condição necessária para o desenvolvimento do roteiro.

Ele pausa por uns segundos.

LUIZ CARLOS MACIEL

Por isso, antes de se começar a escrever o roteiro propriamente dito, é preciso escrever um argumento, ou sinopse - o que os americanos chamam de treatment.

Doc Comparato balança a cabeça, concordando.

LETTERING: (COMPARATO, 2009, p.31)

DOC COMPARATO

Não é prudente estabelecer limites à extensão de uma sinopse. Existem sinopses de duas folhas e sinopses de oitenta folhas. Os europeus costumam preferir sinopses mais longas e datalhadas do que os americanos.

O DISSERTADOR

É importante dizer que, junto com o argumento ou a sinopse, deve-se fazer um perfil de personagens. Que nada mais é do que descrever cada personagem que vai fazer parte de uma determinada história, no seus mínimos detalhes, tanto físicos, como psicológicos.

O Dissertador, anda com uma folha de ofício na mão.

O DISSERTADOR

Agora, vou ler um exemplo de perfil de personagens feito por Luis Alberto de Abreu e Bráulio Tavares.

Luis Alberto de Abreu está de pé e Bráulio Tavreres, sentado. Eles voltam a aparecer.

Os dois seguram uma folha de ofício idêntica, que contem o perfil de personagens feito por eles.

LUIS ALBERTO DE ABREU e BRÁULIO TAVARES

(JUNTOS)

Pedro Dinis Quaderna (adulto). Quarenta e um anos, moreno carregado, " com uma cara que parece talhada em pedra ou madeira, a foice, enxó e machado". É, segundo sua própria definição, covarde com sorte, mas não foge ao seu destino nem à sua herança real.

O Dissertador olha para eles com antecção.

LUIS ALBERTO DE ABREU e BRÁULIO TAVARES

(JUNTOS)

Sagaz, inteligente, sarcástico, engraçado, dado à sátira, com formação que mistura cultura clássica e popular. Tem a pretensão quixotesca de ser reconhecido como gênio da raça.

Quando os dois param, O Dissertador, que agora está sentado à mesa, começa a digitar algo no teclado do notebook.

O DISSERTADOR

A quarta etapa sinalizada por Doc Comparato se chama "ação dramática". Nesta etapa, como você vai ver, Doc Comparato explica que o roteirista deve planejar a história que vai contar em função de algo que considera importante para a progressão dramática de um acontecimento. E, nesta etapa, o roteirista deve fazer algo importante, chamado de escaleta.

Doc Comparato agora está parado, num canto da sala. Os outros roteiristas o olha.

LETTERING: (COMPARATO, 2009, p.31)

DOC COMPARATO

*Na quarta etapa construiremos a ação dramática, isto é, a maneira como vamos contar o conflito básico vivido por aqueles seres chamados personagens. Ao **o que, quem, onde e quando**, juntamos o **como**. De que maneira vamos contar essa história.*

O Dissertador fica em silêncio absoluto.

DOC COMPARATO

A quarta etapa é na realidade a construção da estrutura.

O DISSERTADOR

De que estrutura você está falando?

Doc Comparato balança a cabeça.

LETTERING: (COMPARATO, 2009, p.32)

DOC COMPARATO

A estrutura é o esqueleto formado pela sequência de cenas. Os italianos chamam à estrutura escaletta.

O DISSERTADOR

Você tem algo para falar sobre isso, Luiz Carlos Maciel?

Luiz Carlos Maciel se ajeita na cadeira, enquanto Roberto Lyrio Duarte não diz nada.

LETTERING: (MACIEL, 2003, p. 26)

LUIZ CARLOS MACIEL

A escaleta é a tarefa específica de roteirização, pois é a divisão da história nas cenas que melhor a exibirão ao público.

ROBERTO LYRIO DUARTE GUIMARÃES

Na escaleta escrevemos apenas uma indicação do local e do sentido geral da ação de cada uma delas.

Ele olha Luiz Carlos Maciel, que concorda.

LETTERING: (MACIEL, 2003, p. 26)

LUIZ CARLOS MACIEL

Ao escaletar, o roteirista decide que cenas ele vai mostrar, que cenas vai esconder em elipses eficientes, e como vai encadeá-las. A escaleta é o momento em que surge a arte do roteiro propriamente dita. Escaletar é roteirizar.

O DISSERTADOR

É importante dizer que existem diversas formas de escaletar um roteiro. Algumas são mais detalhadas, descrevendo todas as ações que vão acontecer em cada cena. Já outras, são escaletas mais enxutas, somente contendo os tópicos que se transformarão em ideias.

O Dissertador se levanta.

O DISSERTADOR

Particularmente, acho o processo de escaletar uma das partes mais interessantes do processo de criação de um roteiro. Por que, depois que você escaleta, a construção do roteiro foi melhor, tudo parece ficar muito mais simples e prático. Principalmente para mim, que prefiro uma escaleta mais detalhada. (T) Algo diferente de Bráulio Tavares e Luis Alberto de Abreu, roteiristas da microssérie *A Pedra do Reino*.

A plateia agora olha para Bráulio tavares e Luis Alberto de Abreu que novamente estão lado a lado, escrevendo em frente a um *notebook*.

LUIS ALBERTO DE ABREU e BRÁULIO TAVARES (JUNTOS)

1. O circo de Quaderna velho chega à cidade. 2. Quaderna se apresenta ao público como rei castanho e informa que a sua realeza foi a causa de sua prisão e infortúnio. As grades de uma prisão descem do urdimento e encerram Quaderna Velho. 3. Quaderna fala de seu projeto de uma obra épica teatral que se justificasse perante o povo brasileiro. 4. A estranha cavalgada se inicia em sombra chinesa no teatro do circo.

Os dois somem.

O Dissertador anda, olhando para os outros autores com atenção.

O DISSERTADOR

A quinta etapa, descrita por Doc Comparato, corresponde à escrita do primeiro tratamento do roteiro. Ou a primeira versão do roteiro. É o momento em que o roteirista

deve escrever os diálogos das cenas e encontrar o tempo dramático. Ou o tempo necessário de cada cena. Não é isso?

O Dissertador olha para o telão. Doc Comparato toma a palavra.

LETTERING: (COMPARATO, 2009,p.32)

DOC COMPARATO

O tempo dramático é quanto tempo terá cada cena. Isso é, colocamos os diálogos nas cenas e por meio deles começamos a dar ao trabalho uma forma de roteiro.

Ele para e olha O Dissertador, para ver se ele esta entendendo o que ouve.

DOC COMPARATO

Nesta etapa completaremos a estrutura do roteiro, inserindo o diálogo. Então cada cena terá o seu tempo dramático e a sua função dramática. Esse trabalho já se concretiza no chamado primeiro roteiro.

O DISSERTADOR

Ah, entendi!O que Doc Comparato chama de sexta etapa, a unidade dramática, corresponde ao último tratamento do roteiro. O estágio em que o roteiro está pronto para ser gravado.

Silêncio. O Dissertador levanta e vai até o público com um livro aberto nas mãos.

O DISSERTADOR

É importante dizer que essas seis etapas correspondem somente a um método de trabalho que foi desenvolvido para permitir aos roteiristas, de um modo geral, um maior controle do produto que está realizado. O conhecimento dessa fórmula não garante o sucesso de um roteiro. Um roteirista tem que conhecer outros elementos, como narrativa, a linguagem do meio no qual se vai trabalhar e as condições de produção que se dispõe para escrever um programa.

Ele fecha o livro.

O DISSERTADOR

Agora eu tenho certeza que você tá curioso para conhecer um pouco mais sobre o processo de criação do roteiro da microssérie *A Pedra do Reino*, né?

O telão se apaga. O Dissertador anda até o *notebook* e o fecha. Em seguida, olha para a plateia.

O DISSERTADOR

Você pode até estar, mas por agora ficamos por aqui. No próximo capítulo de *Três mãos e o roteiro: o processo de criação do roteiro da microssérie A Pedra do Reino* você vai ver como funcionou o processo de criação do roteiro da microssérie *A Pedra do Reino*. Até lá!

SOBEM CRÉDITOS

1. INT. SALA DO TRIBUNAL/TAPEROÁ - DIA

Uma sala pequena e mal iluminada. Os móveis são todos de madeira.

De pé, num dos cantos da sala, está MARIA segurando uma máquina de escrever. Ela está pronta para anotar tudo o que for dito naquele recinto. Ela é mais uma das personagens da microssérie *A Pedra do Reino*.

O Dissertador a olha com atenção até que, de repente, a porta se abre e entra na sala Quaderna, com seus trajes habituais de palhaço.

Ele entra e senta em sua cadeira de juiz.

O silêncio impera. Todos os personagens, que estão na parte da plateia, olham-no com atenção.

QUADERNA VELHO

Pois, então, meu rapz, agora você pode dar continuidade ao seu *show*!

O DISSERTADOR

(IRÔNICO)

Por curiosidade, me diga, que tipo de *show* o senhor gosta, hein?

QUADERNA VELHO

Daqueles que discorrem sobre o processo de criação de obras artísticas!

O DISSERTADOR

(IRÔNICO)

Hum... que coincidência! Eu adoro ouvir essas histórias também. Me conte uma, seu Quaderna. Me conte uma, por favor!

As pessoas presentes no recinto começam a gargalhar, irritando Quaderna. Ele bate com a mão na mesa, com violência, fazendo o silêncio voltar a imperar no recinto.

O Dissertador se assusta e cai para trás - com cadeira e tudo -, no chão.

QUADERNA VELHO

O senhor está de brincadeira? Quer ficar preso pelo resto de sua vida aqui?

O Dissertador olha para a Orientadora, sentada no espaço da plateia, e percebe que ela se mostra muito irritada. Em seguida, O Dissertador levanta do chão e se aproxima da mesa de Quaderna.

O DISSERTADOR

Não, não. Pelo contrário, só fiz isso para criar um certo clima de expectativa para eu apresentar a minha análise. Quer dizer, para tornar o seu impacto ainda maior.

QUADERNA

Maior?!

O DISSERTADOR

Incrivelmente maior. Afinal, a história que o senhor foi protagonista é digna de uma exaltação sem limites.

Quaderna fica embevecido por alguns segundos, mas, depois, como se recobrasse a consciência de que é o juiz e está num tribunal, volta a olhar para O Dissertador de maneira ríspida.

QUADERNA

Pois então, conte! (T) E antes que você me pergunte, pode fazer uso de todos os instrumentos que desejar.

O Dissertador anda até uma pasta colocada no chão à sua frente, agacha-se e pega um papel dentro dela. Ele permanece agachado por alguns instantes.

O DISSERTADOR

Para começar a minha análise, eu preciso primeiro apresentar cada um dos documentos estudados. E o primeiro deles... é este!

O Dissertador se ergue num movimento teatral, mostrando o documento para Quaderna e todos os presentes na sala.

O DISSERTADOR

Este documento corresponde à primeira versão do roteiro do primeiro capítulo da microssérie *A Pedra do Reino*. Ela foi elaborada por Luis Alberto de Abreu e Bráulio Tavares, em seu diálogo via *email*. Nesta versão, Luis Alberto de Abreu trabalhou da primeira cena até a doze e, Bráulio Tavares, da treze até o final. Vejam!

O Dissertador aproxima ainda mais o papel do público presente no recinto, fazendo com que todos o observem minuciosamente.

LETTERING: FIGURA 20 - "04 - ABREU + BT - Livro 1.rtf"

1. ABERTURA. SERTÃO/ AMANHECER

2

O sol desponta sobre o sertão e logo fere o chão da caatinga produzindo reverberações que incendeiam o ar. Um esturro assustador de onça ecoa por toda a extensão solitária da caatinga. A origem do urro é uma furna sobre um lajedo de onde se ouve um rosnado feroz. Após um tempo, do fundo da caverna surge, à distância, uma figura feminina que caminha à frente. Está nua, mas a imagem de seu corpo é desfocada pelas emanações de calor que sobem do lajedo. A figura urra novamente e agacha-se como uma esfinge. No mesmo instante a figura começa a perder sua bela forma de mulher e assumir a da Onça malhado-vermelha. Em seu pescoço enreda-se uma cobra coral e três aves-de-rapina pousam em seu dorso e suas garras penetram-lhe as carnes fundindo-se a ela. É agora a Onça Caetana e nesta figura há "algo de belo e de infame, de reluzente e fascinador, mas repugnante." A Onça urra, as aves coladas a ela guincham e o estranho animal levanta vôo.

Corte descontinuo: A Onça Caetana voa sobre o sertão aproximando-se de duas altas rochas que, paralelas, sobem ao céu destacando-se na paisagem plana: são as pedras do reino. A Onça Caetana pousa sobre a mais alta delas. Urra.

Fonte: Computador do pesquisador, 2013

O DISSERTADOR
(OFF)

Como todos vocês podem observar rapidamente, esta cena não apresenta nenhum diálogo. Toda a sua construção foi feita através de rubricas.

O Dissertador aponta para o cabeçalho de cena e todos o olham com atenção.

LETTERING: FIGURA 21 - "04 - ABREU + BT - Livro 1.rtf", cabeçalho da cena 1.

1. ABERTURA. SERTÃO/ AMANHECER

Fonte: Computador do pesquisador, 2013.

O DISSERTADOR

(OFF)

Como o cabeçalho demonstra, as ações desta cena ocorrem num local externo - o sertão-, no amanhecer do dia. E ao estabelecer esses fatos, os seus roteiristas estão indicando aos seus espectadores o local onde a história que se inicia se passará. Eles estão dizendo: essa história se passa no nordeste. É sobre o sertão nordestino!

O Dissertador aponta para a rubrica desta cena e todos o olham com atenção.

LETTERING: FIGURA 22 - "04 - ABREU + BT - Livro 1.rtf", rubrica da cena 1.

O sol desponta sobre o sertão e logo fere o chão da caatinga produzindo reverberações que incendeiam o ar. Um esturro assustador de onça ecoa por toda a extensão solitária da caatinga. A origem do urro é uma furna sobre um lajedo de onde se ouve um rosnado feroz. Após um tempo, do fundo da caverna surge, à distância, uma figura feminina que caminha à frente. Está nua, mas a imagem de seu corpo é desfocada pelas emanações de calor que sobem do lajedo. A figura urra novamente e agacha-se como uma esfinge. No mesmo instante a figura começa a perder sua bela forma de mulher e assumir a da Onça malhado-vermelha. Em seu pescoço enreda-se uma cobra coral e três aves-de-rapina pousam em seu dorso e suas garras penetram-lhe as carnes fundindo-se a ela. É agora a Onça Caetana e nesta figura há "algo de belo e de infame, de reluzente e fascinador, mas repugnante." A Onça urra, as aves coladas a ela guincham e o estranho animal levanta vôo.

Corte descontinuo: A Onça Caetana voa sobre o sertão aproximando-se de duas altas rochas que, paralelas, sobem ao céu destacando-se na paisagem plana: são as pedras do reino. A Onça Caetana pousa sobre a mais alta delas. Urra.

Fonte: Computador do pesquisador, 2013.

O DISSERTADOR

(OFF)

Agora, leiam a rubrica! Percebam que o texto da rubrica fala do despertar de uma mulher, que ao ter seu corpo coberto e tocado por animais, se transforma num personagem mítico e, em seguida, voa pelo sertão.

QUADERNA

(OFF)

Peraí, peraí que eu não estou entendendo.

O Dissertador olha para Quaderna.

QUADERNA

E quem é esse personagem?

O Dissertador gargalha.

O DISSERTADOR

A Onça-Caetana! Que é nada mais, nada menos que a representação da morte!

Quaderna se assusta, juntamente com o público.

Contente com essa reação do público, O Dissertador se aproxima deles e fala num tom mais sensual.

O DISSERTADOR

E essa Onça Caetana, meus amigos, não é uma personagem qualquer. Deve ser bela...

Os homens do público se entreolham, como se estivessem imaginando essa mulher.

O DISSERTADOR

...e repugnante!

Os homens fecham a cara. E as mulheres sorriem.

QUADERNA

Peraí, perai, perai. Me desculpe, mas novamente preciso te interromper. Que importância tem se os autores começam com essa personagem ou uma outra qualquer?

O Dissertador anda pela sala.

O DISSERTADOR

Começar a narrativa com a representação da morte é bastante significativo. Ao inserirem essa imagem, os roteiristas sinalizam para o telespectador a força da violência sobre a história que se inicia e que vai ser contada, ao longo dos quatro capítulos seguintes. E isso é importante, principalmente para você.

**QUADERNA
(ESPANTADO)**

Para mim?

O DISSERTADOR

Exatamente! Não é a história de sua família marcada por tragédias?

QUADERNA

Por favor, vamos deixar isso para lá.

O Dissertador se aproxima de Maria, que está com a máquina de escrever na mão.

O DISSERTADOR

Lógico que não é apenas a aparição da Onça Caetana que mostra a força da violência na história. Existe outro elemento, neste capítulo, que reforça o fato, sinalizando para o telespectador, inclusive, que uma tragédia está por vir.

Quaderna olha fixamente para O Dissertador.

O DISSERTADOR

Falo do jogo de cenas e do diálogo que mostram que alguém será tocado e morto, o que impossibilita que haja um acordo de paz entre três famílias até então inimigas.

O Dissertador anda até a sua cadeira e se senta.

O DISSERTADOR

E esse jogo de cenas acontece logo após a cena da transformação da mulher em Onça Caetana. Nelas, se vê três grupos de homens de famílias rivais aproximando-se uns dos outros, no meio do sertão. E eles se aproximam sem saber que estão sendo esperados por um quarto grupo para serem tocados e mortos.

O Dissertador se abaixa, pega um maço de papeis, abre uma folha e a estende.

O DISSERTADOR

Leia o que acontece na página 5, cena 6, Senhor Juiz!

Quaderna se estica e fixa o olhar no documento.

LETTERING: FIGURA 23 - "04 - ABREU + BT - DTRA - Livro 1.rtf", página 5, cena 6.

6. LOCAL DA EMBOSCADA. DIA

Um quarto grupo de homens ocultos atrás de pedras espera. Estão armados de arcabuzes e suas figuras barbadas, cabelos longos e em desalinho, pés descalços e grossos, roupas puídas indicam jagunços acostumados à vida dura. Nesta visão fechada desses homens não é possível adivinhar qual dos três grupos de cavaleiros eles esperam.

QUADERNA *OFF*

"Ayi desses homens orgulhosos que não se apercebem da vanidade e do perigo dessas dissensões e querem impor suas miragens e seus sonhos terrestres de dominação e poder... Vejo, agora, dois exércitos que se aprestam. Estão se colocando um diante do outro e minhas entranhas estremeçam ao vê-los."

Fonte: Computador do Pesquisador, 2013.

O DISSERTADOR

(*OFF*)

Note que o cabeçalho de cena já mostra o que vai acontecer: uma emboscada, pois é no "local da emboscada" que a cena se passa. É lá que jagunços armados estão ocultos atrás de pedras à espera de um dos grupos das famílias rivais. É a força da violência!

O Dissertador abaixa o papel e Quaderna volta a se recostar na cadeira.

O DISSERTADOR

Gostaria de apontar algo peculiar nesta versão que tem a ver com você, Senhor Juiz. Refiro-me à maneira como você é inserido na história. Ao longo de diversas cenas, o seu nome, Quaderna, aparece como um narrador, em *OFF*, que descreve o que está acontecendo e que dá indícios do que está por vir. Perceba que fala desta cena 6 que acabei de mostrar e você avisa que uma tragédia vai acontecer.

O Dissertador levanta novamente o papel e Quaderna fixa o seu olhar nele.

LETTERING: FIGURA 24 - Fala de Quaderna

QUADERNA OFF

"Ay| desses homens orgulhosos que não se apercebem da vanidade e do perigo dessas dissensões e querem impor suas miragens e seus sonhos terrestres de dominação e poder... Vejo, agora, dois exércitos que se aprestam. Estão se colocando um diante do outro e minhas entranhas estremecem ao vê-los."

Fonte: Computador do pesquisador, 2013.

O DISSERTADOR

(OFF)

Olhe o que você, em *OFF*, diz: "Vejo agora dois exércitos que se apresentam. Estão se colocando um diante do outro e minhas entranhas estremecem ao vê-los".

Quaderna se movimenta na cadeira, inquieto.

QUADERNA

Lembro muito bem disso. Nesta cena, eu não digo que vejo homens andando pela rua e indo para um encontro. Eu digo que vejo um exército e que isso me faz estremecer.

O DISSERTADOR

Exatamente! Perceba que as palavras escolhidas pelos roteiristas para a sua fala reforçam o clima de violência da história. Só nesta fala você diz palavras carregadas do peso do conflito. Você diz: "vanidade", "perigo", "dominação", "poder", "exércitos", "entranhas" e "estremecem". Todas essas palavras ajudam a caracterizar um ato violento, que será marcado por uma morte e na conseqüente impossibilidade de um acordo de paz entre famílias distintas.

O Dissertador pega o maço de papeis e passa algumas páginas com velocidade, até chegar à página 7.

O DISSERTADOR

E alguém realmente morre. Veja!

O Dissertador ergue mais uma vez o maço de papeis, fazendo com que Quaderna, mais uma vez, se espiche na cadeira para olhar o que tem escrito nele.

LETTERING: FIGURA 25 - "04 - ABREU + BT - DTRA - Livro 1.rtf", página 7.

Plano dos Jagunços puxando os gatilhos. Estrondo intenso de fuzilaria, depois novo silêncio. O tempo parece paralisar sobre o grupo maior de cavaleiros. Imóvel sobre o cavalo o velho de cabelos brancos ainda não tem consciência do sangue que tinge sua camisa branca à altura do ventre. O mesmo acontece com outros dois homens, um deles atingido no rosto que também se tinge de vermelho e o outro no peito. O grupo de cavaleiros apenas susta o movimento dos cavalos e desconcerta-se ainda numa suspensão de sonho. Subitamente a cena ganha vida: o velho se dobra sobre a cela, outro é derrubado violentamente da cena, outro se joga, mortalmente ferido do cavalo. Confusão, relinchos, gritos. Os dois jovens que secundavam os homens da dianteira descem apressados e correm em socorro do velho curvado sobre a sela. Adelgício e Benedito tiram o Pai da sela e Adelgício começa a gritar.

ADELGÍCIO

Mataram nosso pai, Benedito!

Benedito, aparvalhado, aperta a cabeça com as mãos e grita desesperado. Os jagunços sacam os punhais e saem

Fonte: Computador do pesquisador, 2013.

O DISSERTADOR

(OFF)

Os "tocaiadores" matam o pai de Adelgício e Benedito, que entram em desespero. E os jagunços que estavam no grupo desses dois irmãos sacam as suas armas e entram em combate. O que resulta na possibilidade de qualquer acordo.

O Dissertador se reencosta na cadeira, exausto. A plateia o acompanha com o olhar e até mesmo o som do digitar na máquina de escrever cessa.

O DISSERTADOR

Se você, Senhor Juiz, ainda não está convencido da força da morte nesta versão, veja só!

O Dissertador levanta novamente o papel, em outra página, e o exhibe para Quaderna que tudo observa. O papel está aberto na cena 14, página 15.

LETTERING: FIGURA 26 - "04 - ABREU + BT - DTRA - Livro 1.rtf", página 15.

Ludugero dá um rincho de jumento e levando a arma à cara desfere um tiro sobre a comitiva surpresa. O tiro atinge mortalmente o primeiro cavaleiro porta-bandeira. Ele cai e é arrastado pelo cavalo que dispara estrada a fora. Ao mesmo tempo estrala o tiroteio vindo do lajedo. Instala-se desordem na comitiva. Frei Simão apeia do cavalo e responde ao fogo, os outros procuram abrigo. Dr. Gouveia segura as rédeas do cavalo branco e grita a Sinésio.

Fonte: Computador do pesquisador, 2013.

O DISSERTADOR

(OFF)

Aí está: mais uma emboscada, mais uma morte. Só que, desta vez, morreu uma personagem sem importância. Ainda assim, fica claro mais uma vez, a força da morte nesta história.

O Dissertador abaixa o papel.

O DISSERTADOR

E todas essas mortes vão influenciar a sua história, Senhor Juiz, levando-o para a mesma prisão em Taperoá na qual eu fiquei preso. E tudo isso porque o senhor acredita que sua família pertence a uma raça de assassinos!

Quaderna ergue-se da cadeira com o impulso de um murro na mesa.

QUADERNVA

Eu sou! (T) E você, meu rapaz, não está aqui para contestar isso. Apenas para analisar como tudo foi colocado no papel - e me convencer de que suas hipóteses estão corretas!

O Dissertador olha para Quaderna e, em seguida, na direção da plateia.

O DISSERTADOR

Se o senhor me permitir, Senhor Juiz, eu gostaria que aquele homem falasse.

O Dissertador aponta para Luiz Alberto de Abreu.

QUADERNVA

Concedido.

Luiz Alberto de Abreu dá um passo à frente.

O DISSERTADOR

Por favor, Abreu, eu gostaria que você falasse da importância que esta cena teve para você em toda a série, exatamente como você disse em um dos seus *emails* para Braúlio Tavares.

Luiz Alberto de Abreu pensa por um tempo e, em seguida, começa a responder.

LETTERING: Fonte: *email* do pesquisador, 2013.

LUIS ALBERTO DE ABREU

Imagino a cena de 12 com a Onça Caetana, como abertura válida para toda a história, talvez até como um prólogo dos cinco capítulos.

O DISSERTADOR

Continue.

Quaderna olha atentamente para Luiz Alberto de Abreu.

LETTERING: Fonte: *email* do pesquisador, 2013.

LUIS ALBERTO DE ABREU

Eu preferia minimizar o tiroteio da cavalgada e explorar a violência mítica da emboscada de doze.

O Dissertador se levanta da cadeira e anda em direção a Luis Alberto de Abreu.

O DISSERTADOR

E porque você preferia isso?

LETTERING: Fonte: *email* do pesquisador, 2013.

LUIS ALBERTO DE ABREU

A cena de doze é muito forte do ponto de vista da tensão, do pathos que desencadeia. A cena da cavalgada, menos importante pelo tiroteio do que pelas figuras e pela estranheza que gera.

O Dissertador se afasta de Luis Alberto de Abreu e anda até a sua cadeira.

O DISSERTADOR

Perceba que ele falou em *pathos*. Palavra grega que significa, por exemplo, paixão, excesso, catástofre, sofrimento... Algo que, mais uma vez sinalizo porque reforça o que falei antes: que a inserção da Onça Caetana - a representação da morte -, logo no início do capítulo, é para reforçar a força que a violência tem nesta história.

Quaderna se levanta e anda pelo meio da sala.

QUADERNA

Uma pergunta: há algum outro motivo para os roteiristas Luiz Alberto de Abreu e Braúlio Tavares terem inserido essa morte no primeiro capítulo?

O DISSERTADOR

Sim. Poderíamos dizer que essas cenas foram incluídas, também, porque havia uma primeira pretensão de se recriar não apenas o livro *O romance d'A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta*. Era uma pretensão do diretor, e também roteirista, da microssérie fazer uma recriação de, inclusive, *O Rei Degolado*, publicado em 1971, e *Infâncias de Quaderna*, editado em jornais.

O Dissertador para e respira fundo.

O DISSERTADOR

Mas, por decisão do Luiz Fernando Carvalho, esses livros foram abandonados nas versões posteriores do roteiro da microssérie, o que resultou no seu corte do roteiro.

O Dissertador olha para a plateia, na direção de Bráulio Tavares, que dá um passo à frente e, antes mesmo que alguém o autorize, começa a falar.

BRAÚLIO TAVARES

Os primeiros tratamentos incluíam numerosas cenas dos livros O REI DEGOLADO e AS INFÂNCIAS DE QUADERNA (este publicado apenas em jornais). Usamos isso durante meses até Luiz Fernando bater o martelo e resolver que só dava para usar o material do ROMANCE DA PEDRA DO REINO, senão ficaria enorme.

Bráulio Tavares dá um passo para trás e se volta para a plateia.

Quaderna olha fixamente para O Dissertador, que nada diz.

QUADERNA

Muito bem. Acho que podemos ir para a próxima versão. Qual é o nome do documento mesmo? (E RI)

O Dissertador respira fundo, como se quisesse recuperar energia e fôlego para continuar a sua análise. E, de repente, dá um salto da cadeira, estendendo duas folhas - uma em cada mão.

O DISSERTADOR

Agora vamos ao segundo documento do nosso prototexto. E como a primeira cena desta versão tem duas páginas, vou apresentar, para você, uma de cada vez.

O Dissertador mostra a folha que está na sua mão direita para Quaderna.

LETTERING: FIGURA 27 - "18 - ABREU + BT - Capi|ütulo 1 revisado.doc", página 2

1.EXT. DIA. POVOADO

O pequeno povoado sertanejo parece vazio no começo da tarde de sol forte que fez o povo se recolher às casas. Silêncio. Subitamente ouve-se o som roufenho e longe de uma corneta, uma batida de pratos, um som de bumbo trazidos pelo vento. Os sons crescem gradativamente e parecem harmonizar-se relevando uma música ainda indistinguível e bastante desafinada. Um MENINO grita:

MENINO

O circo chegou!

Um palhaço velho, montado ao contrário sobre um burro, vem pela rua principal do povoado. Está rodeado de crianças. Como um maestro o palhaço rege os tocadores de corneta, bumbo e pratos que seguem atrás dele. Atrás desses uma banda de pifanos.

VELHO

PALHAÇO

Hoje tem espetáculo?

CRIANÇAS

Tem sim, senhor!

VELHO PALHAÇO

Às oito horas da noite?

CRIANÇAS

É sim, senhor!

VELHO PALHAÇO

E o palhaço o que é?

CRIANÇAS

É ladrão de mulher!

VELHO PALHAÇO

Ô raiou o sol, suspende a lua

CRIANÇAS

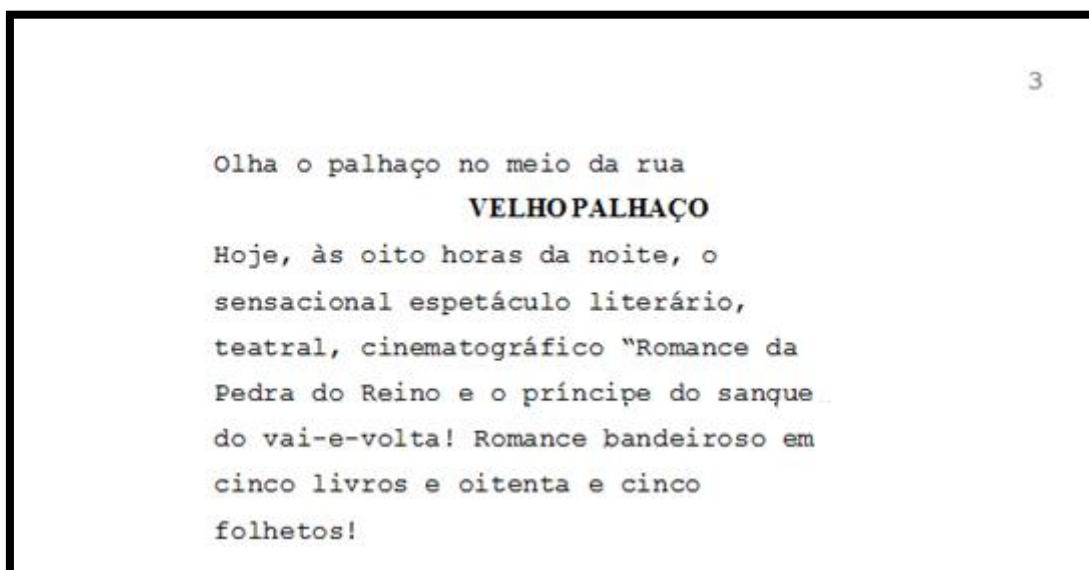
Fonte: Computador do pesquisador, 2013.

O DISSERTADOR

(OFF)

Aqui, você está vendo a primeira parte da cena.

O Dissertador mostra a outra página, a que está na página esquerda.



Fonte: Computador do pesquisador, 2013.

O DISSERTADOR

(OFF)

Aqui você está vendo a parte final da cena.

O Dissertador abaixa o papel. Quaderna olha para ele fixamente.

O DISSERTADOR

Ao lermos a cena que acabei de mostrar, já podemos perceber algo interessante nesta versão: os personagens falam. Logo, a fala se faz presente por meio da voz das personagens. (T) Mas vamos seguir observando detalhadamente os aspectos que compõem esta cena.

O Dissertador levanta novamente o papel para o alto, fazendo com que Quaderna e todos os presentes no recinto o observem atentamente.

LETTERING: FIGURA 29 - "18 - ABREU + BT - Capi|ütulo 1
revisado.doc", cabeçalho.

LEX. DIA. POVOADO

Fonte: Computador do Pesquisador, 2013.

O DISSERTADOR

(OFF)

O que é que diz o cabeçalho desta cena? Diz que ela se passa em qualquer ambiente aberto - externo -, de um povoado. E essa ação ocorre, essencialmente, durante o dia.

O Dissertador aponta para as rubricas logo abaixo do cabeçalho de cena.

LETTERING: FIGURA 30 - "18 - ABREU + BT - Capi|ütulo 1 revisado.doc", rubricas

O pequeno povoado sertanejo parece vazio no começo da tarde de sol forte que fez o povo se recolher às casas. Silêncio. Subitamente ouve-se o som roufenho e longe de uma corneta, uma batida de pratos, um som de bumbo trazidos pelo vento. Os sons crescem gradativamente e parecem harmonizar-se relevando uma música ainda indistinguível e bastante desafinada. Um MENINO grita:

MENINO

O circo chegou!

Um palhaço velho, montado ao contrário sobre um burro, vem pela rua principal do povoado. Está rodeado de crianças. Como um maestro o palhaço rege os tocadores de corneta, bumbo e pratos que seguem atrás dele. Atrás desses uma banda de pifanos.

Fonte: Computador do Pesquisador, 2013.

O DISSERTADOR

(OFF)

As rubricas aqui falam da transformação de um povoado sertanejo pela chegada de um circo. E este circo é de quem?

O Dissertador olha para Quaderna.

QUADERNA

Meu.

O DISSERTADOR

Pois é. A cena mostra um vilarejo deserto, numa tarde de sol forte. Até que, de repente, surge um menino. Ouvem-se os sons de instrumentos de uma banda de circo.

QUADERNA

E, em seguida, eu chego montando ao contrário num burro.

O DISSERTADOR

Exatamente! Você chega e faz a festa da criançada. E o que acontece com o vilarejo? Se torna vivo, alegre.

Quaderna olha para O Dissertador animado.

O Dissertador, ao ver a alegria de Quaderna, desce um pouco mais o papel, focalizando os diálogos.

LETTERING: FIGURA 31 - "18 - ABREU + BT - Capi|ütulo 1 revisado.doc", diálogos

VELHO
PALHAÇO
Hoje tem espetáculo?
CRIANÇAS
Tem sim, senhor!
VELHOPALHAÇO
Às oito horas da noite?
CRIANÇAS
É sim, senhor!
VELHOPALHAÇO
E o palhaço o que é?
CRIANÇAS
É ladrão de mulher!
VELHOPALHAÇO
Ô raiou o sol, suspende a lua
CRIANÇAS
Olha o palhaço no meio da rua
VELHOPALHAÇO
Hoje, às oito horas da noite, o
sensacional espetáculo literário,
teatral, cinematográfico "Romance da
Pedra do Reino e o príncipe do sangue
do vai-e-volta! Romance bandeiroso em
cinco livros e oitenta e cinco
folhetos!

Fonte: Computador do pesquisador, 2013.

O DISSERTADOR

(OFF)

Este diálogo tem uma grande importância. Veja só porque: ele ajuda a caracterizar o circo e o palhaço. E anuncia, também, o tipo de história que será contada no

espetáculo do circo: "um espetáculo literário, teatral, cinematográfico".

QUADERNA

(OFF)

O Romance da Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta.

O Dissertador abaixa o papel e olha, fixamente, para Quaderna.

O DISSERTADOR

Muito bem, Seu Juiz! Vejo que o senhor está fazendo o seu papel direitinho.

Quaderna se recompõe, assumindo a postura de juiz imparcial. Em seguida, fulmina O Dissertador com o olhar.

O DISSERTADOR

É interessante observarmos alguns aspectos na construção dessa cena: a primeira corresponde à caracterização da personagem Quaderna como um palhaço fazedor de rima e "ladrão de mulher" - o que já dá o tom da personagem de Quaderna. A segunda é que essa primeira participação de Quaderna já apresenta ao telespectador a função que ele terá na história. Ou seja, o papel de personagem protagonista.

O Dissertador olha para o público.

O DISSERTADOR

E, por fim, à importância que o circo vai ter na construção da história. Local que será o centro da narrativa, onde todos os acontecimentos ocorrerão, como se fosse um espetáculo.

O Dissertador se abaixa e pega uma folha de papel do chão. É a cena 18 desta versão.

O DISSERTADOR

Podemos comprovar isso, ao longo de diversas cenas, como, por exemplo, a 18 ...

LETTERING: FIGURA 32 - "18 - ABREU + BT - Capi|ütulo 1 revisado.doc", página 20, cena 18.

18. INT. NOITE. CIRCO.

Imagens de incêndio consumindo a Casa Forte da fazenda que desmorona aos poucos. A luz avermelhada das chamas clareia os rostos tensos da platéia. Luz vai ficando cada vez mais forte até que revela ser a própria iluminação do teatro, em tons vermelhos e amarelos, descobrindo somente agora que o "incêndio" da Fazenda é um truque teatral. A "projeção" desaparece.

QUADERNA VELHO

Na mesma noite em que Dom Pedro
Sebastião foi morto, seu filho mais
novo, Sinésio, desapareceu
misteriosamente e um incêndio destruiu
a Casa Forte, consumindo assim todas as
pistas possíveis desse crime
enigmático!
Este mistério e aquela estranha
cavalgada são o "centro de fogo e
sangue" de toda minha tragédia.

Fonte: Computador do Pesquisador, 2013.

O DISSERTADOR

(OFF)

Esta cena está na sequência de outras que mostram a morte de Dom Pedro Sebastião, o desaparecimento da personagem Sinésio - seu filho -, e do misterioso incêndio que atingiu a Casa Forte da fazenda. É interessante percebermos o que diz sua rubrica:

O Dissertador desce ainda mais o dedo, focalizando a rubrica.

LETTERING: FIGURA 33 - "18 - ABREU + BT - Capi|ütulo 1 revisado.doc", página 20, cena 18, rubrica.

Imagens de incêndio consumindo a Casa Forte da fazenda que desmorona aos poucos. A luz avermelhada das chamas clareia os rostos tensos da platéia. Luz vai ficando cada vez mais forte até que revela ser a própria iluminação do teatro, em tons vermelhos e amarelos, descobrindo somente agora que o "incêndio" da Fazenda é um truque teatral. A "projeção" desaparece.

Fonte: Computador do pesquisador, 2013.

O DISSERTADOR

(OFF)

O que esta rubrica demonstra, de maneira clara, é que tudo o que está sendo contado nesse capítulo - ou melhor, tudo que será contado ao longo dos capítulos -, faz parte do espetáculo do circo de Quaderna. Tudo o que se vê não é real, apesar de ter acontecido. Tudo faz parte do espetáculo e do sonho de Quaderna.

O Dissertador observa Quaderna, que nada diz.

O DISSERTADOR

Olhe como a última cena desta versão, mais uma vez, mostra o circo como centro da narrativa.

O Dissertador vira e mostra o outro lado da folha que tem em mãos. Neste momento, surgem palavras ali, revelando o texto da página 55-56 do documento que ele vem analisando.

LETTERING: FIGURA 34 - "18 - ABREU + BT - Capi|ütulo 1 revisado.doc", página 55 - 56 (trecho)

43. INT. NOITE. CIRCO

Quaderna velho caminha do palco para o picadeiro onde o esperam as moças do Cordão Azul e Encarnado para a coroação.

QUADERNA VELHO

Eu só queria embaralhar os reis, os
peões e as damas num jogo literário,

56

numa epopéia de imagens risonhas,
sangrentas e poéticas. Mas o rei
sertanejo de paus e espadas era meu
bisavô e algum anjo ou demônio soprava
no meu ouvido que minha herança e meu
destino de ser rei do Brasil era real.
Será a vida um jogo de acasos onde Deus
dá as cartas e o diabo grita seu blefe?

Corte descontinuo:

*No centro do picadeiro do circo Quaderna velho é
solenemente coroado pelas moças do Cordão Vermelho e
Encarnado. O público do circo levanta-se e aplaude.*

Fim.

Fonte: Computador do pesquisador, 2013.

O DISSERTADOR

(OFF)

O cabeçalho da cena revela a sua locação óbvia. Ou seja: o circo. E, além disso, o que as rubricas e os diálogos reforçam é o espaço do circo como centro dos acontecimentos, como se tudo não passasse de uma história reconstituída sob a forma de espetáculo. (T) Um espetáculo que,

repetindo, tem o Senhor, Seu Juiz, como protagonista da história.

Quaderna se move na cadeira, inquieto. Ele olha para o público, depois para O Dissertador e, por último, para o público novamente.

QUADERNA

Muito bem, rapaz. Você disse coisas interessantes sobre essas duas versões do seu prototexto, mas até agora não falou de nenhum movimento genético. E nós estamos aqui esperando por isso.

O Dissertador bate palmas e se levanta da cadeira.

O DISSERTADOR

Opa! É pra já! (T) Alguém traz um quadro para mim, por favor?

Ainda com a máquina de escrever no colo, Maria traz um quadro negro e o coloca bem no centro daquele salão.

O Dissertador a olha.

O DISSERTADOR

Obrigado, senhorita. É muito gentil.

Maria estremece e se afasta de O Dissertador, sem, contudo, tirar os olhos dele.

O DISSERTADOR

Para começar a análise, vou iniciar pela rubrica. Se vocês me permitem, vou reescrevê-la aqui, em forma de tabela.

O Dissertador pega um piloto e escreve no quadro a seguinte tabela:

LETTERING: TABELA 1 - Comparativo de cabeçalho de cena I

04 - ABREU + BT - DTRA - Livro 1.rtf	1.ABERTURA. SERTÃO/ AMANHECER
18 - ABREU + BT - Capi ütulo 1 revisado.doc	1.EXT. DIA. POVOADO

O DISSERTADOR

(OFF)

Como prometido, aqui nós temos uma tabela comparativa entre os dois cabeçalhos de cena que até agora analisamos. Pergunto, Seu Juiz, você seria capaz de perceber a semelhança e as possíveis diferenças entre eles?

O Dissertador olha para Quaderna, que dá de ombros.

QUADERNA

Tudo me parece muito diferente.

O DISSERTADOR

(COM UM SORRISO NOS LÁBIOS)

E são. Até mesmo em suas estruturas. Você nota que, na versão "04 - ABREU + BT - DTRA - Livro 1.rtf" não existe qualquer sinalização dizendo se a cena se acontece num ambiente interno ou externo?

Quaderna balança a cabeça.

O DISSERTADOR

(COM UM SORRISO NOS LÁBIOS)

E que a inclusão do termo "ext" na versão "18 - ABREU + BT - Capi|ütulo 1 revisado.doc" vem junto com o apagamento do termo "Abertura" existente na versão "04 - ABREU + BT - DTRA - Livro 1.rtf"?

Quaderna balança a cabeça.

O DISSERTADOR

(COM UM SORRISO NOS LÁBIOS)

Você nota que, na passagem da versão "04 - ABREU + BT - DTRA - Livro 1.rtf" para a "18 - ABREU + BT - Capi|ütulo 1 revisado.doc", o termo "amanhecer" foi substituído por "dia" e que dia é uma palavra muito mais genérica?

Quaderna balança a cabeça.

O DISSERTADOR

(COM UM SORRISO NOS LÁBIOS)

Você nota que, na passagem da versão "04 - ABREU + BT - DTRA - Livro 1.rtf" para a "18 - ABREU + BT - Capi|ütulo 1 revisado.doc", o termo "sertão" foi

substituído por "sertão" e que este termo é muito mais específico?

Quaderna balança, mais uma vez, a cabeça. Ele agora está inquieto.

O DISSERTADOR
(COM UM SORRISO NOS LÁBIOS)

Enfim, você nota que o cabeçalho da versão "04 - ABREU + BT - DTRA - Livro 1.rtf" é estruturalmente diferente da versão "04 - ABREU + BT - DTRA - Livro 1.rtf" para a "18 - ABREU + BT - Capi|ütulo 1 revisado.doc", com exceção do numeral 1, que aparece marcando a ordem da cena?

Quaderna olha com muita irritação para O Dissertador.

QUADERNA

Sim, eu noto que eles são completamente diferentes. Que não guardam nenhuma semelhança um com o outro.

O DISSERTADOR

Isso não corresponde exatamente à realidade. Pois veja, Senhor Juiz: por mais que o texto do cabeçalho tenha sido modificado de uma versão para outra - afinal, as palavras expressas de um cabeçalho a outro foram modificadas -, ambas conservam uma semelhança fundamental entre si.

QUADERNA

Como assim?

O DISSERTADOR

Primeiramente, ambos conservam a localização de onde se passa a história. E onde é que ela se passa mesmo? No sertão. E por que é que eu posso dizer isso? Porque, veja só: na versão "04 - ABREU + BT - DTRA - Livro 1.rtf" os roteiristas usam o termo "sertão" de maneira isolada. Não há qualquer tipo de indicação que sinalize que a cena se passa num ambiente interno. Melhor dizendo: não há nenhuma indicação como "Casa/Sertão" ou "Sertão/Casa", que sinalize que a cena se passará num ambiente fechado. O que me faz vir à cabeça que a

cena se passa, sim, num ambiente aberto. No meio, ou em algum lugar, do sertão.

Quaderna olha para O Dissertador - mas sem parecer discordar. O público tem o mesmo olhar de Quaderna.

O DISSERTADOR

Já na segunda versão - a "18 - ABREU + BT - Capi|ütulo 1 revisado.doc" -, por mais que os roteiristas usem o termo "povoado", que é muito mais restritivo, eles fizeram constar o termo "EXT". O que indica, portanto, que que cena se passará em um ambiente externo de um povoado.

Quaderna e o público se entreolham, convencidos.

O DISSERTADOR

E para não se ter dúvidas, podemos comprovar o que eu digo por meio do que se escreveu na rubrica. Confira com seus próprios olhos.

O Dissertador dá um tapa no quadro, que gira sucessivamente. As letras e palavras da tabela que mostravam o cabeçalho se transformam nas letras e nas palavras que irão compor as rubricas das duas versões.

LETTERING: TABELA 2 - Comparativo de rubricas I

<p>04 - ABREU + BT - DTRA - Livro 1.rtf</p>	<p><i>O sol desponta sobre o sertão e logo fere o chão da caatinga produzindo reverberações que incendeiam o ar. Um esturro assustador de onça ecoa por toda a extensão solitária da caatinga. A origem do urro é uma furna sobre um lajedo de onde se ouve um rosnado feroz. Após um tempo, do fundo da caverna surge, à distância, uma figura feminina que caminha à frente. Está nua, mas a imagem de seu corpo é desfocada pelas emanações de calor que sobem do lajedo. A figura urra novamente e agacha-se como uma esfinge. No mesmo instante a figura começa a perder sua bela forma de mulher e assumir a da Onça malhado-vermelha. Em seu pescoço enreda-se uma cobra coral e três aves-de-rapina pousam em seu dorso e suas garras penetram-lhe as carnes fundindo-se a ela. É agora a Onça Caetana e nesta figura há "algo de belo e de infame, de reluzente e fascinador, mas repugnante." A Onça urra, as aves coladas a ela guincham e o estranho animal levanta voo.</i></p> <p><i>Corte descontínuo: A Onça Caetana voa sobre o sertão aproximando-se de duas altas rochas que, paralelas, sobem ao céu destacando-se na paisagem plana: são as pedras do reino. A Onça Caetana pousa sobre a mais alta delas. Urra.</i></p>
<p>18 - ABREU + BT - Capi ütulo 1 revisado.doc</p>	<p><i>O pequeno povoado sertanejo parece vazio no começo da tarde de sol forte que fez o povo se recolher às casas. Silêncio. Subitamente ouve-se o som roufenho e longe de uma corneta, uma batida de pratos, um som de bumbo trazidos pelo vento. Os sons crescem gradativamente e parecem harmonizar-se relevando uma música ainda indistinguível e bastante desafinada. Um MENINO grita:</i></p> <p><i>Um palhaço velho, montado ao contrário sobre um burro, vem pela rua principal do povoado. Está rodeado de crianças. Como um maestro o palhaço rege os tocadores de corneta, bumbo e pratos que seguem atrás dele. Atrás desses uma banda de pifanos.</i></p>

O DISSERTADOR

(OFF)

Perceba, logo de cara: na versão "04 - ABREU + BT - DTRA - Livro 1.rtf", a rubrica começa dizendo: "O Sol desponta sobre o sertão" enquanto que na versão "18 - ABREU + BT - Capi|ütulo 1 revisado.doc" se lê: "O pequeno povoado sertanejo parece

vazio". Ou seja: as duas versões conservam o local onde se passará a história: o sertão nordestino.

O Dissertador se afasta do quadro, sob o olhar atento de Quaderna e do público.

O DISSERTADOR

Agora eu quero que vocês acompanhem a análise deste outro elemento: a rubrica. (PARA O PÚBLICO) Vocês lembram que a cena da versão "04 - ABREU + BT - DTRA - Livro 1.rtf" se constitui apenas de rubricas, ou seja, de imagens, né?

O público balança a cabeça.

O DISSERTADOR (AINDA PARA O PÚBLICO)

Vocês lembram também que a cena da versão "18 - ABREU + BT - Capi|ütulo 1 revisado.doc" se constitui de rubricas e diálogos, né?

O público novamente balança a cabeça.

O DISSERTADOR

Primeira coisa importante a dizer: na passagem da versão "04 - ABREU + BT - DTRA - Livro 1.rtf" para a versão "18 - ABREU + BT - Capi|ütulo 1 revisado.doc" houve o apagamento da transformação da Mulher em Onça Caetana. O que nos permite dizer, logo de imediato, que isso faz com que a violência perca o peso como centro da narrativa.

O Dissertador anda pelo recinto.

O DISSERTADOR

O motivo disso nós já vimos e sabemos o porquê: Luiz Fernando Carvalho optou por fazer apenas a recriação do livro *Romance d'A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta*. Essa decisão fez com que Luiz Alberto de Abreu e Braúlio Tavares tivessem que apagar tudo que estivesse relacionado à tocaia.

O Dissertador faz uma pausa e olha para Quaderna.

O DISSERTADOR

O que significa dizer que: na passagem da versão "04 - ABREU + BT - DTRA - Livro 1.rtf" para a versão "18 - ABREU + BT - Capi|ütulo 1 revisado.doc", não há qualquer semelhaça entre as primeiras cenas das duas versões. Houve o apagamento completo entre uma versão e outra.

O Dissertador anda para o outro lado do recinto e para, olhando fixamente para Quaderna.

O DISSERTADOR

No lugar da referência à Onça Caetana, foram inseridos Quaderna e o seu circo, o que representa uma mudança de foco da narrativa. Ou seja: os roteiristas reduziram a força da violência na história para exaltar o caráter de protagonista da personagem Quaderna....

O Dissertador aproxima-se de Quaderna.

O DISSERTADOR

... O ponto de vista e como todos os acontecimentos do passado da família influenciaram a sua vida.

QUADERNA

Então, você, meu rapaz, está dizendo que nada do que foi escrito na primeira versão foi utilizado nesta nova?

O DISSERTADOR

Sim... e não.

QUADERNA

Como assim?

O Dissertador anda pelo recinto, atraindo o olhar de todos os presentes.

O DISSERTADOR

Sim, porque, de fato, houve um apagamento total de todas as cenas relacionadas à emboscada. E não, por que as rubricas e até mesmo alguns diálogos de certas cenas - que nada tinham à ver com a emboscada -, foram deslocadas na passagem da versão "04 -

ABREU + BT - DTRA - Livro 1.rtf" para a versão "18 - ABREU + BT - Capi|ütulo 1 revisado.doc".

QUADERNA

Prove.

O Dissertador anda pelo recinto, olhando atentamente para todas as personagens que lá estão. De repente, ele para e tira do bolso da calça um pedaço de papel. Trata-se de uma tabela comparativa entre a cena 1 do documento "04 - ABREU + BT - Livro 1.rtf" e a cena 6 do documento "18 - ABREU + BT - Capi|ütulo 1 revisado.doc"

O DISSERTADOR

Confiram com seus próprios olhos!

Ele joga o papel para cima, que se transforma num grande painel visto por todos.

TABELA 3 - Comparativo de rubricas II

Documento: "04 - ABREU + BT - Livro 1.rtf"
<p style="text-align: right;"><i>É agora</i></p> <p><i>a Onça Caetana e nesta figura há "algo de belo e de infame, de reluzente e fascinador, mas repugnante." A Onça urra, as aves coladas a ela guincham e o estranho animal levanta voo.</i></p>
Documento: "18 - ABREU + BT - Capi ütulo 1 revisado.doc"
<p style="text-align: right;"><i>É agora a Onça</i></p> <p><i><u>Caetana</u> e nesta figura há "algo de belo e de infame, de</i></p> <hr/> <p style="text-align: right;">16</p> <p><i>reluzente e fascinador, mas repugnante." A Onça <u>urra</u>, as aves, coladas a ela, guincham.</i></p>

O DISSERTADOR

(OFF)

E o que vocês estão vendo? A conservação quase na íntegra da rubrica na passagem de uma versão para outra. Houve o deslocamento do fragmento do contexto no qual havia sido criado - a representação da morte como lugar central da narrativa -, para outro momento, mais adiante - a cena 6.

Quaderna gargalha, chamando a atenção de todos.

QUADERNA
(GARGALHANDO)

Peraí. Tem algo importante que você não falou. Na passagem desta rubrica da versão "04 - ABREU + BT - Livro 1.rtf" para a cena 6 do documento "18 - ABREU + BT - Capi|ütulo 1 revisado.doc" houve o apagamento de um trecho da rubrica "e o estranho animal levanta vôo". O que implica em dizer que a Onça Caetana não realiza mais a ação de voar sobre o sertão.

O Dissertador gargalha, chamando a atenção de Quaderna.

O DISSERTADOR
(GARGALHA)

Houve um apagamento deste trecho? Mas é claro que sim, Senhor Juiz. Mas, veja, o apagamento retira o foco da ação sobre a personagem, sem alterar, contudo, o mais importante para os roteiristas: a transformação de uma mulher na Onça Caetana - a representação da morte.

O Dissertador anda até a cadeira e senta.

O DISSERTADOR

E só mais uma coisa: não sei se vocês repararam, mas a disposição dos textos nas duas versões ficou muito semelhante.

O Dissertador bate palmas e, rapidamente, o papel se desmancha no ar. Ele sorri vitorioso.

Quaderna se ajeita na cadeira.

QUADERNA

Não cante vitória antes do tempo, rapaz.
Esse processo é muito longo...

O DISSERTADOR

Eu sinto que, para mim, ele se torna menor à cada distante.

QUADERNA

Você não esqueceu de alguma coisa?

O DISSERTADOR

Que eu saiba, não.

QUADERNA

Dos diálogos. Ainda não falou nada sobre isso. E olhe que você alardeou que essa foi uma novidade da versão "18 - ABREU + BT - Capi|ütulo 1 revisado.doc".

Ele respira fundo.

O DISSERTADOR

Claro, claro. Mas isso vamos resolver agora.

O Dissertador bate palmas. Um grande papel surge no teto do recinto. Surge a tabela comparativa de diálogos entre a versão "04 - ABREU + BT - Livro 1.rtf" e a versão 18 - ABREU + BT - Capi|ütulo 1 revisado.doc".

LETTERING: TABELA 4 - Comparativo de diálogos I

Documento: "04 - ABREU + BT - Livro 1.rtf"	-
Documento: 18 - ABREU + BT - Capi ütulo 1 revisado.doc	MENINO o circo chegou!

	<p>VELHO PALHAÇO Hoje tem espetáculo?</p> <p>CRIANÇAS Tem sim, senhor!</p> <p>VELHO PALHAÇO Às oito horas da noite?</p> <p>CRIANÇAS É sim, senhor!</p> <p>VELHO PALHAÇO E o palhaço o que é?</p> <p>CRIANÇAS É ladrão de mulher!</p> <p>VELHO PALHAÇO Ô raizou o sol, suspende a lua</p> <p>CRIANÇAS Olha o palhaço no meio da rua</p> <p>VELHO PALHAÇO Hoje, às oito horas da noite, o sensacional espetáculo literário, teatral, cinematográfico "Romance da Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta! Romance bandeiroso em cinco livros e oitenta e cinco folhetos!</p>
--	--

O DISSERTADOR

(OFF)

O que podemos notar na passagem da versão "04 - ABREU + BT - Livro 1.rtf" para a "18 - ABREU + BT - Capi|ütulo 1 revisado.doc" é o acréscimo do diálogo na primeira cena. E que tipo de diálogo é este?

O Dissertador olha para Quaderna, que dá de ombros.

O DISSERTADOR

Trata-se de um diálogo com diversas funções dentro da narrativa. A primeira delas é caracterizar a personagem Quaderna - ou seja, o senhor, Seu Juiz.

O Dissertador anda na direção de Quaderna.

O DISSERTADOR

A última e mais importante função do diálogo será a de elucidar a narrativa para o telespectador.

O Dissertador e Quaderna se encaram.

O DISSERTADOR

Agora eu gostaria de analisar o último documento para, para, em seguida, observarmos o movimento que se estabeleceu entre esta versão e a anterior, assim como entre ela e a primeira.

QUADERNA

Vamos nessa. Sou só ouvidos (E RI).

O Dissertador levanta e caminha pelo recinto, distraído, imerso em seus próprios pensamentos. Num determinado momento, ele para e olha fixamente para o teto da sala.

Todos os que estão ali o acompanham e o que todos observam é uma transformação surpreendente. O texto deixa de ser um simples teto, passando a ganhar a textura e as letras do documento "23 - ABREU + LFC - Pedra do Reino Cap 1 Versão Final-I.doc".

O Dissertador se abaixa e deita no chão. O público e Quaderna fazem o mesmo.

Todos olham atentamente para o teto.

LETTERING: FIGURA 35 - "23 - ABREU + LFC - Pedra do Reino Cap 1 Versão Final-I.doc"

ABERTURA/EXT. REAL/FINAL DE TARDE

E, de fato, assim sucedeu e assim era. Naquele dia, a Morte Caetana, numa de suas inumeráveis metamorfoses, estava voando, sob a forma de Onça Sagrada, vermelha e alada, por sobre o Reino do Sertão.

1. EXT. TARDE. RUAS DO POVOADO (ATUAL/1970/ENTARDECER/NOITE)

O pequeno povoado sertanejo parece vazio na tarde de sol que fez o povo se recolher às casas. Nas ruas de terra apenas crianças de ambos os sexos que se entretêm em brincadeiras. QUADERNA VELHO trila longamente seu apito de Capitão de Cavalo Marinho e logo uma linda toada de abertura conduz MATEUS E BASTIÃO até o Portal de entrada da cidade.

Fonte: Computador do pesquisador, 2013.

O DISSERTADOR

(OFF)

Como vocês podem ver, esta versão apresenta uma peculiaridade importante: uma primeira cena, não numerada, chamada de "abertura", e outra, sinalizada com o número 1. É como se os autores quisessem dizer: "aqui começa a história, a outra é apenas uma localização no espaço onde se passa a história". É por esse motivo, que serão analisadas duas cenas. (T) Até mesmo para que vocês percebam os rastros do primeiro e do segundo documento nesta versão.

O Dissertador aponta para o cabeçalho da cena, que passa a ocupar todo o espaço do teto.

LETTERING: FIGURA 36 - "23 - ABREU + LFC - Pedra do Reino Cap 1 Versão Final-I.doc", cabeçalho de cena.

ABERTURA/EXT. REAL/FINAL DE TARDE

Fonte: Computador do pesquisador, 2013.

O DISSERTADOR

(OFF)

Temos aqui uma cena não numerada. Seu cabeçalho diz que a cena é de "ABERTURA" - o que, acreditamos, para os roteiristas justificaria uma não numeração -, que se passa num ambiente externo, no final da tarde. Ele diz que a cena é "real". Confesso que não entendemos, de fato, o uso do termo "real" por ser muito vago nesse contexto, uma vez que o cabeçalho precisa ser objetivo. (T) Poderíamos levantar como hipótese o fato da imagem ter que representar o sertão.

O Dissertador aponta para a rubrica da cena não numerada, fazendo-a preencher todo o texto.

LETTERING: FIGURA 37 - "23 - ABREU + LFC - Pedra do Reino Cap 1 Versão Final-I.doc", rubrica da cena de Abertura.

E, de fato, assim sucedeu e assim era. Naquele dia, a Morte Caetana, numa de suas inumeráveis metamorfoses, estava voando, sob a forma de Onça Sagrada, vermelha e alada, por sobre o Reino do Sertão.

Fonte: Computador do pesquisador, 2013.

O DISSERTADOR

(OFF)

O que essa rubrica revela é uma personagem, a Morte, numa de suas representações; ou seja, a Morte Caetana, sobrevoando o sertão. Percebam que esta personagem não realiza nenhuma ação impactante. Apenas sobrevoa o sertão.

O Dissertador fecha os olhos.

O DISSERTADOR

Agora vamos olhar a cena numerada.

Ele aponta para o texto e o que surge são as letras, bem como as palavras da cena 1 do documento "23 - ABREU + LFC - Pedra do Reino Cap 1 Versão Final-I.doc".

Todos a observam fixamente.

1. EXT. TARDE. RUAS DO POVOADO (ATUAL/1970/ENTARDECER/NOITE)

O pequeno povoado sertanejo parece vazio na tarde de sol que fez o povo se recolher às casas. Nas ruas de terra apenas crianças de ambos os sexos que se entretêm em brincadeiras. QUADERNA VELHO trila longamente seu apito de Capitão de Cavalos Marinho e logo uma linda toada de abertura conduz MATEUS E BASTIÃO até o Portal de entrada da cidade.

Fonte: Computador do pesquisador, 2013.

O DISSERTADOR

(OFF)

O que vocês podem ver é uma cena sem diálogo. Apenas rubricas.

As palavras do teto se transformam, mostrando apenas o cabeçalho da cena.

LETTERING: FIGURA 39 - "23 - ABREU + LFC - Pedra do Reino Cap 1 Versão Final-I.doc", cabeçalho de cena.

1. EXT. TARDE. RUAS DO POVOADO (ATUAL/1970/ENTARDECER/NOITE)

Fonte: Computador do pesquisador, 2013.

O DISSERTADOR

(OFF)

Percebam: este cabeçalho é composto por duas partes: uma com as informações básicas exigidas no formato padrão de roteiro americano e a outra, dentro de um parentêsis, que apresenta informações complementares à primeira. Veja que a primeira parte localiza a cena no tempo e no espaço: se passa nas ruas de um povoado, portanto, um ambiente externo, durante a tarde. Já a segunda parte, que está dentro do parentêsis, traz outras informações complementares à primeira. Por exemplo, ela localiza a cena num período - palavra "atual" -, entenda-se presente, que corresponde a 1970, e diz também que essa cena deve se passar entre o entardecer e a noite.

O Dissertador fecha os olhos.

O DISSERTADOR

E por que eles adicionaram essas informações nos parentêsis? Por que, esta versão é uma versão que tem a estrutura de "vai-e-volta"; ou seja, não linear, solicitada por Luiz Fernando Carvalho. Nessa versão, a personagem Quaderna aparece em três momentos distintos de sua vida: uma como palhaço, outra como prisioneiro e outra como um homem adulto, tal qual o texto de partida. Esses três momentos são representados, respectivamente, pelas personagens "Quaderna-Velho", nos anos 1970, "Quaderna-prisioneiro", nos anos de 1938 e "Quaderna Adulto" nos anos de 1930. Foi por isso que tais informações foram adicionadas: para sinalizar à toda a equipe de produção que a composição da personagem é diferente, devendo-se, por exemplo, atentar-se para a diferença do figurino e maquiagem dos personagens.

QUADERNA

Interessante...

O Dissertador abre os olhos e olha para o teto, que está caracterizado como a rubrica da cena 1.

O DISSERTADOR

A rubrica também traz algumas informações importantes.

Todos olham para a rubrica.

LETTERING: FIGURA 40 - "23 - ABREU + LFC - Pedra do Reino Cap 1 Versão Final-I.doc", rubrica.

O pequeno povoado sertanejo parece vazio na tarde de sol que fez o povo se recolher às casas. Nas ruas de terra apenas crianças de ambos os sexos que se entretêm em brincadeiras. QUADERNA VELHO trila longamente seu apito de Capitão de Cavalo Marinho e logo uma linda toada de abertura conduz MATEUS E BASTIÃO até o Portal de entrada da cidade.

Fonte: Computador do pesquisador, 2013.

O DISSERTADOR

(OFF)

Nesta rubrica percebe-se a importância que se quer dar à personagem Quaderna. É o centro da história, a personagem que age. Perceba que o povoado estava vazio, com algumas crianças brincando, até que ele realiza uma ação - trilar o seu apito -, o que faz com que se quebre o cotidiano do lugar. E qual a consequência disso?

QUADERNA

(OFF)

O início de uma toada e o deslocamento de duas personagens, Mateus e Bastião, para abrir o portal da cidade.

Ele para de olhar para o papel. Ouve-se um APITO TRILANDO, seguido de uma toada.

O DISSERTADOR

É importante dizer que a cena seguinte, que tem como consequência a abertura do Portal, faz a apresentação de todas as personagens que compõem a série, colocando a personagem Quaderna como centro da narrativa. Afinal, todas as personagens saíram de casa para assisti-lo.

O Dissertador abre os olhos, aparece a rubrica da cena 2. Todos a olham.

LETTERING: FIGURA 41 - "23 - ABREU + LFC - Pedra do Reino Cap 1 Versão Final-I.doc", rubrica.

As crianças correm na direção dele.

De vários pontos do povoado outros personagens e músicos confluem para a praça: Samuel e Clemente, Maria Safira, João Melchiades, Dom Pedro Sebastião, Tia Filipa, Arésio, Sinésio, Joana Quaderna, Pedro Beato, Dom Eusébio Monturo, Comendador Basílio Monteiro, Dona Carmen, O Bispo Ezequiel, Profeta Nazário, Pedro Cego, Lino Pedra Verde, Adalberto Coura, Velha do Badalo, Ludugero Cobra Preta, Malaquias Quaderna, Euclides Villar, Maria Inominata, Luís do Triângulo, Argemiro, Doutor Pedro Gouveia, Frei Simão, Antonio Moraes, Gustavo Moraes, Genoveva Moraes, Edmundo Swendson, Clara Swendson, Heliana Swendson, Pedro Justino, Maria Sulpícia, o rei João Ferreira Quaderna, o execrável, Rainha Isabel, o Juiz Corregedor e a senhorita Margarida.

Pessoas saem correndo das casas, algumas carregando cadeiras. Dançam e fazem surgir a carroça-palco de QUADERNA VELHO.

Fonte: Computador do pesquisador, 2013.

O DISSERTADOR

(OFF)

Percebam que esta rubrica ratifica o que foi dito antes. No primeiro parágrafo, lê-se: "as crianças correm na direção dele". Já no último, está escrito: "Pessoas saem correndo das casas, algumas carregando cadeiras. Dançam e fazer surgir a carroça-palco de QUADERNA-VELHO". Portanto, Quaderna-Velho age sobre as pessoas do vilarejo e torna-se o centro da narrativa. Aqui, nesta versão, vemos ainda mais a força de Quaderna como centro da narrativa, já que suas ações modificam os acontecimentos do local.

O Dissertador respira por alguns segundos e dá um pulo, ficando de pé. Ele começa a andar entre as pessoas que estão deitadas, até que, uma a uma, comecem a se levantar e ocupar os seus respectivos espaços.

O DISSERTADOR

Agora que fizemos uma análise do último documento que compõe o prototexto, vamos à análise dos movimentos genéticos entre o

segundo documento e o terceiro. Só depois é que mostraremos as relações entre o primeiro e o terceiro.

O Dissertador aponta para uma parede, onde se pode ver a tabela comparativa III.

LETTERING: TABELA 5 - Comparativo de rubricas III

Cabeçalho da cena 1, do documento: 18 - ABREU + BT - Capi ütulo 1 revisado.doc	1.EXT. DIA. POVOADO
Cabeçalho da cena considerada como 1 pelos roteiristas, do documento: "23 - ABREU + LFC - Pedra do Reino Cap 1 Versão Final-I.doc"	1. EXT. TARDE. RUAS DO POVOADO (ATUAL/1970/ENTARDECER/NOITE)

O DISSERTADOR

(OFF)

O que a comparação entre estes dois cabeçalhos nos revela é a substituição de algumas palavras e a sua expansão, com vistas a torná-lo mais objetivo para a equipe de produção da microsséria *A Pedra do Reino*. Se na versão "18 - ABREU + BT - Capi|ütulo 1 revisado.doc" aparecia a palavra "DIA" para designar o momento em que a cena deveria ocorrer, na versão "23 - ABREU + LFC - Pedra do Reino Cap 1 Versão Final-I.doc", substituiu-se essa palavra por "TARDE" - sinalizando ainda, em um parentêsis, em que momento da tarde a cena acontece "ENTARDECER/NOITE". Ou seja: na passagem do entardecer para a noite. Outro detalhe: à palavra "POVOADO" da versão "18 - ABREU + BT - Capi|ütulo 1 revisado.doc" foi adicionada "rua", especificando que a cena deveria acontecer nas ruas do povoado e não em qualquer local. O cabeçalho ainda foi expandido para caber outras informações de relevância para a equipe de produção como "ATUAL" e "1970" para mostrar à equipe que aquela cena mostra um fato de 1970, um

fato "atual", já que a narrativa da microssérie se passa no ano de 1970.

O Dissertador olha para Quaderna, que permanece calado.

O DISSERTADOR

Essas modificações perpassaram toda a versão "23 - ABREU + LFC - Pedra do Reino Cap 1 Versão Final-I.doc".

O Dissertador olha para a parede oposta. Nela surge a tabela comparativa de rubricas IV.

O DISSERTADOR

Agora vamos mostrar o movimento de gênese nas rubricas.

LETTERING: TABELA 6 - Comparativo de rubricas IV

Documento: 18 - ABREU + BT - Capi ütulo 1 revisado.doc	<p><i>O pequeno povoado sertanejo parece vazio no começo da tarde de sol forte que fez o povo se recolher às casas. Silêncio. Subitamente ouvi-se o som roufenho e longe de uma corneta, uma batida de pratos, um som de bumbo trazidos pelo vento. Os sons crescem gradativamente e parecem harmonizar-se relevando uma música ainda indistinguível e bastante desafinada. Um MENINO grita:</i></p> <p style="text-align: center;">MENINO</p> <p style="text-align: center;">O circo chegou!</p> <p><i>Um palhaço velho, montado ao contrário sobre um burro, vem pela rua principal do povoado. Está rodeado de crianças. Como um maestro o palhaço rege os tocadores de corneta, bumbo e pratos que seguem atrás dele. Atrás desses uma banda de pifanos.</i></p> <p style="text-align: center;">VELHO PALHAÇO</p> <p>Hoje tem espetáculo?</p> <p style="text-align: center;">CRIANÇAS</p> <p>Tem sim, senhor!</p> <p style="text-align: center;">VELHOPALHAÇO</p> <p>Às oito horas da noite?</p> <p style="text-align: center;">CRIANÇAS</p> <p>É sim, senhor!</p> <p style="text-align: center;">VELHOPALHAÇO</p> <p>E o palhaço o que é?</p> <p style="text-align: center;">CRIANÇAS</p> <p>É ladrão de mulher!</p> <p style="text-align: center;">VELHOPALHAÇO</p> <p>Ô raiou o sol, suspende a lua</p> <p style="text-align: center;">CRIANÇAS</p>
---	--

	<p>Olha o palhaço no meio da rua</p> <p style="text-align: center;">VELHOPALHAÇO</p> <p>Hoje, às oito horas da noite, o sensacional espetáculo literário, teatral, cinematográfico "Romance da Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta! Romance bandeiroso em cinco livros e oitenta e cinco folhetos!</p>
<p>Documento:</p> <p>"23 - ABREU + LFC - Pedra do Reino Cap 1 Versão Final-I.doc"</p>	<p><i>O pequeno povoado sertanejo parece vazio na tarde de sol que fez o povo se recolher às casas. Nas ruas de terra apenas crianças de ambos os sexos que se entretém em brincadeiras. QUADERNA VELHO trila longamente seu apito de Capitão de Cavalos Marinho e logo uma linda toada de abertura conduz MATEUS E BASTIÃO até o Portal de entrada da cidade.</i></p>

O DISSERTADOR

(OFF)

O movimento genético entre estas duas versões é diverso. Vamos começar falando da síntese que ocorre entre uma e outra. Percebam que, na primeira versão, havia o diálogo entre Velho-Quaderna e as crianças, o que desaparece na versão seguinte. Com exceção da primeira linha da rubrica que, nas duas versões, conserva-se igual, passa por uma transformação textual que, entretanto, não altera o sentido. Vejam porque: na primeira versão, a rubrica cria uma imagem de um lugar vazio e monótono que na chegada de Quaderna Velho, com o seu circo, se enche de alegria, através de sons e música. Já na segunda versão, algumas crianças estão na rua, num ambiente sem música, também monótono, e que, ao se ouvir o apito trilhando de Quaderna-Velho, transforma o comportamento das pessoas do lugar. Ou seja: a única diferença é que enquanto na primeira versão as crianças estão em casa, na segunda, elas já estão na rua.

QUADERNA

Interessante...

O DISSERTADOR

Agora eu gostaria de mostrar para você o movimento de gênese que ocorre entre a primeira cena do documento do nosso prototexto e a cena que não está numerada da terceira versão. E vamos começar a análise pelo cabeçalho.

O Dissertador bate palmas e surge no ar um quadro comparativo de cena II.

Todos o olham.

LETTERING: TABELA 7 - Comparativo de cabeçalho de cena II

04 - ABREU + BT - Livro 1.rtf	1.ABERTURA.SERTÃO/AMANHECER
"23 - ABREU + LFC - Pedra do Reino Cap 1 Versão Final- I.doc"	ABERTURA/EXT.REAL/FINAL DE TARDE

O DISSERTADOR

(OFF)

Ao observarmos os dois cabeçalhos, percebemos alguns movimentos de gênese. A primeira coisa que mais chamou a atenção foi o fato de que, na primeira versão, a cena "Abertura" vinha com a sua respectiva numeração 1, algo que foi eliminado na terceira versão. Houve a adição do termo "EXT" e algumas substituições: o termo "SERTÃO" foi trocado pelo enigmático termo "REAL" e a palavra "AMANHECER" foi substituída por "FINAL DE TARDE". Uma modificação temporal importante.

O Dissertador e Quaderna se entreolham.

O DISSERTADOR

Mas agora vamos olhar as rubricas.

O Dissertador aponta para a mesma tela, que agora exhibe a tabela comparativa de rubrica V.

LETTERING: TABELA 8 - Comparativo de rubrica V

04 - ABREU + BT -	
-------------------	--

<p>Livro 1.rtf</p>	<p>O sol desponta sobre o sertão e logo fere o chão da caatinga produzindo reverberações que incendeiam o ar. Um esturro assustador de onça ecoa por toda a extensão solitária da caatinga. A origem do urro é uma fumaça sobre um lajedo de onde se ouve um rosnado feroz. Após um tempo, do fundo da caverna surge, à distância, uma figura feminina que caminha à frente. Está nua, mas a imagem de seu corpo é desfocada pelas emanações de calor que sobem do lajedo. A figura urra novamente e agacha-se como uma esfinge. No mesmo instante a figura começa a perder sua bela forma de mulher e assumir a da Onça malhado-vermelha. Em seu pescoço enreda-se uma cobra coral e três aves-de-rapina pousam em seu dorso e suas garras penetram-lhe as carnes fundindo-se a ela. É agora a Onça Caetana e nesta figura há "algo de belo e de infame, de reluzente e fascinador, mas repugnante." A Onça urra, as aves coladas a ela guincham e o estranho animal levanta voo.</p> <p>Corte descontínuo: A Onça Caetana voa sobre o sertão aproximando-se de duas altas rochas que, paralelas, sobem ao céu destacando-se na paisagem plana: são as pedras do reino. A Onça Caetana pousa sobre a mais alta delas. Urra.</p>
<p>"23 - ABREU + LFC - Pedra do Reino Cap 1 Versão Final-I.doc"</p>	<p>E, de fato, assim sucedeu e assim era. Naquele dia, a Morte <u>Caetana</u>, numa de suas inumeráveis metamorfoses, estava voando, sob a forma de Onça Sagrada, vermelha e alada, por sobre o Reino do Sertão.</p>

O DISSERTADOR

(OFF)

O primeiro movimento genético que notamos foi o enxugamento da rubrica de uma versão para a outra. Entretanto, o aspecto que mais chama a atenção é a transformação do nome da personagem de Onça Caetana para a Morte Caetana. Uma transformação que, apesar de anexar a palavra "morte" ao nome da personagem, no lugar de "Onça", enfraqueceu a força dessa personagem. Se na primeira versão a representação da morte, a Onça Caetana, urra e vemos a sua transformação, já na terceira versão do nosso prototexto, a sua transformação já está feita. Enquanto na primeira versão o espectador terá que se sentir atraído e repellido pela figura da Onça Caetana, na última, ela está apenas voando como mais uma de suas metamorfoses.

O Dissertador para e olha para Quaderna, que nada diz.

O DISSERTADOR

O conjunto dessas modificações parece ter retirado a força da personagem no último documento; força que está presente na personagem Quaderna-Velho.

O Dissertador vai até perto da porta e fica olhando todos à sua volta.

O DISSERTADOR

O senhor está satisfeito, Seu Juiz?

QUADERNA

Bastante.

O DISSERTADOR

Pois agora eu gostaria de falar de algo importante. E o que eu direi não está relacionado diretamente ao conteúdo dos documentos, mas ao seu modo de produção.

QUADERNA

Pois então, fale.

O Dissertador anda pelo recinto, aproximando-se do local onde se encontra a plateia.

O DISSERTADOR

Como já disse antes, duas das três versões aqui apresentadas foram escritas apenas pelos roteiristas Luis Alberto de Abreu e Braúlio Tavares, num processo à distância, em que ambos trocavam *emails* contendo os documentos de trabalho da minissérie que produziam. Enquanto que a terceira - e última versão -, foi escrita por Luis Alberto de Abreu e Luiz Fernando Carvalho, lá em Taperoá.

QUADERNA

O que você está querendo dizer com isso, meu rapaz?

O DISSERTADOR

Eu gostaria de sinalizar a participação dele...

O Dissertador aponta para Luiz Fernando Carvalho, que até então estava sentado na plateia. Luiz Fernando Carvalho olha para O Dissertador.

O DISSERTADOR

... nas principais modificações que ocorreram no roteiro da microssérie. Principalmente nas modificações que marcaram a última versão.

QUADERNA

Você está querendo falar da importância do Luiz Fernando Carvalho no processo de criação do roteiro da microssérie *A Pedra do Reino*?

O DISSERTADOR

Exatamente!

QUADERNA

Mas não é óbvio que o diretor tenha maior poder de decisão nos produtos televisivos?

O DISSERTADOR

Não.

Quaderna se movimenta na cadeira, inquieto.

QUADERNA

Então explique o que você quer dizer.

O DISSERTADOR

O que eu quero dizer é que Luiz Fernando Carvalho exerceu uma grande influência no processo de criação do roteiro da microssérie devido ao seu posicionamento dentro do processo de produção. Ele foi o roteirista, o diretor e o diretor geral da microssérie. E foi isso que lhe garantiu maiores poderes dentro do processo de produção da microssérie.

Quaderna se reencosta na cadeira.

QUADERNA

E como você pode provar isso?

O DISSERTADOR

Pelas marcas deixadas no roteiro da microssérie e *emails* que foram encaminhados

pelos roteiristas. O conjunto de *emails* mostra a força do poder de decisão de Luiz Fernando Carvalho em todo o processo de criação da microssérie. Por diversos momentos, os roteiristas Luis Alberto de Abreu e Braúlio Tavares exaltam o poder de decisão que ele tem sobre o processo de criação.

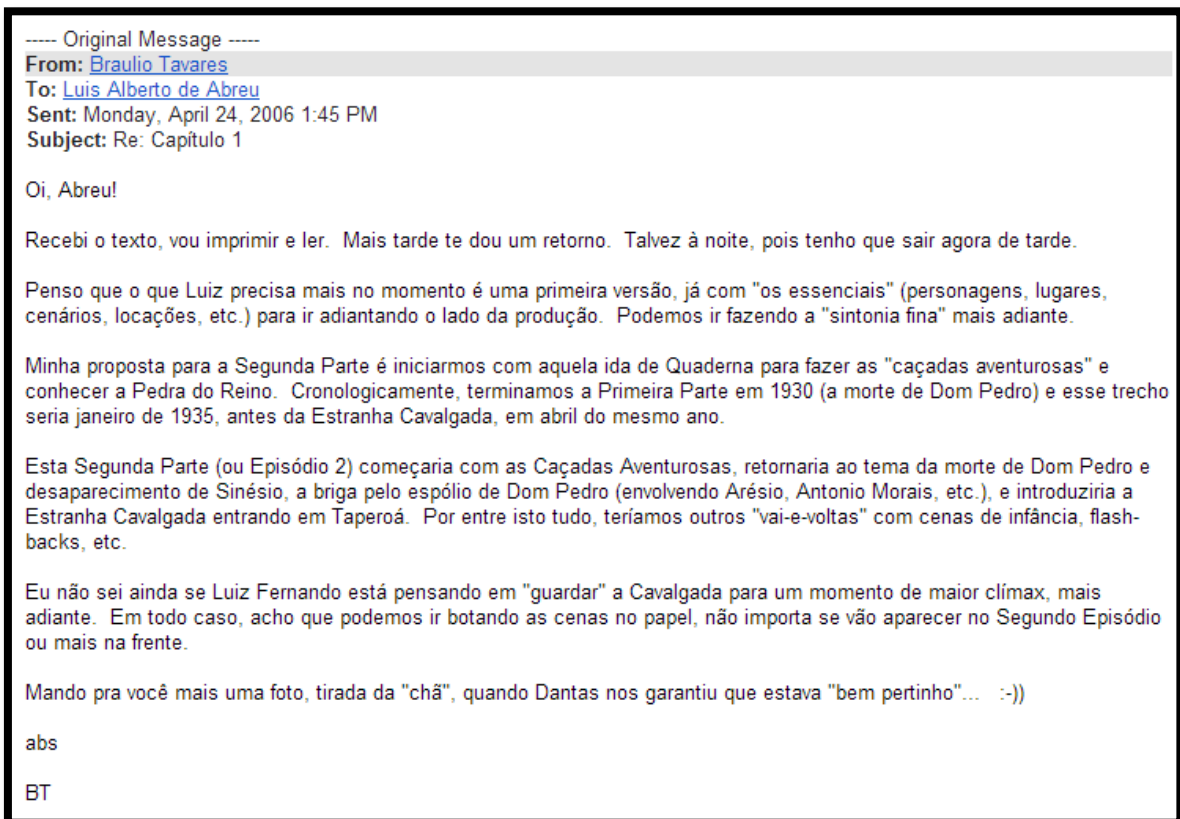
QUADERNA

Exemplo.

O DISSERTADOR

Num dos *emails*, Braúlio Tavares comenta que caberá a Luiz Fernando Carvalho a decisão de escolher onde colocar a cena da chegada da "estranha cavalgada" na microssérie. Ele diz apenas para escreverem e deixar que o Luiz Fernando Carvalho decida em qual momento isso aparecerá na série. Veja!

O Dissertador levanta uma folha de papel e mostra. Quaderna olha-a com atenção.



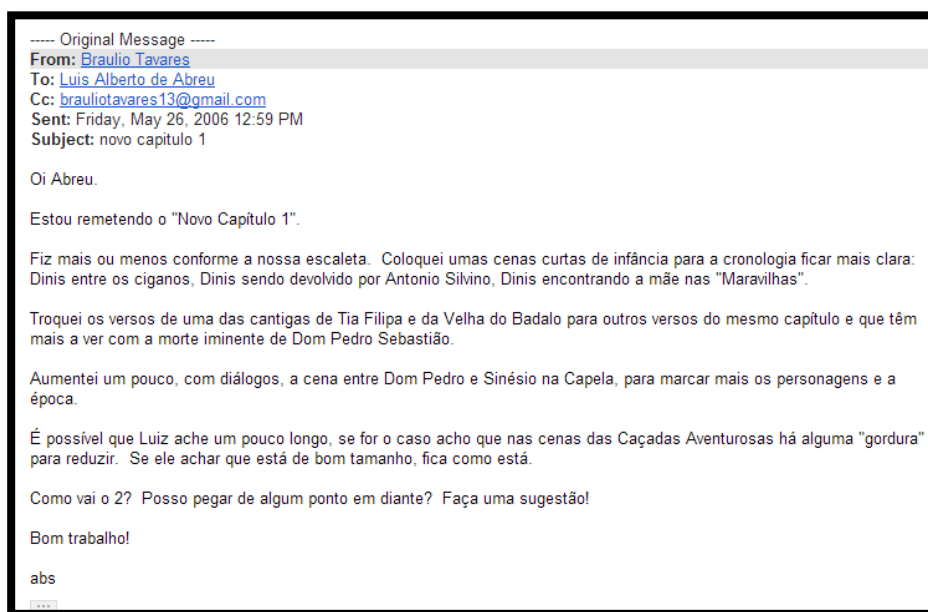
Fonte: email do pesquisador, 2013.

O Dissertador olha para Quaderna e em seguida, levanta outro papel.

O DISSERTADOR

Já em outro momento, Braúlio Tavares exalta mais uma vez o poder de Luiz Fernando Carvalho quando diz que ele poderá achar uma determinada cena um pouco longa e que, se achar isso, eles terão alguma "gordura" na cena para reduzir. Veja!

Quaderna olha para o papel com atenção.



Fonte: Computador do pesquisador, 2013.

O Dissertador abaixa o papel.

O DISSERTADOR

Podemos perceber as marcas de Luiz Fernando Carvalho ainda no processo de escrita do roteiro da microssérie. Ao lembrarmos que o último roteiro contou com a participação dele, percebemos que a estrutura se modifica. Muitas das transformações apontadas nas transformações da versão "18 - ABREU + BT - Capitulo 1 revisado.doc" na versão "23 - ABREU + LFC - Pedra do Reino Cap 1 Versão Final-I.doc" acreditamos que tenham sido devido ao seu poder de escolha.

O Dissertador anda até a sua cadeira e senta. Quaderna o olha com atenção, admirado.

O DISSERTADOR

E então... estou livre?

QUADERNA

Agora sim, você é um homem livre. Pode ir embora. Antes só precisará fazer as suas considerações finais. Mas isso você não precisa fazer aqui. Deverá seguir do modo tradicional de um projeto de pesquisa.

O DISSERTADOR

Sem problemas.

O Dissertador levanta da cadeira e anda em direção à porta da sala. Sem que ele perceba, o cenário e o conjunto de personagens que ali estão vão se transformando em sombras que, uma a uma, entram em sua cabeça.

Ele chega perto da porta e a abre. Quando saí, não há mais nada além dele mesmo.

FADE OUT:

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida nesta dissertação, sob a forma de roteiro, buscou compreender o processo de criação do roteiro da microssérie *A Pedra do Reino*, a partir do diálogo da abordagem teórico-metodológica da crítica genética com os estudos sobre o processo de criação de roteiros.

Durante esse estudo o nosso olhar se fixou na implantação da história: o momento em que deve-se apresentar o personagem e o universo ficcional para o espectador e prender a sua atenção. Ou, como Syd Field diz que o “leitor tem que saber *quem é* o personagem principal, *qual a premissa* dramática, isto é, sobre o que trata o filme, e a situação dramática – as circunstâncias que rodeiam a ação” (FIELD, 2001, p. 60).

Nesse processo, o paratexto, composto pelos *emails* trocados pelos roteiristas, foi essencial para remontarmos a cronologia dos documentos de criação e para servir de testemunho para algumas escolhas narrativas efetuadas pelos roteiristas. Daí pudemos perceber a importância de cruzar documentos diversos de modo que um venha a comprovar o outro.

A análise dos documentos nos fez perceber, também, que o roteiro da microssérie *A Pedra do Reino* foi marcado por um movimento genético de intensa síntese: do primeiro documento do nosso prototexto para o terceiro, assistimos o enxugamento de tramas, personagens e informações que, num primeiro momento, foram planejadas e escritas pelos roteiristas. O que resultou numa redução de vinte páginas, com 3492 palavras.

Se, antes, no momento de concepção das primeiras ideias, os roteiristas haviam pensado em adaptar mais de uma obra literária do escritor Ariano Suassuna, no decorrer do processo, tal ideia foi sendo abortada e eles passaram a recriar apenas o universo da obra literária *Romance d’A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta*.

Durante o estudo realizado, percebemos que houve, ainda, um movimento de deslocamento de registros textuais ao longo da escrita de diversas versões. Observamos que alguns registros textuais que haviam sido eliminados da escrita de diversos documentos, foram alterados e reinseridos em outros momentos da narrativa.

Acompanhamos ainda os movimentos dos criadores na busca de ressaltar o papel de Quaderna como o protagonista, e narrador, da microssérie *A Pedra do Reino*. Observamos que Luis Alberto de Abreu participou de todo o processo de criação do roteiro, enquanto que Luiz Fernando Carvalho (LFC) só interferiu, efetivamente, na escrita das últimas versões e isso trouxe importantes alterações para a estrutura do mesmo, principalmente quanto à opção por

um roteiro menos linear e mais próximo do “vai-e-volta” presente no título da obra em recriação.

Só é importante ressaltar que, por ser uma dissertação de mestrado, neste trabalho só apresentamos uma pequena parte do dossiê genético compilado que, como já dissemos, é extremamente extenso e instigante, capaz de mostrar diversas etapas do processo de criação em análise. Mas pretendemos continuar o desenvolvimento desta pesquisa no doutorado, observando outros elementos como, por exemplo, as marcas autorais de cada roteirista e o poder de decisão que foi conferido a Luiz Fernando Carvalho no referido processo de criação. Estes foram elementos que pensamos, inicialmente, em observar no mestrado, mas que tivemos que deixá-los de fora para que pudéssemos nos concentrar na análise dos documentos de criação da implantação da história.

Acreditamos que este trabalho ofereceu contribuições aos estudos da Crítica Genética, uma vez que ressaltou a característica transdisciplinar dessa metodologia processual, aproximando tais estudos, daqueles sobre a criação de roteiros para obras audiovisuais.

Por fim, acreditamos que, ao propor a nossa dissertação na forma de roteiro, colaboramos com as discussões que têm buscado propor novos modos de apresentação do conhecimento científico. Ressaltemos, aqui, os percalços que foram pensar um roteiro como trabalho acadêmico; por se tratar de um gênero diferente da dissertação, com características próprias, tivemos que usar de criatividade para superar alguns problemas que se apresentaram sem que, contudo, o nosso trabalho perdesse a sua validade enquanto uma dissertação. Por isso, buscamos conservá-lo em sua moldura acadêmica tradicional, como: resumo, *abstract*, introdução e considerações finais. Deixamos ao roteiro o espaço do desenvolvimento do trabalho em si e da análise que realizamos.

Destacamos, assim, a importância das limitações para o desenvolvimento deste trabalho. Afinal, a um roteirista não cabe só a missão de imaginar e construir histórias, mas saber criá-las da melhor maneira possível à partir das condições de produção que lhe são impostas antes mesmo da elaboração de sua obra. Considerando as restrições que um roteirista enfrenta, ele precisa ter habilidade para não incorrer no risco de produzir algo inviável de ser realizado, até mesmo por uma questão de não ser ter a tecnologia para a sua produção; ou, mesmo, por falta de recursos financeiros e humanos.

REFERÊNCIAS

ABREU, Luiz Alberto de. **Capítulo 1.** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <paulotrocolis@gmail.com> em 07 Abr 2011.

ABREU, Luiz Alberto de. **Projeto de Pesquisa de Mestrado:** Processo de criação de roteiristas. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <paulotrocolis@gmail.com> em 11 mar 2011.

ABREU, Luiz Alberto de. **Re:** capítulo 1. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <paulotrocolis@gmail.com> em 07 Abr 2011.

BIASI, Pierre-Marc de. **A genética dos textos.** Tradução de Marie-Hélène Paret Passos. Porto Alegre: RDIPUCRS, 2010 [2000].

CARVALHO, Luiz Fernando de. **Re:** Agenda. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <paulotrocolis@gmail.com> em 17 abr 2011.

COMPARATO, Doc. **Da Criação ao roteiro:** teoria e prática. São Paulo: Summus, 2009.

Projeto Memória Globo. **GUIA ilustrado TV GLOBO:** novelas e minisséries. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2010.

GUIMARÃES, Roberto Lyrio Duarte. **Primeiro traço:** manual descomplicado de roteiro. Salvador: EDUFBA, 2009.

GRÉSILLON, Almuth. **Elementos de Crítica Genética:** ler os manuscritos modernos. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007 [1994].

FIELD, Syd. **Manual do Roteiro.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MACIEL, Luiz Carlos. **O poder do clímax:** fundamentos de roteiro de cinema e TV. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MADEIRA, Carla. **Contato de Luís Alberto de Abreu.** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <paulotrocolis@gmail.com> em 10 fev 2011.

MCKEE, Robert. **STORY:** substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiro. Curitiba: Arte & Letra, 2006.

ROTEIRO DE CINEMA. **FAQ – Perguntas Frequentes**. Apresenta dez perguntas e respostas sobre roteiro. Disponível em: <<http://www.roteirodecinema.com.br/faq.htm>>. Acesso em: 22 ago 2012.

SALLES, Cecília Almeida. **Crítica genética: fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística**. São Paulo: EDUC, 2008.

SUASSUNA, Ariano. **Romance d’A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

TAVARES, Bráulio. **Material “A Pedra do reino”**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <paulotrocolis@gmail.com> em 14 fev 2011.

TAVARES, Bráulio. **Capítulo 3** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <paulotrocolis@gmail.com> em 17 Abr 2011.

TROCOLI, Paulo. **Processo de criação da microssérie A Pedra do Reino**. Salvador. Em ago 2012. Entrevista concedida a Paulo Trocoli.

D1 Tempo. **Roteiro europeu (A/V)**. Imagem do roteiro europeu. Disponível em: <http://d1tempo.com/wiki/images/Roteiro_europeu_01.png>. Acesso em: 22 ago 2012.

WATTS, Harris. **On Camera**. São Paulo: Summus, 2010.

WATTS, Harris. **Direção de câmera: um manual de técnica de vídeo e cinema**. São Paulo: Summus, 2010.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Documentos do Prototexto (em CD-ROM)

APÊNDICE B – Tabela com a cronologia dos *emails* (em CD-ROM)

APÊNDICE C – Cena-a-cena dos documentos do prototexto (em CD-ROM)